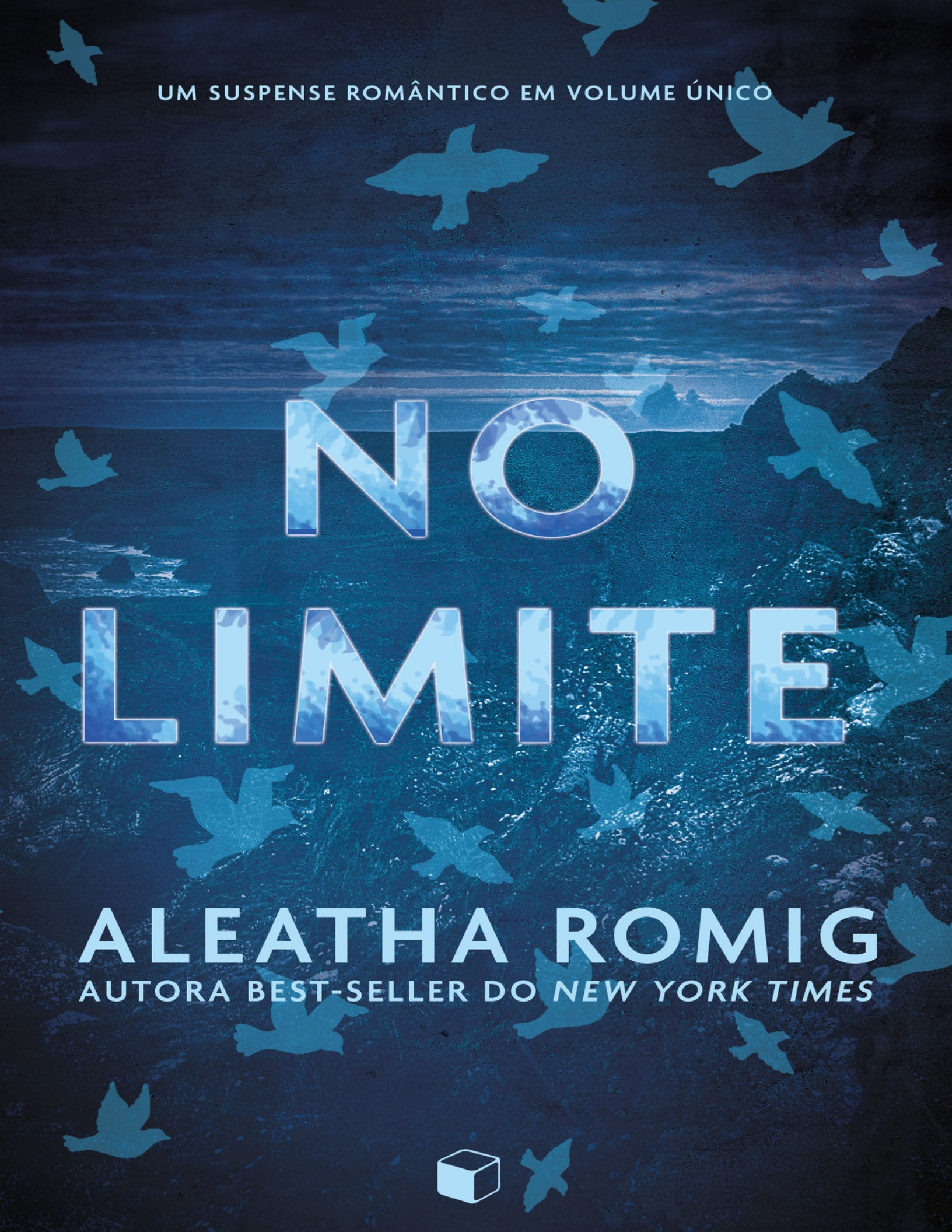
UM SUSPENSE ROMÂNTICO EM VOLUME ÚNICO
NO LIMITE
ALEATHA ROMIG
AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

ALEATHA ROMIG

NO LIMITE

Traduzido por Janine Bürger de Assis

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2024

Copyright © Romig Works, LLC, 2022
Copyright © The Gift Box, 2024
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução:
Janine Bürger de Assis
Preparação de texto:
Mara Santos
Revisão Final:
Equipe The Gift Box
Arte de capa e diagramação:
Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

R673L

Roming, Aleatha
No limite [recurso eletrônico] / Aleatha Roming ; tradução Janine Bürger de Assis. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2023.
recurso digital

Tradução de: On the edge
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5636-311-0

1. Romance americano. I. Assis, Janine Bürger de. II. Título.

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Sumário

Início
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Sobre a autora
Sobre a The Gift Box

1

BERNIE MAZE

— Cacete, mal passou das seis da manhã — resmunguei, pegando meu telefone. Assim que vi o nome na tela, me levantei da grande cama.

Dando uma última olhada no cabelo ruivo emaranhado da mulher que ainda dormia, ajustei minha ereção matinal, entrei no banheiro da suíte, e apertei o botão verde do meu telefone. Normalmente, não atenderia ligações tão cedo. Existiam poucas exceções. Ver o nome do xerife local antes mesmo do sol aparecer no horizonte era uma exceção.

Meu primeiro pensamento foi a ruiva.

O xerife ligaria por causa dela?

Não, ela — o nome dela estava me escapando — era maior de idade.

De qualquer jeito, uma ligação das autoridades tinha a habilidade de acordar um homem em tempo recorde.

— Fritz, por que o despertador? — perguntei.

— Preciso de você no Woodland Cliffs agora mesmo. — Ele parecia estar em um túnel de vento, ou pelo menos do lado de fora.

— Você me pegou dormindo. — Não achava que admitir algo assim era um erro absurdo tão cedo no dia. — Não dá para esperar?

Fritz abaixou seu volume enquanto os sons ao fundo aquietaram.

— Bernie, te liguei como cortesia. Minha próxima ligação é para Wilma Turner. Sugiro que você chegue aqui primeiro. Vai acontecer um bom controle de danos que deveria terminar antes que ela e outros estejam envolvidos.

— Controle de danos? O que aconteceu?

— Nós ainda não temos uma identificação positiva.

Meus batimentos aceleraram.

— Identificação positiva?

— Um corredor encontrou um corpo na praia esta manhã, por volta das quatro horas.

— O quão longe do clube? Por que o clube está envolvido? — Segurando o telefone com uma mão, abri a torneira e joguei água fria no rosto. Olhei minhas calças do smoking, camisa, e gravata da noite anterior penduradas no gancho atrás da porta do banheiro.

— Norte da 13ª Avenida. Ela foi encontrada perto das rochas, logo após o extremo norte da propriedade do clube.

— Ainda não sei o que isso tem a ver com o Woodland Cliffs Country Club.

— Como disse, não temos identificação positiva. Ainda.

Algo em sua declaração me fez parar.

— Você sabe quem é?

— Sim, venha para cá agora.

— Estou a caminho. — Apertei o botão de desligar e peguei a roupa de ontem no gancho. Não havia tempo para ir em casa e pegar roupas limpas. Colocaria a culpa na longa noite se alguém perguntasse.

Alguns minutos depois, entrei novamente no quarto do hotel, procurando pelos meus sapatos e paletó do smoking. A luz do amanhecer aparecia através das cortinas, me dando iluminação suficiente para localizar os itens perdidos.

— Bernie? — a ruiva perguntou sonolenta, levantando a cabeça do travesseiro. — Onde você está indo?

Andei até a cama e dei um beijo em seu cabelo.

— Recebi uma ligação inesperada.

Ela se virou, cobrindo os seios com o lençol.

Por apenas um momento, pensei sobre a maneira que essas belezas firmes e arredondadas pularam quando estava fundo dentro de sua apertada…

Eu não tinha tempo para relembrar.

E se tivesse, minha ereção matinal, que desapareceu durante a minha conversa com o xerife, voltaria com tudo. Andando para a porta, peguei minha carteira e coloquei uma nota de cinquenta dólares na mesinha redonda perto da janela.

— Desculpa, querida, você vai ter que tomar café da manhã sozinha.

Seus olhos verdes cerraram.

— Não faça isso. Não sou uma prostituta.

Não, ela não era. Ela era uma funcionária do country club que eu supervisionava.

— Considere uma doação para o fundo educacional. — Levantei um dedo para os meus lábios. — Lembre, isso — o que aconteceu — não é de conhecimento geral.

Seu sorriso aumentou.

— Eu tenho uma amiga, uma que precisa de um trabalho.

Claro que ela tinha.

Algum dia aprenderia a parar de pegar as funcionárias, mas enquanto elas tiverem entre vinte e vinte e dois anos, seios empinados e bocetas apertadas, não tinha certeza de que esse dia chegaria.

— Fale com Max. — Ele era responsável pela cozinha e áreas de refeições.

— Devo dizer a ele que você que mandou?

— Não, mas se ele não te ajudar, me avise.

— Obrigada, Bernie. — Ela sorriu. — Me diverti.

— Sr. Maze.

Ela acenou com a cabeça.

— Sim, certo, Sr. Maze.

Mesmo não conseguindo lembrar o nome dessa bela ruiva para salvar minha alma, a próxima vez que ela me visse provavelmente seria no clube. Poucas pessoas na folha de pagamento tinham a liberdade para me chamar pelo meu primeiro nome naquele local, incluindo aquelas que deixaram batom no meu pau.

Apesar de estar usando a roupa formal da noite passada, levantei o queixo para a brisa matinal. Tecnicamente, estava em Orange Grove, uma pequena comunidade nos arredores de Woodland. Os hotéis eram mais baratos aqui, e seus funcionários faziam poucas perguntas. Em poucos minutos, estaria de volta em Woodland, uma comunidade litorânea que faz fronteira com a mais conhecida Monterey, na Califórnia. Woodland era a comunidade perfeita para seus residentes e visitantes podres de ricos. Campos de golfe, quadras de *pickleball*, quadras de tênis, piscinas e praias ocupavam tanto espaço quanto casas. E ao longo do prestigiado litoral estava Woodland Cliffs Country Club.

Entrei atrás do volante do meu Tesla Model X, a garota que deixei para trás no quarto de hotel já era uma memória distante. Minha preocupação era o que, ou mais precisamente quem, estava esperando na praia. Meus pensamentos voltaram para quando saí do clube na noite passada. Eram mais de duas da manhã.

Fiquei para o Encontro da Colheita, um dos nossos eventos anuais que trazia nossos VIPs mais valiosos para o clube. A maioria de nossos membros eram residentes do norte da Califórnia, mas eventos como os de ontem à noite atraíam membros de fora da cidade. Nós tínhamos uma clientela de alto poder aquisitivo em todo o país e até alguns internacionais.

Para muitos deles, era uma espécie de reencontro. Adelaide Montague e Oren Demetri, por exemplo, chegaram de Londres para passar algum tempo com a família, Lennox Demetri e sua esposa, Alexandria. Ambos os casais se tornaram membros anos atrás, depois do casamento de Lennox e Alexandria. Foi Alexandria quem recomendou Woodland Cliffs. Ela tinha boas memórias da Costa Oeste enquanto frequentou Stanford, em Palo Alto, e gostava de ter a conexão, mesmo que eles raramente a visitassem e a anuidade deles custasse

mais do que o valor que algumas famílias de quatro pessoas ganhavam em um ano.

Para ser honesto, esses eram os membros que eu gostava — os que raramente apareciam na nossa porta. Eles eram muito mais fáceis de agradar.

Já que Fritz acreditava que essa mulher estava conectada ao clube, meus pensamentos foram para nosso conselho executivo. Tinham os Turners, claro. Eles eram a família fundadora. Wilma, a matriarca, era reservada e se comportava com um ar majestoso. De acordo com a *Forbes*, ela tinha todo o direito. Seus filhos e netos não eram tão socialmente conscientes. Parecia ser o resultado esperado por serem criados como sem dúvidas eles foram.

E também tinha os Cannons, Holmeses, Olivers, Harrises, Hamiltons e Bowens — todos eram pessoas com dinheiro suficiente para os tornar poderosos. Ninguém gostava de má publicidade. Meus pensamentos passaram pelos nossos livros de sócios enquanto parei na Avenida Cênica perto da Rua Treze, estacionando atrás do carro do Xerife Strong. Ele não estava sozinho. Mais policiais chegaram, mantendo os madrugadores longe da cena abaixo.

Fritz me encontrou no topo da colina.

— Nós estamos tentando liberar a cena.

Acenei com a cabeça, olhando atrás dele para a praia abaixo. Perto de um grupo de paramédicos, vi um saco em cima de uma maca. Até o pensamento de um corpo passar tempo demais na água fria e salgada fez meu estômago revirar.

— Quem é, Fritz?

— Eu gostaria que você olhasse.

Foi bom não ter tido tempo para o café da manhã ou apenas um café. Quando o paramédico abaixou o zíper e o rosto inchado e cabelo loiro apareceram, sabia quem era a vítima.

— Caralho, ela estava no clube ontem à noite.

Fritz acenou com a cabeça.

— Ellen Temple.

Ele não perguntou, ele sabia, assim como eu.

— Sim.

— Você a viu ir embora?

Tentei lembrar.

— Havia muitos membros ontem à noite no Encontro da Colheita. É uma coisa anual, você sabe.

— Um dos paramédicos disse que teve uma chamada algumas semanas atrás para a casa de Henri Turner.

Sacudi a cabeça.

— Eu realmente não tenho como saber…

— Ela estava com Henri ontem à noite? — Fritz perguntou.

Respirei fundo.

— Me diga quando eu precisar dar um depoimento. Até lá…

Ele acenou com a cabeça.

— Eu entendo, mas porra, poderia finalmente ser isso.

Isso era a hora que Henri Turner finalmente seria pego em alguma coisa.

Os Turners eram muito influentes em Woodland — cacete, na Califórnia, no país e no mundo — para que alguém como eu apontasse o dedo para qualquer um deles.

Quando Fritz fechou o saco por cima do rosto de Ellen, sacudi a cabeça.

— Porra, está certo.

2

RAE WATSON

Início de maio do ano seguinte

— Agora que as aulas acabaram nesse semestre — Robyn disse — quais são seus planos?

Levantei a cabeça para o céu limpo e ensolarado e suspirei.

— Acabei de descobrir que tenho um novo emprego.

— Cansada do supermercado?

— Cansada das horas — disse. — Não que o novo emprego seja melhor em relação as noites tardias, mas não ter que trabalhar de manhã cedo, significa que vou poder dormir um pouco mais.

Robyn acenou com a cabeça enquanto andamos para nossos carros. Quando nos conhecemos antes do nosso primeiro ano, nós duas notamos nossa semelhança, como no filme antigo da Disney onde duas meninas se conhecem em um acampamento e descobrem que são irmãs gêmeas. Nossa semelhança não é tão forte, mas nossa altura, forma do corpo e coloração são similares. Já que eu era de Ohio e Robyn da Califórnia, nós descartamos a possibilidade de sermos gêmeas. Mesmo assim, ficamos amigas.

— Entre em contato. — Ela me cutucou com o cotovelo. — Me conte se algo acontecer entre você e Frankie.

Um sorriso genuíno apareceu nos meus lábios quando imaginei o sorriso de Frankie e seus olhos azuis.

— Frankie é um paquerador. Tem sido desde o início do ano. — Sacudindo a cabeça, ajeitei a postura. — Além disso, não estou procurando por um cara. Tenho mais um ano de universidade, e então o céu é o limite. Não preciso de um relacionamento me segurando.

— Há vantagens em um relacionamento.

Chegamos nos nossos carros. Me apoiei no meu e sorri.

— Sim, você compartilhou suas vantagens, ou mais especificamente, escapadas sexuais, pelo último semestre. O que você vai fazer com o Parker lá longe em Long Beach por alguns meses?

Robyn inclinou a cabeça e sorriu.

— Irei com ele.

— Para a casa dos pais dele?

— Seus tios estão viajando por seis semanas pela Europa, e perguntaram

se ele ficaria na casa deles.

— Uau.

— É. Não posso acreditar. Eles têm dois cachorros, então o trabalho real é cuidar deles.

— Eles não se incomodam dele te levar?

— Não tenho certeza se ele perguntou — ela admitiu, se apoiando em seu Chevy Sonic. — Não ligo. Seis semanas brincando de casinha valem sair do meu trabalho.

Eu senti o desapontamento que Robyn não estava mostrando.

— Mas você amava trabalhar na creche.

— Eles me contratarão novamente no próximo ano, ou não. — Ela deu de ombros. — Me conta sobre o seu novo trabalho, e se posso me candidatar lá.

— Vou definitivamente te manter atualizada. Me disseram que eles só contratam com indicações. Se ainda estiver lá no outono, ficarei feliz em te recomendar.

— Quem te recomendou?

— Beth — disse e destranquei a porta do carro.

O rosto de Robyn empalideceu.

— Ela trabalha no Woodland Cliffs.

— É esse o meu novo trabalho.

— E o assassino à solta?

— Você assiste muitos programas sobre crimes. O departamento do xerife encerrou o caso, dizendo que foi acidental. Muito álcool e ela escorregou.

— E ninguém viu acontecer ou reportou que ela estava desaparecida.

Sacudi a cabeça.

— Vá se divertir em Long Beach. Vou ganhar tanto dinheiro em gorjetas, que não terei que trabalhar no último semestre e poderei me concentrar nas aulas.

Robyn sorriu.

— Sem gorjetas para mim, mas com bastante sexo.

O trânsito estava aumentando. Depois de viver na área de Monterey por três anos, estava acostumada com os moradores sazonais que chegavam entre os meses de primavera e verão. Esse ano, olhei um pouco diferente para os carros chiques. Talvez o Sr. Mercedez ali fosse um membro do Woodland Cliffs. Ou a Srta. Tesla. Beth disse que os garçons devem compartilhar as gorjetas com o resto dos trabalhadores da cozinha. Minha posição inicial será a de limpar as mesas. Depois dos anos servindo mesas, estava confiante que seria promovida para garçonete até o final do verão.

Levei meu Honda com seis anos para a feira ao ar livre.

Com o ruído dos consumidores e a brisa primaveril soprando meu cabelo, minha atenção estava nos produtos. Economizar era um modo de vida para uma estudante universitária falida, mas isso nem sempre incluía lanches baratos. Levantei um tomate da barraca.

— Se você apertar, pode dizer se está pronto.

Virei com a voz familiar. Meu sorriso cresceu com a visão da pessoa que Robyn mencionou.

— Oi, Frankie. Pronto para quê?

Seus olhos azuis claros brilhavam na luz do sol. Era verdade que ele era paquerador, mas isso não significava que não era bom, que seu sorriso não derretia meu interior, ou que seus ombros largos e pernas compridas não chamavam minha atenção.

— Pronto para explodir na sua boca.

Meus olhos arregalaram e sua risada preencheu o ar.

— Você está tendo uma visão, não está?

Sacudi a cabeça. E ela não era de um tomate.

Ele deu um passo para frente.

— Rae, estou tentando te chamar para sair tem um ano.

— Sério? — perguntei. — Nunca escutei a proposta.

— Porque não queria que você me desse um fora.

— E você acha que eu daria?

— Espero que não.

Franzi os lábios enquanto senti minhas bochechas enrubescerem.

— Eu sei como você pode descobrir… se eu aceitaria ou te daria um fora.

Frankie respirou fundo, seu peito inflando.

— Você quer jantar comigo?

— Você foi com tudo. Não tomar um café ou estudar. Jantar.

— Tudo ou nada, sempre digo. As aulas acabaram, e quero passar mais tempo com você além de um café.

Meu sorriso cresceu.

— Certo — eu disse, feliz que ele perguntou. — Eu gostaria de jantar com você.

Ele soltou a respiração.

— Você ainda mora onde fizemos aquele projeto para economia?

— Sim.

— Posso te pegar às sete.

— Prefiro encontrar com você.

Frankie sacudiu a cabeça.

— Não sou um estranho que você conheceu na feira. — Ele inclinou a cabeça e sorriu. — A carona é parte do encontro.

— Onde nós vamos?

— Você vai descobrir. — Ele virou na direção de sua moto. — Coloque uma calça jeans e leve um casaco.

Meus olhos arregalaram.

— Não vamos na sua moto, vamos? — Era tudo o que sempre vi Frankie dirigir, mas com certeza ele tinha um carro em algum lugar.

— Sim, Rae. Hoje à noite, te mostrarei as estrelas.

As estrelas.

Quando peguei minhas compras, uma sensação estranha de antecipação me dominou. Como uma semente finalmente deixando sua casca abrir, as raízes se libertando e um broto procurando a luz do sol. Eu não estava certa de onde isso iria com o Frankie. Só sabia que estava excitada que finalmente estava começando.

3

RAE

Mais tarde, naquela noite, com o vento soprando em meu rosto, me apoiei nas costas de Frankie enquanto descemos na direção sul da Rodovia 1. Eu nunca tinha andado de moto antes, e quando Frankie apareceu no meu apartamento, admito que tentei convencê-lo a dirigir meu carro.

O sol descia no horizonte enquanto andávamos pela rodovia singular, até que finalmente paramos no recuo sujo ao lado da estrada. De onde estávamos, tinha uma descida inclinada para uma praia arenosa abaixo.

— Onde estamos?

— Parque Estadual de Garrapata. Quando eu era mais novo, meu avô me trazia aqui. — Frankie inclinou a moto para o lado e desci.

O chão sólido embaixo das minhas botas era bem-vindo. Tirei o capacete, o vento levantou meu cabelo claro enquanto observava a vista.

— É lindo.

— Espere até o sol se pôr.

Frankie abriu uma das bolsas na lateral da moto e pegou duas sacolas de pano.

— Nosso jantar.

— É aqui aonde vamos? Sem restaurante?

— É melhor que um restaurante. — Ele abriu a segunda bolsa lateral e pegou uma toalha de praia. — Venha comigo, Rae e veja as estrelas.

Eu segui um passo atrás dele enquanto descemos pela escadaria de madeira. As colinas por aqui eram cobertas em grupos de flores amarelas, laranjas e roxas também. Mais ou menos na metade, virei e olhei para a montanha.

— Sabe, descer significa ter que subir.

Frankie riu.

— Não admiro que você seja a número dois da turma.

— Você está debochando de mim?

Ele olhou por cima do ombro largo, olhos azuis-claros brilhando.

— Só um pouco. Você sabe, fiquei impressionado pra caralho com o jeito que você lidou com macro e microeconomia. Eu não tenho problema em admitir que você é mais inteligente do que eu. — Ele deu de ombros. — Eu finalmente tenho você para mim. Acho que isso também me faz ser inteligente.

Quando chegamos na praia, Frankie esticou a toalha na areia e tirou as botas e meias.

— Tire os sapatos. É mais fácil de subir nas pedras.

Depois que tirei, ele me ofereceu a mão.

— Venha comigo antes do sol se pôr.

Olhei em todas as direções, para as ondas brilhantes, para a escadaria, e para a terra se projetando para fora da água.

— Onde estão todas as outras pessoas?

— Mesmo quando eu era criança, esse local geralmente estava deserto.

Com minha mão na dele, Frankie me levou para as pedras grandes. Em cantos e fendas havia pequenas piscinas naturais. Na maré baixa, as piscinas ganhavam vida com habitantes coloridos — estrelas do mar, lesmas e esponjas. Orelhas-do-mar brilhavam em diferentes tons enquanto o sol se punha. No alto acima da arrebentação, a vista parecia ser eterna.

— É maravilhoso — disse, me agachando e inspecionando as anêmonas coloridas.

— Não toque nelas.

Tirei a mão. Quando olhei para cima, Frankie estava sorrindo.

— Você está me provocando? Elas parecem flores.

Ele deu de ombros.

— Não estou. Elas podem picar. Quer dizer, não vão te matar, mas prefiro que nosso primeiro encontro não termine em uma visita na emergência hospitalar.

— Nosso primeiro encontro?

Frankie estendeu a mão para mim.

— Vamos. Temos um jantar nos esperando.

Antes que o sol alcançasse o horizonte, estávamos novamente na toalha. Frankie tirou uma garrafa de vinho de uma das sacolas.

— Você tem idade o suficiente, certo?

— Faço vinte e um anos na semana que vem.

Usando o saca-rolhas, ele abriu a garrafa. Depois de colocar uma pequena quantidade em um copo, ele o levantou na minha direção.

— Sempre achei que você fosse de quebrar regras.

Peguei o copo.

— Sério?

— Só um pouquinho. — Ele encheu seu copo e o levantou para o meu. — Um brinde, Rae. Para o nosso primeiro encontro.

Nossos copos bateram. Levei a borda para meus lábios e senti o gosto do vinho rosê. Era mais doce do que eu esperava.

— Gostei.

— Minha mãe sempre diz que esse é um bom vinho para iniciantes.

— Sua mãe gosta de vinho?

— É mais ou menos o que a minha família faz.

— Eles trabalham em uma vinícola?

Frankie sorriu e virou para o sol poente.

— Algo assim. Obrigado por vir aqui comigo. — Quando pegou nossa refeição na segunda sacola, ele perguntou: — Quais os seus planos para o verão?

— Trabalhar.

Ele acenou com a cabeça.

— É, eu também. — Estava prestes a perguntar onde, quando ele disse: — Talvez possamos nos ver novamente.

O júri ainda não decidiu sobre o compromisso, mas até agora, estava gostando de nossa noite.

— Você me salvou hoje — ele disse, me entregando algo enrolado em papel. — Espero que você goste de salada de frango.

— Eu gosto. Salada de frango é gostosa. — Comecei a liberar o sanduíche do papel. — Como te salvei?

— Jantar com a família. — Ele se inclinou para trás, levantando seu belo rosto para o céu escurecendo. — Aqui com você é bem melhor do que no Cliffs.

Meu apetite desapareceu.

— Cliffs, como no country club?

— É, não é tão bom assim, mas talvez um dia possa te levar lá. As piscinas são boas, mas cheias.

— Você é sócio?

4

RAE

Uma semana depois

A porta vai e vem fechou atrás de mim enquanto carregava um monte de pratos, com duas taças de vinho balançando precariamente no topo. Com minha atenção direcionada ao que estava carregando, quase colidi com outro garçom.

— Presta atenção, novata.

Até eu levantar a cabeça, tudo que vi foi a parte de trás da cabeça do cara, seus ombros largos cobertos pela costumeira camisa branca bordada do country club, e sua bela bunda também coberta pela típica calça preta. Isso seria típico para os caras. Minha camisa era padrão, na modelagem feminina, e ao invés de calças pretas estava usando uma saia lápis preta.

Indo para a área de lavagem, abaixei os pratos na esteira rolante.

— Não esqueça das taças.

Antes que as louças desaparecessem atrás da cortina de borracha, peguei as duas taças e as coloquei no largo pote de louças que já estava quase cheio. Por um mero segundo, considerei quantos potes desses eram cheios a cada dia, entre todas as bebidas servidas durante o dia na piscina, terraço, nos locais exclusivos para os VIPs, e as bebidas servidas a noite no bar e no restaurante. Para um clube exclusivo que possuía uma associação bem limitada, apostava que eram centenas de bebidas e centenas de potes cheios de copos.

Quando virei para longe dos copos, meu olhar encontrou o da minha amiga Beth. Apesar de nós usarmos o mesmo uniforme, seu corpo pequeno, cabelo ruivo brilhante e olhos verdes não pareciam em nada com o meu um metro e sessenta e oito, cabelo loiro, e olhos castanho claros.

— Obrigada — eu disse, suspirando. — O quanto essas pessoas bebem?

Um sorriso curvou seus lábios.

— Se você quer dizer líquidos, bastante. Os bares de frutas perto das quadras de tênis e *pickleball* usam engradados de água todos os dias.

— Quis dizer… *bebidas*.

— Bastante. — Sua voz abaixou. — Acho que quando bebidas de alta qualidade estão nas pontas dos seus dedos, e um motorista está te esperando no estacionamento, não tem limite para a quantidade de álcool que uma pessoa pode consumir.

Motorista?

Eu nem considerei que teriam motoristas. Minha cabeça sacudiu. Era um novo mundo para mim. Por um segundo, pensei em Frankie. Agora já saímos duas vezes, a praia e um restaurante para meu aniversário. Mesmo assim, não tive coragem de contar para ele onde estava trabalhando. Por sorte, não o vi no salão de jantar.

Esse pode ser um mundo que ele está acostumado, mas para mim, era como se tivesse entrado em um país estrangeiro, ou talvez um novo planeta.

— Demora um pouco para se acostumar — ela disse.

— Me sinto tão deslocada.

Beth esticou a mão e apertou meu braço.

— Você está se saindo bem.

— Não parece. — Fui para o lado, liberando a passagem para os outros funcionários do Woodland Cliffs Country Club depositarem suas porções de pratos parcialmente vazios, talheres e copos. — Pensei que seria como servir mesas, mas não é.

Beth olhou para o relógio acima da porta vai e vem. Para um lugar chique assim, o relógio era simples, me lembrando daqueles nas salas de aulas de todos os colégios que já frequentei.

— Menos de duas horas e estamos livres — ela disse. — Assim que batermos o ponto, venha comigo, e vou te mostrar onde os Trouxas gostam de relaxar.

— Trouxas?

— Você sabe — ela disse em um sussurro — essas pessoas sem o poder…

— Da mágica?

— Do dinheiro.

Eu conhecia Beth há dois anos. Nos conhecemos em uma aula de discursos para o segundo ano em uma faculdade comunitária próxima, onde nós duas completamos horas o suficiente para nos transferir para a Universidade Estadual da Califórnia. Nós fomos colocadas juntas para fazer um simulado de debate e nos demos bem de cara. Uma de nossas conexões era a procura constante de dinheiro. Essa procura foi o que me trouxe para o Woodland Cliffs. Beth trabalhou aqui nos dois últimos verões, e ano passado, ela continuou durante a baixa temporada.

Eu não tinha certeza se essas cidades chiques no Norte da Califórnia possuíam uma baixa temporada. Comparado com onde cresci em Ohio, as estações aqui eram somente uma, duas se você incluísse a estação chuvosa, e três se a estação de incêndios entrar na mistura. Felizmente, a estação de incêndios não mostrou a cara de um modo sério desde que me mudei para essa área.

A indicação de Beth era a razão de estar aqui hoje à noite no uniforme do Woodland Cliffs e o salto alto mais desconfortável que já usei.

— Você quer dizer que tem uma área para festejar que estava escondendo de mim?

Ela deu de ombros.

— É uma área privada na propriedade do Woodland. É fora dos limites para sócios e não-sócios. Quando chegarmos lá, você saberá o motivo.

— Ah. Estou curiosa.

— Watson, os sócios estão esperando — o Sr. Kluser, gerente da cozinha, falou com um aceno na direção do salão. Ele virou na direção de Beth. — Você também.

Era a minha imaginação fértil, ou a voz dele abaixou quando ele falou com Beth?

A resposta não importava. Eu precisava escutar. Ser demitida na minha primeira noite não estava nos meus planos.

Beth e eu acenamos com a cabeça e voltamos para o salão de jantar.

Parei na entrada e observei a total opulência. De certo modo, o simples fato de estar aqui, nesse lugar, me deixava sem ar. Era o sentimento de um peixe fora d'água ou um plebeu em um castelo.

O salão de jantar era algo saído de um livro ou talvez um filme. Desde as janelas que tomavam a parede toda com uma vista espetacular, passando pelas luminárias ornadas e brilhantes, toalhas de mesa engomadas, até os numerosos buquês de flores frescas, era espetacular.

Eu tive esse pensamento quando entrei no salão pela primeira vez para a minha entrevista. Para mim, simplesmente entrar ali era intimidador.

Não parecia ser o que os sócios achavam.

A indiferença deles era clara não somente em seus maneirismos e gestos, mas nas suas atitudes.

Felizmente, quase às dez da noite, esses sócios presentes diminuíram drasticamente. Mesmo em uma noite de sexta-feira, a cozinha parava de servir refeições para o salão de jantar às dez horas. Bebidas e sobremesas eram servidas até às dez e meia. Depois disso, era nosso trabalho limpar. Claro, se um sócio decidisse ficar em uma mesa até às onze ou meia-noite, ficávamos de prontidão. Eu ainda não havia participado da corrida louca para limpar, mas escutei histórias.

O salão principal onde eu trabalhava limpando mesas era somente uma área do clube. Existiam salas de jantar privadas com temas associados, uma suíte de cavalheiros chamada A Sala Terçã, com charutos e bebidas de qualidade, e também um salão para mulheres. Era um terraço com uma vista sensacional do

Oceano Pacífico, um bar privado e, supostamente, os melhores martinis do planeta.

De acordo com Beth, talvez seja convidada a trabalhar na sala dos cavalheiros ocasionalmente — era uma tarefa bem lucrativa e concorrida. Vagas eram raras, mas se oferecido, ela recomendava que eu aceitasse.

O terraço das mulheres nunca estaria no meu cartão de ponto. As posições eram preenchidas pelas pessoas como o cara com cabelo escuro encaracolado e belo traseiro. Sim, admitia que todo o estabelecimento era sexista. O salto preto de cinco centímetros e a saia justa eram outros exemplos.

O estabelecimento também pagava bem, e com a minha atual situação financeira e mais um ano de faculdade, escolhi guardar minhas crenças modernas e colocar um sorriso no rosto enquanto usasse o uniforme sexista.

Um dia, seria capaz de me dar ao luxo de ter meus ideais.

Hoje não era esse dia.

— Mesa dezessete — o Sr. Kluser disse enquanto passou pela porta vai e vem, de volta ao salão de jantar.

O jeito que ele ficava de pé, de braços cruzados e observando tudo, causou um arrepio pela minha pele apesar do suor que produzi durante meu turno. Era como se ele pudesse ver e escutar tudo — um sargento em um terno ao invés de uma farda.

Sr. Kluser deu um tapinha no meu ombro e inclinou a cabeça na direção da longa mesa perto das janelas.

— Aprenda os números, criança.

5

RAE

Criança.

Apesar do arrepio dos pelos da minha nuca, minha atenção foi para a tarefa do momento enquanto as palavras do Sr. Kluser reverberavam pelos meus pensamentos. Oficialmente com 21 anos, não me considerava uma criança.

Porra, passei por mais coisa que a maioria das pessoas sentadas no salão de jantar. Embora não tivesse certeza disso, era uma fácil suposição de que a vida deles foi mamão com açúcar comparada com a minha e com a de outros como eu.

Sr. Kluser franziu os olhos.

— Obrigada — murmurei quando andei na direção da mesa dezessete.

Com meus pés doendo, observei a área do desastre. Normalmente pratos e copos eram removidos o tempo todo durante a noite, mas o grupo que se sentou nessa mesa exigiu que somente um garçom os atendesse. Mais ninguém deveria se aproximar da mesa até eles irem embora.

Beth chegou ao meu lado.

— Todos nós iremos ajudar.

Olhei em volta.

— Não, vocês têm outras coisas para fazer.

— Será mais rápido, além disso, nenhum de nós vai embora até todos terminarem.

— Ei, novata — a voz pertencia ao cara que quase atropelei mais cedo — Bem-vinda à quinta dimensão.

— Desculpa por nossa quase colisão — disse um pouco timidamente. Enquanto seus ombros e traseiro estavam no meu radar mais cedo, agora que ele estava me olhando, eram seus olhos cor de mel, sorriso quase perfeito e expressão calma que capturaram minha atenção.

Sr. Boa-Pinta sorriu.

— Beth falou bem de você. Rae, certo?

Tentei pegar o quinto copo.

— Sim. — Olhei para ele. — E você é…? — Sr. Boa-Pinta não seria uma boa maneira de chamá-lo.

— Chad.

Não estava certa do motivo, mas seu nome me fez rir.

— Eu imaginava um Chad com cabelo loiro descolorido pelo sol e uma prancha de surfe.

— Todo mundo precisa de uma meta. Essa é a minha.

Quando entramos na cozinha e depositamos nossas cargas nos recipientes cinzas e na esteira rolante, perguntei:

— Eu vi você atendendo aquela mesa? Você era o garçom?

— Sim. A Sra. Turner gosta de mim.

— Ah? — Mexi as sobrancelhas.

Ele sacudiu a cabeça rapidamente.

— Você deve a ter notado. Ela era a senhora de cabelos brancos na cabeceira.

Uma risadinha subiu pela minha garganta.

— Ah, então nem tanto *ah*.

— Não.

— Por que eles não queriam mais ninguém perto deles?

Seus olhos arregalaram. E nisso, partículas douradas giraram com outros tons. Verdes e turquesas misturados em volta de sua pupila crescente.

— Você está falando sério? — perguntou.

Sr. Kluser limpou a garganta.

Virei na direção da porta vai e vem, indo na direção da grande mesa, Chad ao meu lado. O clube possuía uma política contra usar bandejas ou potes de louças ou qualquer tipo de recipiente enquanto limpavam as mesas. Acreditava-se que Woodland Cliffs era melhor que isso. Usar recipientes comuns era brega. À medida que bolhas se formavam em cima de bolhas já crescendo nos meus pés, penso que brega parecia… bom.

Claro, a minha opinião não se encaixava exatamente no mundo do country club. Talvez não entendesse os pormenores de viver no Norte da Califórnia.

Enquanto Chad e eu pegamos mais louças, eu disse:

— Falei sério. O que não sei?

— Novata, se você está trabalhando aqui, precisa aprender os nomes e aprender rápido. Primeiro, os Turners são alguns dos membros mais ricos do clube. — Ele abaixou a voz. — Top cinquenta na lista dos mais ricos da *Forbes* no ano passado. A Sra. Turner e seu falecido marido eram membros fundadores desse clube. E o que ela quer, ela tem.

Eu tentei pensar no nome.

— Televisão?

— Não, essa é uma família diferente. Pense ainda mais ricos. — Ele sorriu. — Eles fizeram sua fortuna do modo antigo.

Prostituição.

Eu não sabia por que esse foi o meu primeiro pensamento.

— O modo antigo?

— Eles herdaram.

Trabalhando juntos, logo arrumamos a mesa dos Turners e as outras apenas com a toalha de mesa. Entrando e saindo da cozinha, tentamos parecer ocupados. A cada minuto que passava, minhas pálpebras lutavam contra seu desejo de fecharem. Se não fosse pela dor nos meus pés, elas talvez tivessem vencido.

Eventualmente, a última mesa com clientes esvaziou.

Sem aviso, todos os trabalhadores entraram em modo turbo. Era diferente do que imaginei. Primeiro, depois que o Sr. Kluser fechou a entrada do salão de jantar, todas as mulheres tiraram os sapatos em um canto. Literalmente, nesse salão de jantar chique, havia uma imensa pilha de idênticos sapatos de couro preto.

— Faça isso — Beth disse, mexendo os dedos dos pés. — É ótima a sensação.

Eu gastei quarenta dólares nos meus sapatos.

— Como vou saber que terei os meus de volta?

— Você não escreveu seu nome nas solas?

Quando hesitei, ela me cutucou.

— Talvez eu tenha esquecido dessa pequena informação. Joga os seus para o lado. Amanhã, coloque o seu nome neles. Vamos lá. Nosso melhor recorde é vinte e seis minutos e quarenta e quatro segundos. Se batermos esse, todos nós recebemos um aperitivo do bar.

— Sério?

O salão de jantar era uma agitação de centros e toalhas de mesa. Cada mesa era esvaziada, limpa, seca, e coberta novamente com uma tolha de mesa nova. Outras pessoas esvaziavam os vasos. Flores frescas perfeitamente belas eram descartadas em largos sacos de lixo e os vasos vazios devolvidos para onde pertenciam.

— Amanhã — explicou Beth — antes do salão abrir para o almoço, o florista trará novas flores.

Eu fiz uma careta para os sacos de lixo cheios de flores.

— Não tem nenhum lugar para doá-las?

Os lábios da Beth formaram uma linha reta.

— Não é a sua batalha, Cachinhos Dourados.

Suspirei. Beth era a única pessoa na Califórnia que conhecia o apelido que meu pai me deu quando era criança. Escutá-lo tornava as coisas melhores.

No mesmo momento, todo mundo parou e virou na direção da cozinha.

Sr. Kluser se distanciou da parede.

— Bem perto. Vinte e sete minutos e sete segundos.

O salão se encheu com um suspiro profundo.

Ele olhou na minha direção.

— Talvez quando a Senhorita Watson pegar o jeito, vocês baterão o recorde.

6

RAE

A declaração do Sr. Kluser pairava no ar. *“Talvez quando a Senhorita Watson pegar o jeito, vocês baterão o recorde.”*

Bela maneira de chamar a atenção.

Quando mais murmúrios preencheram o salão, uma quentura desconfortável cobriu minha pele, saiu dos meus seios, subindo pelo meu pescoço até atingir minhas bochechas. Engolindo, olhei para o homem que virou o holofote para mim. Ele estava olhando na minha direção, mas não de uma maneira para nossos olhares se encontrarem. Não, seu olhar descaradamente me olhou de cima a baixo. Finalmente, ele falou:

— Não se preocupe, Watson. É difícil ocupar o lugar da Scarlett. — Com isso, o Sr. Kluser virou e entrou novamente na cozinha.

— Você foi ótima — Beth disse enquanto as mulheres foram na direção da larga pilha de sapatos.

— Só quer dizer que você pode pagar uma rodada para todos nós — uma morena falou.

Eu a vi trabalhando. Ela era uma garçonete, não uma servente como eu. Eu trabalhei como garçonete desde o ensino médio, mas de acordo com as regras do clube, todo mundo tinha que trabalhar para subir de posição. Agora estava na posição mais baixa, existia um bando de gente na minha frente.

Dei de ombros. Trabalhar no Woodland Cliffs não era meu objetivo. Já que a posição mais baixa aqui era também a posição mais baixa na minha real escalada para o sucesso, poderia aguentar um verão. Mais um ano de faculdade e as coisas mudariam.

Beth segurou meu cotovelo.

— Agora, vem comigo, e vou te mostrar como relaxamos.

Com meus sapatos na mão, sussurrei:

— Ele me dá uma sensação estranha.

— Ele?

— Sr. Kluser. — Me tremi.

Beth deu de ombro.

— É só o Max.

Max?

Ela sabia o primeiro nome dele.

— Ele estará onde relaxamos? — perguntei.

— Ah, não.

— Então ele não é um Trouxa?

Beth sacudiu rapidamente a cabeça.

— Ele é. Só que não admite.

Andando com os outros na direção do vestiário, perguntei:

— Quem é Scarlett?

— Ela trabalhou aqui ano passado.

— Ela encontrou um trabalho melhor?

— Ninguém sabe. — Beth abriu seu armário. — Ela trabalhou até o outono, mas um dia, ela foi embora.

— Ela está bem?

— Ela mandou um e-mail dizendo que estava se demitindo. — Beth deu de ombros. — Você sabe, a Califórnia é a terra de oportunidades e sonhos. Espero que os dela tenham se tornado realidade.

O vestiário ficava atrás da cozinha. Era um largo espaço que parecia que, em uma outra vida, havia sido um galpão ou talvez um estoque. Vozes ecoaram do chão de cimento até o telhado aberto enquanto eu observava as fileiras de armários. Uma mulher chamada Jean havia disponibilizado o meu após minha entrevista. Nenhum dos armários trancava na verdade.

Ela jurou que não havia problema com roubos.

Ao mover a fechadura e abrir a porta, meio que esperei ver que minhas coisas haviam sumido. Estiquei a mão na prateleira superior para a minha posse mais cara, meu telefone. Alívio me preencheu quando o levantei da prateleira.

Jean também me mostrou o banheiro anexo. Havia dois. Um para os rapazes e outro para as garotas. Nosso banheiro possuía pias, espelhos, cabines e chuveiros. Eu somente podia assumir que o dos rapazes era similar. Nós todos compartilhávamos o vestiário unissex.

Beth franziu os lábios e jogou o telefone dela de volta na prateleira de seu armário.

— Está tudo bem?

— Sim, não é nada. — Forçando um sorriso, Beth desabotoou e abriu o zíper de sua saia. Rapidamente, caiu para seus tornozelos, e ela colocou um short por cima de sua calcinha de renda. Meus olhos foram para todas as direções enquanto todos os homens e mulheres estavam fazendo a mesma coisa, removendo os uniformes do clube e colocando roupas mais casuais e confortáveis.

— Rápido — Beth disse, colocando os pés em suas sandálias. — Assim que deixarmos nossos uniformes para lavar, caímos fora daqui.

Sacudindo a cabeça, rapidamente tirei minhas roupas de trabalho e coloquei o vestido de malha e as sandálias que usei para chegar no clube. Peguei um casaco fino que trouxe para depois do pôr do sol. O Norte de Califórnia não era tão quente quanto onde cresci, mesmo assim, tinha temperaturas bem mais estáveis. Em Akron, nós podíamos ter 23 graus negativos no inverno e 32 graus no verão.

De qualquer jeito, era o início de junho e eu gostava de vestidos de verão.

— Ei, novata — Chad disse — se a Beth não te convidou para a nossa festa permanente pós-trabalho, eu convido.

— Ela convidou — disse com um sorriso.

— Passe na loja de bebidas. Você nos deve — a morena de mais cedo disse.

— Hum, tem uma aqui perto? — perguntei, simultaneamente pensando se tinha dinheiro o suficiente.

Minha resposta ganhou uma risada não só da morena, mas de todo mundo perto.

Alguns minutos depois, Beth avisou:

— Primeiro, não se preocupe com McKenzie. Ela está implicando com você. — Minha amiga se aproximou. — Escuta, Chad é legal, mas fique de olho.

— Ficar de olho.

— Sim, acho que desde que estou aqui, ele pegou toda garota novata. É uma competição para ele.

Eu queria perguntar se ela era uma delas, mas achei melhor não.

Meus lábios fecharam. Chad era bonito, mas a última coisa que precisava na vida era ser mais uma marca para um cara, especialmente um que a meta de vida era ser um surfista com cabelo descolorido.

— Eu meio que estou saindo com alguém.

— Você está? — Beth chegou mais perto. — Por que não me contou?

— Não é nada. — E depois de aceitar esse emprego, se ele me vir trabalhando aqui, provavelmente será história.

Que cara rico que pertence a um country club quer namorar a serviçal?

Sim, sair com os outros garçons — esses como eu — era um bom plano.

O cansaço que senti algumas horas atrás desapareceu enquanto os acompanhei. Nós andamos por uma área de mata, passamos por um portão, e nos encontramos em um estreito penhasco.

Meus pés pararam quando olhei para uma praia iluminada pela luz do luar uns seis metros abaixo.

— Puta merda.

Beth sorriu.

— Viu, nenhum sócio aqui. Com os advogados figurões que esse pessoal contrata, essa área era um processo esperando acontecer.

— Era?

— Você escutou sobre ela, Ellen Temple?

— A moça que morreu?

Beth acenou com a cabeça.

— Eles acham que ela vagueou por aqui. Essa é a história, mas não é verdade.

— Como você sabe?

— Porque nós estávamos aqui.

Eu olhei mais uma vez para a trilha. Ao contrário dos degraus no parque, isso era mais rústico.

— E se um de nós cair?

— Eles contratam alguém para nos substituir — McKenzie disse quando passou por mim e desceu pela trilha íngreme.

Chad levantou a palma da mão quando cheguei mais perto da trilha.

— Olha onde você pisa — ele disse enquanto a luz do luar refletiu em seus olhos cor de mel.

— Estou bem — respondi, mantendo minha mão longe da dele.

Quando chegamos na parte de baixo, Chad colocou a mão no bolso do short e tirou uma flor levemente esmagada.

— Para mim? — perguntei e um sorriso se formou.

— Você pareceu triste por elas estarem sendo jogadas fora.

Olhando o sorriso dele, estiquei a mão para a flor.

— Me diz por que a Beth te chamou de Cachinhos Dourados.

7

HENRI TURNER

— Sua mãe, senhor — Richard disse, me entregando um telefone quando entrei na minha cozinha pela garagem.

— Não estou em casa.

Richard era meu assistente pessoal, mordomo, servente, e faz-tudo. O destino foi bonzinho em nos juntar. Vários anos atrás, eu o ajudei a sair de um dilema legal financeiro. Daquele momento em diante, sua lealdade era inquebrável.

Alguns anos mais novo que eu, Richard Reynolds estava em forma. Ele mantinha seu cabelo escuro curto e arrumado. O lembrava de seus dias militares. Não havia uma tarefa que eu hesitasse em passar para ele. Ele nunca recusou um pedido.

De todas as tarefas que pedi para ele assumir, era engraçado que falar com a minha mãe era o que fazia sua testa franzir. Richard apertou um botão no telefone.

— Sinto muito, Sra. Turner. Me confundi. Escutei a cozinheira. O Sr. Turner ainda não chegou em casa. — Ele pausou e respirou fundo. — Sim, senhora. Direi a ele assim que chegar. — Depois de um momento, apertou o botão de desligar e expirou. — Ela disse que está tentando falar com você desde que você saiu do country club. — Ele acenou com a cabeça. — Ela está preocupada.

Minhas têmporas latejavam enquanto fui para o armário de bebidas e coloquei dois dedos de uísque para mim. Depois de agitar o líquido âmbar, levei o copo para os meus lábios e o esvaziei. Com uma nova energia, virei de volta para o Richard.

— Desculpa por jogar isso em cima de você, cara. Ligue de volta para ela em quinze minutos. Diga a ela que cheguei em casa em segurança. Estou ocupado com uma chamada que recebi no caminho para casa, e vou ligar para ela pela manhã.

— Uma chamada? — Ele claramente viu que eu não estava em uma chamada.

— Ou você pode dizer a verdade para ela, mas duvido que ela queira ouvir.

Richard acenou com a cabeça.

— Uma chamada. — Um sorriso apareceu em seus lábios. — Do exterior? A essa hora da noite, suspeitaria que era de Londres.

— Diga que é de Dubai. Estou trabalhando com um corretor de lá há anos.

— Sim, senhor. Dubai.

As luzes da cozinha diminuíram enquanto andava pela sala de jantar, sala de estar e sala de televisão. Essa casa era grande demais para somente um homem. Claro, não pensei isso quando a comprei, naquela época tinha o potencial de um casamento dos sonhos.

Parei no início da grande escada e olhei para cima, para o patamar escurecido. Seis quartos nesse mercado, significava que podia vender essa monstruosidade e fazer um bom dinheiro. Com duas suítes principais, um cinema, academia, e a porra de uma piscina com borda infinita, era tudo que Ellen queria. E agora, ela ecoava como um gongo em uma torre de sino vazia.

Porra, se eu vendesse, poderia usar o dinheiro para um barco maior, um que me permitiria velejar para longe dessa cidade, do negócio da família, e as memórias. A dor no meu peito me dizia que isso nunca aconteceria.

Existia uma vantagem inegável em uma casa imensa quase inabitada — reclusão.

Chegando no topo da escada, fui para a direita em vez de para a esquerda.

Minha suíte era à esquerda.

Nada me chamava na minha suíte. Ah, ela tinha amenidades: um armário de bebidas completo, uma televisão do tamanho de uma vaga de estacionamento, uma cama grande e solitária, e uma varanda que me permitia escutar o oceano enquanto caía no sono. Nada dessas coisas iria me dar o que eu procurava.

Eu sabia o que me deixou agitado. Era a porra do country club e aquele jovem, Chad.

Enquanto dirigia para casa, decidi falar com Bernie Maze. Como diretor financeiro do country club, ele me escutaria. Eu diria a ele que Chad precisava sair. Eu diria que a minha mãe acreditava que ele roubou dela. Joias ou dinheiro. Eu trabalharia na história. Claro, teria que dizer que a minha mãe estava muito chateada e desapontada com o jovem rapaz para fazer as acusações ela mesma. Ela iria ficar quieta desde que o garçom fosse mandando embora.

Eu não estava certo de como Chad possuía qualquer conhecimento do que eu havia feito, mas toda vez que ele me olhava ou falava comigo, sentia — a acusação, o julgamento, e a condenação superior. Eu não precisava receber merda de uma porcaria de garçom. A mídia me listava como um dos solteiros

mais cobiçados de Woodland. Eu poderia ter um encontro com qualquer uma das mulheres hoje no salão de jantar, até a maioria das casadas, se quisesse.

Tentei a rota tradicional com Ellen.

Isso precisava do relacionamento certo, um que eu e ela não tínhamos. Agora, estava de volta para o que sabia que podia me trazer alívio, satisfação, e o limite que precisava. Eu estive aqui antes com outras. Não era um relacionamento que podia ser mantido indefinidamente. Se a história fosse um indicador, o que nós tínhamos provavelmente não acabaria bem. De qualquer jeito, nós dedicamos muito tempo em nosso acordo com Scarlett para simplesmente virar as costas agora.

Além disso, virar as costas só era uma opção para mim.

As trancas abriram quando destranquei a porta para o corredor quase nunca usado. Fechaduras bem lubrificadas não emitiram nenhum som enquanto abri a porta para dentro. O corredor além da porta era igualmente escuro. Eu não precisava de luz. Mesmo não tendo vindo nesta direção por mais de três dias, podia encontrar o caminho de olhos fechados.

Ninguém entrava nessa área além de Richard e eu.

Para o resto dos funcionários, esses que entravam e saíam da propriedade, estava vazio, uma lembrança solene do que não queria relembrar. Só era necessário um aviso de Richard para manter os olhos e ouvidos curiosos longe. O isolamento adicional fazia um maravilhoso trabalho de conter o som.

Removendo minhas abotoaduras e as colocando no bolso, dobrei cada manga, respirei fundo, e saboreei o uísque correndo por minhas veias. Quando inseri a chave na fechadura, minha circulação rugiu com vida. Era um impulso de energia repondo o que perdi naquele chato encontro de família. A eletricidade aumentou quando antecipei o que estava atrás daquela porta.

Scarlett não sabia quando eu apareceria. Descobri que era melhor mantê-la pronta e esperando. Afinal, esse era agora o trabalho dela, sua vida — estar ao meu dispor. Talvez não tenha a aprovação pública de uma mulher bela e inteligente no meu braço como tinha com Ellen, mas definitivamente havia algo a ser dito pelos benefícios que só aconteciam em privado.

Eu possuía um nome a manter, um lugar na comunidade. Meu irmão mais velho, Harry, ficou sabendo de algumas das minhas preferências. Foi um confronto desconfortável. E mesmo assim terminou melhor do que poderia. A informação que ele pensou ser significante era somente a ponta do proverbial iceberg.

Harry concordou em manter meu segredo se eu jurasse não deixar o que era privado se tornar público.

— Não acabe nas mídias sociais, Henri. Isso iria matar a mãe. Encontre

um modo de fazer o que você quer, sem o conhecimento do público.

Eu duvidava que meu irmão quisesse que eu arrumasse minha própria acompanhante privada — um brinquedo sexual — mas sendo justo, ele não foi bem específico. E mesmo tendo uma história de tais possessões, no início, meu relacionamento com Scarlett não tinha a intenção de culminar no que era hoje. Uma coisa levou à outra. Ela se encaixava.

Scarlett entendia minhas necessidades, melhor que Ellen.

E então Scarlett cometeu um erro caro.

Talvez o que ela disse foi proferido de brincadeira.

Scarlett insinuou que se ela contasse aos outros do que eu gostava, eles não acreditariam. Ela me assegurou de seu segredo, de que ela ficaria quieta porque amava meus presentes. Eu considerei a conversa como uma ameaça de chantagem. Existia evidência em forma de fotos no telefone dela e gravações.

Eu caí na armadilha, ou mais precisamente, deixei ela pensar que caí.

Nos últimos seis meses, Scarlett Barrack cumpriu sua parte do acordo.

Ela não contou para outra alma.

Ela não podia.

As trancas nas portas e a falta de comunicação com o mundo externo ajudavam a facilitar esse silêncio. Afinal, desde aquela conversa, ela não teve a chance de falar com outra pessoa, ninguém além de Richard e eu.

Meu peito inchou quando respirei fundo e virei a maçaneta. Abrindo a porta da suíte para dentro, encontrei a minha resposta para essa longa noite.

— Henri — Scarlett disse de pé na porta do banheiro.

Seu cabelo loiro estava preso no topo da cabeça, e enquanto observei seu corpo, imaginei o que ela estava usando embaixo daquele roupão. Não importa. Eu a teria exatamente como queria logo.

Tranquei a porta atrás de mim e me virei. Meu olhar cerrou e minha voz baixou um tom.

— Tire o roupão, Scarlett.

Ela colocou a mão na faixa e chegou mais perto.

— Senti sua falta.

8

RAE

Meu movimento parou quando a trilha íngreme acabou na macia areia de uma praia. Recuperando o fôlego, fiquei de pé, fascinada pela beleza. De várias maneiras, isso me lembrava do meu primeiro encontro com Frankie. O céu escuro cheio de estrelas parecia ser infinito. As vozes ficaram mais altas e mais joviais, a lua brilhava sobre o oceano e a praia. O ritmo das ondas batendo nas rochas perto e a íngreme inclinação trabalhavam juntos para fazer esse lugar parecer ainda mais isolado.

Imensos pedaços de madeira flutuante foram arrumados em um círculo. Eu virei a tempo de ver Chad e outro cara tirarem um grande isopor de uma abertura nas pedras.

— As bebidas são por conta do clube — Beth disse com um sorriso.

— Como elas chegaram aqui?

Ela sacudiu a cabeça enquanto tirava as sandálias.

— Pete tem um barco que ele mantém ancorado perto do clube. Durante o dia, algumas cervejas fazem o caminho até seu barco. Até o pôr do sol, o isopor está cheio. Antes da correria do jantar, ele ou outra pessoa transportam o isopor para essa praia.

— Então, vocês estão roubando do clube?

Beth sorriu.

— Nós gostamos de pensar que é reapropriação de recursos e auxiliando o clube em sua incapacidade em fornecer benefícios suficientes para seus funcionários.

Chad levantou uma garrafa na minha direção.

— Cachinhos Dourados, você bebe?

— Quer dizer, um pouco… — disse quando também tirei as sandálias e fui na direção dele. Abrindo a tampa, ele me entregou a garrafa. O vidro estava gelado em minha mão. Lendo o rótulo, sorri. — Sem limão?

— Lembre-se, nós somos os criados. — Chad gesticulou em volta. — Deixa eu te mostrar por aqui.

Quando virei para a Beth, ela estava conversando com Pete e outro cara.

— Certo — eu disse com um sorriso incerto. — Tem muita coisa para ver?

— Mais do que você imagina.

Meus dedos do pé estavam cobertos de areia quando chegamos perto da linha da água. Antes de chegarmos no oceano, Chad virou em um pequeno caminho que eu não teria notado se ele não estivesse liderando. Logo, estávamos escalando largas pedras.

— Tome cuidado com as piscinas naturais — ele disse. — Algumas das criaturas podem ser afiadas.

— Criaturas? — perguntei, parando no lugar, lembrando das que vi com Frankie, as anêmonas que ele disse que podiam picar.

Chad levantou sua mão livre na minha direção, com a palma para cima.

— Estrelas do mar, Cachinhos Dourados, não tubarões.

Tomando cuidado em onde pisava, declinei a mão de Chad e fiquei um passo atrás dele. Rapidamente, estávamos em um alto penhasco. Gotículas das ondas batendo abaixo chegavam em nosso rosto. Alguns passos para trás e as pedras eram lisas e secas.

— A Beth te alertou sobre mim? — Chad perguntou quando nos sentamos.

Prendendo o vestido em volta dos joelhos, acenei com a cabeça.

— Foi dito para prestar atenção, ou me tornaria mais uma de suas conquistas.

— Isso ainda existe?

— Não sei. É um ditado que lembro da minha mãe usar.

Chad deu um gole em sua cerveja.

— De onde você é?

— Você está dizendo que não pareço ter nascido e sido criada em Monterey?

— Se fosse, acho que teria te notado antes.

— Ohio, perto do Lago Erie. Me mudei para cá há três anos. — Sorri. — E de alguma forma fiquei fora do seu radar até hoje.

— Não é verdade. Te notei quando você veio para a entrevista. Só para você saber, apostei dez dólares em você completando uma semana.

— Completando? — perguntei.

— Ficando na equipe.

— Uma semana inteira. Uau, estou impressionada com sua confiança.

— Aturar os sócios babacas cansa rápido. McKenzie não acha que você tem o que é necessário.

Os sócios como Frankie, ou outros dos homens mais velhos embasbacados no salão de jantar?

— A Beth apostou? — perguntei, imaginando se minha amiga sabia sobre essa aposta.

— Não, mas ela sabe da existência. Nós apostamos em todos os novatos. — Ele chegou mais perto. — Só para constar, a Beth acha que você dá conta. Ela é uma boa garota, e não acho que ela te recomendaria se não pensasse que você conseguia.

Suspirando, observei as águas escuras quando a brisa tirou meu cabelo do rosto.

— Até agora… — Não estava certa se confiava no Chad, mas também, ele tornava falar fácil. — … não são os sócios. Eu quase não os notei. É o Sr. Kluser e… — Hesitei.

— McKenzie?

— Odeio ser a nova pessoa em qualquer lugar.

— Diz a garota que se mudou para o outro lado do país.

— Isso foi diferente — eu disse. — Meu pai morreu.

— Sinto muito.

— Eu também. Ele era ótimo. Era ele que me chamava de Cachinhos Dourados. Foi câncer. Não gosto de pensar nisso. Ele ficou doente um pouco antes do início do meu último ano do ensino médio, e foi tão rápido. A boa notícia foi que isso me ajudou a qualificar para alguns empréstimos e bolsas de estudo. Perto do final do meu último ano, minha mãe se casou novamente. Eric é legalzinho, mas ele é mais novo que minha mãe, e para a minha formatura, descobri que seria uma irmã mais velha.

— Uau.

— É, não me entenda errado. Estou feliz por eles. — Dei de ombros. — Acho que a nova vida da Mamãe me colocou de lado, o último passo, por assim dizer. Não foi difícil decidir que era hora de seguir em frente. — Olhei para a água. — Mamãe seguiu em frente com Eric, e agora Jendy, ela tem dois anos. Por mais que não goste de ser a novata, não gosto de ser a lembrança do velho. Você sabe, aquele vestido no armário que não cabe mais, mas você não quer se livrar?

— A comparação com o vestido está um pouco perdida para mim, mas entendo.

Continuei minha resposta.

— Meus tios vivem perto de São Francisco. Minha tia me ajudou a encontrar onde morar, e sei que eles estão ali se precisar deles. Acho que vi uma oportunidade e aproveitei.

— Vou assumir que o seu pai não te deixou uma bela herança.

— Isso deveria ser óbvio pelo meu emprego atual. — Remexi meus dedos dos pés doloridos. — Por que eles querem que usemos esses sapatos? Meus pés estão me matando.

— Escutei que melhora. — Chad acenou com a cabeça na direção da cerveja. — Beba e a deixe ajudar.

— E você? É daqui?

Chad bebeu o resto da cerveja de sua garrafa e a colocou na pedra entre nós.

— Sul da Califórnia. Nesse momento, estou vivendo o sonho e trabalhando para aquela meta de surfista.

— Então bajular viúvas ricas é como se faz isso?

— Falando sério, estou fazendo algumas aulas, tentando melhorar minha proposta para um doutorado em fisioterapia.

— Estou vendo um tema — surf e boa forma.

Chad deu de ombros.

— A Sra. Turner me deixou uma gorjeta de quinhentos dólares hoje.

Meus olhos arregalaram.

— Está falando sério?

Ele acenou com a cabeça.

— Nós só temos que compartilhar uma porcentagem. As gorjetas se somam. A Sra. Turner é uma boa pessoa. Ela gosta de privacidade e quer o mínimo de interação possível entre a equipe e a família dela.

— A quanto tempo você trabalha aqui?

— Perto de três anos.

— Então, você conhecia a moça que morreu?

Ele levantou o queixo para a brisa e o oceano.

— Não dê bola para as fofocas, Cachinhos Dourados.

— O que você acha que aconteceu com ela?

— Dinheiro.

Coloquei as mãos atrás de mim e me inclinei.

— Quinhentos dólares. — Sacudi a cabeça. — Talvez um dia ganhe gorjetas assim.

A expressão de Chad fechou.

— Beth te alertou sobre mim. Deixe-me te alertar sobre alguns dos sócios. Nunca aceite trabalhar fora do clube em festas privadas, e fique de olho no quão perto você chega de alguns dos homens.

— Beth disse que alguns sócios podem ser atrevidos.

— Não tenho certeza se é limitado aos sócios. — Ele pausou. — Não, tenho certeza. Não é.

— O que você quer dizer?

— Você sabe o que o dinheiro compra? — Chad perguntou ao invés de responder minha pergunta.

— Tudo — respondi.

— Imunidade.

Ele estava falando sobre a mulher que morreu?

— De? — perguntei.

— Tudo. A imunidade só funciona para aqueles que tem dinheiro. Pessoas como você e eu… — Ele suspirou. — Só fique de olho.

Nós dois viramos quando o som de risadas chegou mais perto.

— Ei — Beth disse — sem festas particulares.

— Foi isso que escutei.

— Você está pronta para ir? — ela perguntou.

Levantei minha cerveja pela metade.

— Acho que posso jogar fora.

Chad esticou a mão para a garrafa agora morna.

— Não se preocupe. Estou aqui para salvar sua cerveja. — Ele sorriu para Beth. — Viu, sou um cavalheiro.

Depois que voltamos para o topo do penhasco, foi só depois de estarmos no carro que Beth perguntou o que aconteceu com Chad.

— Ele foi legal. Um cavalheiro.

— Sem tentativas de te beijar.

— Talvez eu não seja o tipo dele. E acho que estou namorando alguém.

— Você já olhou em um espelho? Você é o tipo de todos os homens. Agora, me conta sobre esse talvez namorando alguém.

9

ASHLEIGH TURNER-MAXWELL

Levantando as cobertas, me ajeitei em nossa cama quando Caleb virou na minha direção. Meu marido estava apoiado em dois travesseiros e com seu tablet na mão.

— Estou preocupada com Henri.

Caleb expirou e apoiou o tablet no colo.

— Bem, não fique. Seu irmão é um babaca egocêntrico que acha que a porra do mundo todo deve a ele um modo de viver. Eu não sei por que sua mãe atura a idiotice dele.

Apertei o pote de hidratante e um punhado caiu em minha palma. Esfregando minhas mãos, deitei a cabeça e olhei para o teto. Eu não estava vendo a madeira ornamentada ou a superfície texturizada. Meus pensamentos estavam de volta ao country club. Mamãe nos chamou para discutir o futuro das Indústrias Turner. Todos nós sabíamos que esse momento chegaria. Depois que nosso pai faleceu inesperadamente em um acidente com um pequeno avião perto da costa, era só questão de tempo antes que ela cansasse de toda a responsabilidade. O tempo chegou.

Com ela, meu irmão mais velho Harry — Harrison para aqueles que não estavam em sua curta lista — passou sua vida inteira sendo preparado para ser o sucessor de nosso pai.

Ele não era o único.

Eu também me dediquei. Quatro anos de graduação em Stanford e um MBA na UCLA me deram a educação que o meu pai pensou ser necessária. Mesmo ele nunca tendo me dado as responsabilidades que deu para Harry, subi até o prestigioso título de Vice-Presidente de Relações Internas. Era um jeito chique de dizer que supervisionava nossas diferentes localidades, nossos gerentes regionais, e nossas várias despesas.

Harry podia saber mais sobre as funções da nave mãe, mas quando era para ter certeza que os satélites estavam operando e dando lucro, isso era comigo. E o homem ao meu lado possuía um título tão impressionante quanto o meu. Sua especialidade era trabalhar com os investidores e os manter felizes. Quando Caleb e eu nos casamos, hesitei para que ele entrasse no mundo das Indústrias Turner. Talvez tivesse medo dele me ressentir ou que eu acabaria o ressentindo.

Isso não aconteceu quando meu pai estava no controle.

Pelos últimos sete anos desde sua morte, Harry e nossa mãe trabalharam em conjunto e mantiveram as Indústrias Turner rentáveis. Com o clima atual, essa era uma conquista.

— Você acha que as coisas vão mudar quando Mamãe entregar as rédeas completamente para Harry?

Caleb virou na minha direção, seus olhos verdes um pouco embaçados.

— Não para nós.

— O que isso quer dizer?

— Nada.

Coloquei minhas alianças de volta em minhas mãos recém hidratadas.

— Sei que você e Harry são próximos. Estou certa de me preocupar com Henri? Ele parecia… estranho hoje.

— Sério, Ash. Quando seu irmão não parece estranho?

— Ele ainda não superou Ellen.

— Então ele precisa crescer, confessar, ou seguir em frente. A aversão dele pelo country club é ridícula.

— Confessar? — Eu me recusava a acreditar que meu irmão tinha alguma relação com o que aconteceu com Ellen. Eu lembro dele ir embora e Ellen ainda estar presente no Evento da Colheita. Foi isso que disse ao xerife. Acho que é isso que lembro. Sacudi a cabeça e pensei em coisas melhores. — A Ellen amava o country club. — Um sorriso apareceu nos meus lábios. — Ela, Marley e eu nos divertíamos tanto na varanda. Algumas vezes, Mamãe se juntava a nós.

A varanda era na maior parte, porque eles não diriam que totalmente, uma área das mulheres no clube. Com uma bela vista, piscina, e bar, nós podíamos tomar martinis e gargalhar por horas.

— Não é a mesma coisa sem ela.

— Fico feliz que você pode finalmente falar sobre ela.

Dei de ombros.

— Ash, pare de dar tanto poder ao Henri. Você gostava da Ellen. Você pode lembrar dela com carinho. Você decide o seu papel com Harry e as Indústria Turner. Se Henri quer fazer biquinho e fazer um espetáculo de si mesmo, é o direito dele. Pare de deixá-lo te puxar para baixo.

— Eu o apresentei para Ellen. Me sinto responsável.

— Foi você quem a empurrou?

— Não. E nós não sabemos se ela foi empurrada.

— Nós não sabemos, porque sua mãe encerrou a investigação.

— Não gosto de vê-lo — meus pensamentos voltaram para o jantar, —

como ele estava hoje à noite. Você viu como ele foi grosso com Chad?

Caleb colocou o tablet na mesa de cabeceira e sacudiu a cabeça.

— Sua mãe provavelmente deu para Chad uma gorjeta de duzentos dólares. Você acha que ele realmente liga para o que Henri Turner disse para ele?

— Não sei. Sei que Mamãe gosta do Chad. Espero que ele não recuse ser nosso garçom. Ela é tão cética em relação a alguém novo.

— Gorjeta. De. Duzentos. Dólares.

Franzi o nariz.

— Você acha que Chad pensa que isso é suficiente?

Caleb sorriu e se inclinou na minha direção.

— Bebê, alguns dias acho que você entende o mundo. E outras vezes, te vejo como quem seus pais te criaram para ser.

O cheiro do perfume de Caleb acariciou meus sentidos, e o calor de seu peito desnudo me chamou para mais perto.

— Não é verdade — protestei. — Entendo o mundo melhor que meus pais.

— Melhor que sua mãe? — Ele sacudiu a cabeça. — Não acho que seja verdade. Existem dois mundos diferentes naquele clube. Você imagina se duzentos dólares foram suficientes. Esse é o seu mundo — nosso mundo. O outro mundo vê duzentos dólares e pensa se aquilo é parte do aluguel deles, ou prestação do carro, ou talvez vá comprar comida. Para aquele mundo, duzentos dólares é uma fortuna.

Suspirando, acenei com a cabeça.

— Você está certo. Só sei que Mamãe podia deixar muito mais. E com Henri sendo um idiota, acho que Chad merecia.

Os lábios de Caleb encontraram os meus quando ele me deitou. Seu peito largo pressionou meus seios e sua respiração aprofundou. Segurei em seus ombros quando seus lábios desceram.

10

ASHLEIGH TURNER-MAXWELL

— Caleb. — Seu nome escapou pelos meus lábios, talvez como um protesto, mas do jeito que a minha respiração também aprofundou, estava inesperadamente excitada com sua abordagem direta. Mesmo assim, havia uma parte de mim que sentia a necessidade de resistir. — Está tarde. Nós dois precisamos acordar cedo.

Seus lábios continuaram irredutíveis enquanto desceu uma das alças do pijama pelo meu ombro e depois a outra. Seus beijos baixaram até que encontraram meus seios. Cada mamilo recebeu sua atenção, lambidas e mordiscadas. Os choques desceram através de mim, dos meus seios para meu centro.

Meu marido colocou a mão embaixo do short de cetim do pijama, me encontrando desnuda. Sua cabeça levantou e seus olhos verdes encontraram os meus.

— Desde quando você parou de usar calcinha para dormir?

Sorri quando o calor aumentou sob minha pele.

— Não é só para dormir.

— Merda.

Desci e abri os joelhos enquanto Caleb explorava sua nova descoberta, primeiro com os dedos e depois com os lábios. Era fácil me deixar levar por seu carinho. Quando nos casamos, e antes, nossa vida sexual era excelente. Nós encontrávamos desculpas para ficarmos juntos. Ou negando convites de amigos à noite, ou uma rapidinha no banheiro da lanchonete local durante o horário de almoço, nossa vida sexual era uma novidade excitante.

Era parte da razão de ter me apaixonado por Caleb. Ele nunca parecia interessado no meu nome, ou na fortuna e negócios da minha família. Ele estava genuinamente interessado em mim. Ficar com Caleb me deu uma faísca que achei atraente e convidativa. Era atraída para ela como uma mariposa para a luz. A maneira que ele fazia me sentir era algo como um livro de uma história de amor ou talvez um romance erótico. Só de pensar nele poderia deixar meu centro molhado e fazer meus mamilos ficarem eretos.

Isso foi há quinze anos.

Nós juramos nunca nos tornarmos “aquelas” pessoas. Pessoas que deixavam a vida, trabalho e responsabilidade interferirem no que mais

importava. Quando nós estávamos na casa dos vinte anos, erámos cheios de ideais. Provavelmente como Chad e outros que trabalhavam no country club. As possibilidades deles não eram restritas pelas expectativas da vida. Eles eram jovens e podiam ver a vida como uma tela em branco, uma esperando pela musa certa ou talvez pela cor certa de giz.

Seis meses atrás, pedi o divórcio ao Caleb.

Eu não parei de amá-lo.

Não parei de gostar dele.

Não parei de precisar dele.

Era a combinação de aceitar a morte de Ellen e das questões que a morte dela trouxe. Eu continuava imaginando, se eu morrer, havia realmente vivido?

Caleb e eu havíamos feito o que dissemos que não faríamos: nos distanciamos.

Não, eu não traí.

O que mais importava era que não ligava se ele tivesse.

Ele se mudou.

E então, depois de um tempo separados, nós dois percebemos que estávamos dispostos a tentar. Ele estava de volta em casa, e nós estávamos fazendo terapia pelos últimos quatro meses.

Nosso divórcio estava parado.

Ninguém além de nós e meu advogado sabia que eu havia pedido o divórcio. Caleb ficou na nossa casa de praia, e ninguém sabia de nada. Meus irmãos ficariam furiosos. Harry ficaria do meu lado, e eu não queria acabar com a carreira do Caleb. Não era justo com ele. Eu não estava certa de como minha mãe teria recebido a notícia. Eu assumi que ela teria sido solidária na minha frente e então dito ao Harry que falhei na única coisa que uma mulher deveria fazer — ser uma esposa.

Negócios não eram com a minha mãe, não até nós três estarmos mais velhos. Ela entrou nos negócios de uma maneira menos convencional. Não havia formação em administração. Minha mãe aprendeu os segredos de ser uma fera na sala de reuniões com o melhor, meu pai.

Já que decidi remover a calcinha antes de vir para a cama, acho que posso dizer que a terapia está funcionando. E agora enquanto meus nervos formigavam na sequência de um tremor médio, fiz o meu melhor para me concentrar no homem em cima de mim.

Minha própria essência combinava com o gosto de pasta de dente quando a minha língua e a de Caleb dançavam. Seu corpo sólido pressionava contra o meu quando sussurros de amor e promessas a serem cumpridas enchiam meus ouvidos.

Minhas costas arquearam e meu centro alongou quando viramos um.

Eu me deixei me perder no ritmo de Caleb, o som de sua respiração, e a quentura de sua proximidade. Nós nos encaixávamos juntos como sempre encaixamos. Ele era tanto familiar quanto novo. Nós éramos abertos a explorar novas maneiras de revigorar nossa vida sexual. Compartilhar essas experiências com alguém que amo por uma larga porcentagem da minha vida, me fazia me sentir segura.

O terapeuta me disse para não pensar demais. Mas, quando meu corpo acendeu mais uma vez e pequenas explosões aconteceram, não tinha como não pensar demais. Eu sabia do meu segredo por duas semanas e queria contar ao meu marido.

Quando nos tornamos novamente dois, voltei para o lado de Caleb após me lavar e suspirei.

— Para de pensar sobre Henri — ele disse, levantando o braço por cima do meu ombro no quarto escurecido e me puxando para seu lado.

Por um momento, me consolei com a batida constante de seu coração.

— Não estou, pelo menos não agora.

— É sua mãe?

— Não.

Ele virou para mim.

— Todos esses anos, Ash, sei que é alguma coisa. O que é?

Segurando a respiração, confessei:

— Estou grávida.

11

RAE

Fechando meu armário, suspirei. Uma semana. Completei uma semana. Chad estava parcialmente certo sobre os sapatos. Ou eles ficaram melhores, ou meus pés estavam dormentes demais para notar.

— Vindo para a festa? — Chad perguntou com um sorriso.

Ao mesmo tempo, apertei o botão na lateral do meu telefone, vendo duas mensagens de texto do Frankie.

Olhando para o Chad, sorri.

— Estou vendo alguém. Eu acho.

— Bem, lá se vão os meus planos para te encantar nas pedras com as piscinas naturais. — Ele sacudiu a cabeça. — Você está se saindo bem, novata. Venha se divertir.

Acenando com a cabeça, disse que iria.

Em seguida, li as mensagens de texto.

Estou com saudades de você.

Me responda antes que eu pareça carente.

Um sorriso curvou meus lábios e respondi.

Acabei de sair do trabalho. Estou livre amanhã. Dois dias completos de folga.

Esperando, fiquei em pé de costas para os armários enquanto as pessoas em minha volta trocavam os uniformes por roupas mais confortáveis.

— O que foi? — Beth perguntou, olhando para o telefone em minha mão.

Suspirei.

— Perdi mensagens do Frankie. Respondi, mas ele provavelmente já deve estar dormindo.

— Pensei que os Bowens não iriam embora nunca. É quase meia-noite.

— Talvez devesse ir para casa.

— Vem para a praia para uma cerveja ou só para conversar. Todo mundo está cansado. Não vai durar muito. — Ela sorriu. — Afinal de contas, nós precisamos limpar o isopor para o Peter ter lugar para o estoque de amanhã.

— Acho que todo mundo tem que fazer sacrifícios.

Logo estava vestindo um short e casaco, e eu e Beth estávamos andando o caminho estreito para a praia abaixo.

— Obrigada — eu disse.

Ela virou, me olhando por cima do ombro.

— Pelo quê?

— Esse emprego. O salário é bom, e o compartilhamento de gorjetas é ainda melhor.

— Você vai passar para garçonete. E quando passar, as gorjetas serão ainda melhores.

Os números estavam vindo para a mente: aluguel, comida e contas. Meu carro era velho e quitado. Mas não significava que não havia despesas com combustível e manutenção.

Quando chegamos na areia, pessoas estavam sentadas em velhos troncos com bebidas na mão.

— Novata — McKenzie disse. — Você conseguiu.

Consegui.

Uma semana.

— Consegui.

Ela levantou a cerveja.

— Bom trabalho.

Logo, todo mundo estava conversando, mas seu simples elogio me deixou feliz por ter decidido vir aqui. Quanto mais conhecia essas pessoas, mais gostava delas.

Chad sentou ao meu lado e me deu uma cerveja aberta.

— Então, quem é esse cara?

Peguei a cerveja.

— Nos conhecemos na Cal State.

— Você gosta do tipo inteligente.

Dei de ombros.

— Ele é legal.

— Você está dizendo que ele não tentou dormir com você?

Sentando reto, encarei Chad, que começou a rir depois de alguns segundos.

— Pega leve, Cachinhos Dourados. Se você gosta dele, tenho certeza de

que é um cara legal.

Me inclinei na direção de Chad.

— Também gosto de você. Não dessa maneira — completei rapidamente. Meu olhar deu a volta no círculo. — Gosto de todo mundo aqui. Estou surpresa, mas gosto. Eu te disse que odeio ser a novata, mas todo mundo aqui fez ser tolerável.

— Mas especialmente eu. — Seu sorriso brilhava na luz do luar.

— Sim, especialmente você.

— Obrigado por não me fazer perder dinheiro.

— Consegui, mas vou dormir pelos próximos dois dias.

— Coisa boa — ele disse. — O final de semana do Memorial Day[1] está chegando.

— É tão grande?

— Mais do que grande — Chad disse.

Beth estava certa, a festa não durou muito. Todos nós estávamos cansados. Sem demorar, todos nós subimos pelos penhascos.

Meu apartamento escuro me recebeu. Subindo na cama ainda vestida com o short e casaco, caí profundamente no sono. Quando acordei, meu estômago estava roncando, e o sol estava entrando pela janela do quarto. O relógio no meu telefone dizia que já havia passado de uma da tarde. Também mostrava uma mensagem de texto.

> Acho que estamos em dois fusos horários diferentes. Que tal um jantar hoje à noite?

Olhando para o teto, pensei no homem que enviou a mensagem. Chad estava certo. Frankie era legal. Ele foi um cavalheiro, dando as mãos, mas nada mais. Não significava que não pensei sobre mais.

Frankie era alto, mais alto que eu, e quando o sol atingia seus olhos azuis-claros, eles brilhavam como o sol sobre o oceano em um dia ensolarado. Sua mão era quente. E eu gostava de sua risada e tranquilidade. Nada parecia demais para ele. Talvez fosse porque ele vinha do outro lado, os não-Trouxas.

Meu sorriso diminuiu e me preocupei sobre contar para ele onde trabalhava.

O que ele pensaria?

Nem todo mundo nascia rico. Isso não tornava a minha família ruim. Minha mãe e Eric trabalhavam duro, e meu pai também havia trabalhado. Eu não me envergonhava do que estava fazendo. Eu só não sabia como…

As palavras não vinham.

Pensei em evitar a conversa iminente dizendo para Frankie que estava ocupada.

Levantando da cama, fui para a cozinha colocar o café para fazer e fiz uma parada no banheiro. Meu longo cabelo claro estava uma bagunça e a maquiagem de ontem à noite deixou rímel borrado sob meus olhos. Esticando os braços, sorri para meu reflexo descabelado.

— Você conseguiu — disse para mim mesma. — Chad ganhou a aposta, e McKenzie me elogiou.

Com um sorriso ainda nos lábios, fui até meu telefone e mandei uma mensagem para Frankie.

Não quero soar carente, mas também estou com saudades de você. Que horas e onde?

Enquanto estava bebendo meu café e lendo e-mails, a resposta de Frankie chegou.

Seis horas. Posso te levar no clube.

Embora não tivesse certeza de quando iria confessar sobre o meu emprego, sabia que não estava pronta. Respondi.

Preciso usar salto no trabalho. Você se incomoda de ir para algum lugar mais informal?

Sua resposta apitou na mesma hora.

Desde que esteja com você, estou feliz com sanduíches no parque.

Meu café assentou no meu estômago enquanto acenei com a cabeça e respondi.

Encontro marcado.

---

[1] Memorial Day é um feriado oficial em homenagem aos homens e mulheres das Forças Armadas norte-americanas que tombaram em combate pelo seu país.

12

HENRI

Eu li a nota que minha assistente, Lucy, deixou na minha mesa quando entrei no escritório. Os quatro primeiros assuntos eram coisas normais, ligações e e-mails para responder. Não era nem oito da manhã e Lucy tinha três e-mails prontos na minha pasta de rascunho. Se eu desse OK para eles, era simplesmente clicar em enviar. A quarta linha me fez cerrar a mandíbula.

Ashleigh quer te encontrar para almoçar.

Uma semana se passou desde o jantar da nossa família no country club. Se fosse do meu jeito, tempo em família não precisava ser preenchido tão cedo.

Minha irmã era autoproclamada em nossa família para controlar tudo. Alguma hora nos últimos sete anos, o que nossa mãe parava de fazer, Ashleigh assumia. Eu não podia culpar a Mãe por ser mais egocêntrica enquanto o tempo passava. Porra, ela possuía o dinheiro para fazer o que quisesse. O fato de ela ainda estar envolvida nas Indústrias Turner significava uma coisa no que me dizia respeito. Significava que ela não tinha fé na habilidade do Harry para comandar tudo sozinho.

Na verdade, preferia ter a atenção da Mãe nos negócios das Indústrias Turner do que na vida pessoal de seus filhos e netos. Os garotos do Harry e da Marley estariam os dois no Ensino Médio nesse próximo outono. O mais velho no penúltimo ano, e Tim, o mais novo, no primeiro. Ou talvez eles tivessem atingido esses níveis no final do ano escolar anterior.

Se manter atualizado nas atividades de crianças me interessava tanto quanto almoçar com a minha irmã. Felizmente, filhos não estavam no meu futuro. O Destino fez uma boa escolha.

— Sr. Turner — Lucy disse quando abriu a porta do meu escritório. — Tenho o seu café e Lewis Dewalt está na linha dois.

— Obrigado, Lucy. Preciso da garrafa toda para essa conversa.

Ela entrou no meu escritório, levando a xícara de café para minha mesa.

Eu seria cego em não notar o modo que sua blusa e saia serviam, me dando uma amostra de suas curvas embaixo, ou a maneira que seu sapato de salto fazia suas pernas torneadas aparecerem. Quase dez anos mais nova que eu, Lucy era uma das melhores assistentes que já tive, e estava determinado a não a

perder para acusações de assédio sexual.

De qualquer modo, quando ela virou na minha direção, não tive como impedir a imagem dela ficando de joelhos e abrindo seus lábios pintados, implorando pelo meu pau.

— Você quer que eu transfira a ligação? — perguntou.

Respirando fundo, afastei meus pensamentos ilícitos de quão talentosa ela seria me chupando enquanto me sentava atrás da minha mesa, meu pau endurecendo de repente embaixo da minha calça social. Desabotoei o paletó, confiante que sentei antes que Lucy pudesse notar minha ereção. Levantei o café.

— Sim, transfira a ligação, e então ligue para minha irmã e diga a ela que tenho um compromisso no almoço. Podemos tentar outro dia.

Lucy parou de repente e virou na minha direção. Seus belos lábios pintados não estavam mais sorrindo.

— Me desculpa.

Depois de dar um gole no café, coloquei a xícara na mesa e olhei para ela.

— Desculpa. Por quê?

— Antes de mencionar o almoço, a Sra. Maxwell perguntou sobre sua agenda. Ela sabe que você não tem um compromisso no almoço. Eu disse para ela.

— Caralho — balbuciei. — Está bem. Diz para ela me encontrar ao meio-dia na lanchonete da Pine. E ligue antes para segurar uma mesa.

A lanchonete na Pine Street não aceitava reservas, oficialmente. Havia algumas vantagens nessa cidade e um pouco além com o sobrenome Turner.

— Sim, senhor.

Segundos depois de Lucy fechar a porta, uma luz piscou em meu telefone, indicando a chamada em espera. Antes de atender, arrumei minha ereção, um pouco surpreso depois de todo o treino que dei a ele essa semana, ou deveria dizer, Scarlett deu, tanto que estava tão facilmente excitado. A suíte dela estava sendo minha distração desde o último episódio com minha família.

Aceitei a chamada.

— Henri — Lewis Dewalt, o homem a frente dos meus investimentos pessoais, falou pelo telefone. — Estava pensando como você se sentiria sobre uma nova empreitada.

Minha mente foi para a mulher em minha casa. Talvez estivesse ficando entediado com ela sendo tão complacente. Não havia como discutir que ela podia fazer um belo boquete, mas ela também era bem melhor em entender seu papel e meus desejos singulares. De qualquer modo, um desafio seria

convidativo.

Eu poderia pegar Lucy, mas isso significaria encontrar uma nova assistente.

— Tenho a sua atenção, Henri?

Virei minha cadeira na direção das janelas com vista para o oceano e me reclinei, removendo a pressão do meu pau.

— Sim, Lewis. Algo novo parece bem intrigante. Me diga mais.

Não havia nada como uma discussão de quinze minutos sobre o futuro das criptomoedas e da apreciação para investir em arte para reduzir a dor de uma ereção. Quando desliguei, minha circulação estava de volta ao normal, e forcei meus pensamentos para os assuntos do dia.

Perdido em um mundo de gastos, fiquei surpreso com uma batida na porta do escritório.

Olhei para o relógio no canto da tela do computador. Faltavam dez minutos para o meio-dia.

— Entre.

Lucy abriu a porta e entrou.

— Senhor, sua irmã.

— Caralho — disse, levantando e pegando o paletó que tirei mais cedo. — Ligue para ela e diga que vou me atrasar cinco minutos.

— Quer que peça um carro para você?

— Não. Porra, andar é mais rápido. — Era, e pela vista além das minhas janelas, era um belo dia de primavera. Quando passei por Lucy, completei. — E ligue para a lanchonete. Vou querer uma salada de nozes pecã com frango e um chá. Quanto mais rápido a comida chegar, mais rápido posso me livrar da minha irmã.

Lucy sorriu.

— Sim, senhor.

13

ASHLEIGH TURNER-MAXWELL

A Fresh Deli não era longe do prédio de escritórios onde ficava a sede das Indústrias Turner. Eu meio que esperava ver Henri quando desci o último lance de escadas para o saguão. Considerei esperar, enviar uma mensagem de texto, ou ligar. Nós podíamos andar os poucos quarteirões juntos, e talvez pudesse definir o tom, um onde ele talvez fale comigo.

Mas, quando chegou perto de meio-dia, decidi andar sozinha.

Shelly, uma das donas da lanchonete, veio assim que entrei, me dizendo que a assistente do Henri solicitou a reserva de uma mesa perto das janelas e havia enviado o pedido de Henri antecipadamente. Depois de me levar até a mesa, ela conversou por um momento antes de escrever meu pedido.

Além das altas janelas, o sol iluminava o gramado do pátio externo. Se Henri não tivesse reservado essa mesa, iria sugerir que hoje seria um ótimo dia para almoçar do lado externo.

— Aqui está sua limonada — Shelly disse com um sorriso. — Se ele te deixar esperando, irei guardar a conta para ele.

— Obrigada, Shelly. Se ele me deixar esperando, ele irá me dever mais do que um almoço.

— Fico feliz de o Sr. Turner ter você por perto.

— Não tenho certeza de que ele fique, mas obrigada.

Verifiquei meus e-mails no telefone e dei goles em minha bebida enquanto esperava. Um boletim de notícias apareceu em minha tela. Antes de ler, vi um rosto familiar. Não foi Henri que vi, mas Chad, do Woodland.

— Chad — chamei.

Sim, era casada, estava trabalhando nesse casamento, e recém grávida, mas tinha olhos e eles funcionavam enquanto observei Chad desde seus tênis de lona, subindo por suas pernas torneadas, bermudas cáqui, e blusa esportiva. Não era como se ele fosse um moleque. Chad estava facilmente na casa dos 25 anos.

Homens podiam olhar para mulheres mais novas; por que mulheres não podiam olhar para homens mais novos?

Minha atenção foi para o volume na frente de sua bermuda. Sem dúvida, algo estava perdido sob as calças pretas e blusa branca que ele usava no clube. As protusões proeminentes e ângulos apertados estavam em plena exibição em seu traje atual. O olhar do Chad veio na minha direção, segundos antes de um

sorriso aparecer em seus lábios.

— Sra. Maxwell.

Peguei minha bolsa e abri a carteira.

— Eu gostaria de te agradecer por ser tão bom para minha mãe. Sei que nem todo mundo na minha família é tão amigável quanto ela.

Chad afastou meu gesto.

— Não precisa, Sra. Maxwell. A Sra. Turner é mais do que generosa, e aprecio ela sempre pedindo por mim.

Dobrando uma nota de cem dólares, a estiquei em sua direção.

— Por favor, isso é meu e do meu marido. Seu trabalho duro não passa despercebido, e algumas vezes minha mãe é menos generosa do que deveria ser.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não posso aceitar, mas obrigado. — Ele acenou com a cabeça. — Tenha um bom dia.

— Você também, Chad — respondi, um pouco surpresa por ele não aceitar o dinheiro.

Guardei a nota novamente na minha carteira, e depois de a guardar na bolsa, passei a alça sobre minha cadeira. Quando virei, encontrei o sorriso do meu irmão.

— Você não deu dinheiro para aquele parasita, deu?

Sentei mais reta.

— Olá, Henri. É ótimo te ver novamente. Sinto muito por não ter me despedido na outra noite, mas você foi embora meio que de repente.

Desabotoando o paletó, Henri soltou o ar e sentou na cadeira de frente para mim.

— O jantar havia acabado. Eu gosto de jogar conversa fora com a nossa família o tanto quanto outros gostam de ser torturados por afogamento.

— Não é tão ruim assim.

— Pior, se você me perguntar. — Ele olhou em volta. — Pensei que minha salada já estaria aqui.

— Respire novamente. Falei para eles aguardarem você chegar para trazê-la para a mesa.

Henri olhou para seu relógio.

— Tenho uma chamada em…

— Duas horas, de acordo com Lucy. Não vou te prender aqui por tanto tempo.

Henri cerrou a mandíbula quando se sentou mais reto.

— Se esse é o seu check-in quinzenal, estou bem.

— Está?

— Que porra isso quer dizer?

— Shhh — repreendi, me inclinando para a frente. — Pega leve. Você está constantemente no limite.

Meu irmão chegou para trás, enquanto um brilho estranho passou por seus olhos.

— Estou bem, Ash. Só prefiro passar minhas noites sem a benção da família. Além disso, estou trabalhando para manter minhas opções em aberto. Assim que Harry empurrar a Mãe para fora das Indústrias Turner, estarei desempregado.

— Você não estará, mas e daí? Você poderia viver no mar, se quisesse, em um barco grande e chique.

— Você e Caleb também poderiam. — Ele pausou quando Shelly entregou nossas saladas. Quando ela foi embora, ele continuou. — Ou isso é uma visita para você me dizer que finalmente está se divorciando e navegando em uma jornada solo?

— Não, Caleb e eu estamos bem.

— Certo. — Henri pegou seu garfo. — E Harry vai me dar as chaves do reino quando ele tiver o poder.

— Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

— Estou, Ash. Não precisa se preocupar. Não planejo fazer um espetáculo público de mim mesmo tão cedo. Eu só não ligo para o clube. Não sei por que nossa Mãe insiste em comer lá. Porra, pede pizzas e come na casa dela.

— Talvez ela queira uma desculpa para sair. Ela se sente confortável lá.

Ele limpou os lábios com o guardanapo.

— Eu não gosto, especialmente do salão de jantar. Os funcionários lá olham para a Mãe como se ela fosse feita de dinheiro. Aquele Chad é o pior do grupo.

— Fazendo o que, servindo a mesa? — Inclinei a cabeça na direção do balcão, onde Shelly estava falando com outro cliente. — Shelly também é culpada? Talvez nós devêssemos ficar de olho em todos os garçons. Pode ser uma conspiração. Acho que eles repõem nossos cafés só para ganhar um dólar a mais. — Sarcasmo escorria de minhas palavras.

— Não diga que não te avisei.

— Me avisou sobre o quê?

— Chad. Ele parece estar aprontando algo. Você nunca sabe o que se passa na cabeça de uma pessoa tipo essa.

— Uma pessoa tipo *essa*? Tipo o quê? — Quando ele não respondeu, confessei a minha tentativa de dar dinheiro a ele mais cedo. — Ofereci ao Chad uma gorjeta extra pela outra noite.

A testa de Henri franziu.

— Por quê?

Não queria dizer para ele que era porque pensei que ele, Henri, foi um babaca.

— Acho que um serviço excepcional deve ser recompensado.

— Bem, você fez uma boa ação hoje. Pegou um recibo? Os contadores podem tornar isso em uma dedução. Doação para os pobres.

Quando Shelly retirou os pratos, meu telefone vibrou.

Era o boletim de notícias que ignorei mais cedo. A foto na tela era de uma bela jovem loira. Pausei quando olhei sua foto.

— O que foi? — Henri perguntou.

Levantei meu telefone e mostrei a tela para ele.

— Essa mulher. Parece familiar. Você a reconhece.

Henri sentou mais reto.

— Não.

Comecei a ler.

— Diz aqui que ela está desaparecida desde o último outono, o Departamento de Xerife de Woodland está abrindo uma investigação. Aparentemente, sua prima fez várias ligações e não foi capaz de encontrá-la, sem contato dela há meses. — Continuei a ler. — Ah, ela trabalhou no Cliffs Country Club. Policiais agora acreditam que deve ter algo mais ligado ao seu desaparecimento. — Olhei para a expressão neutra do meu irmão. — Tem certeza de que não lembra dela?

Henri pegou duas notas de vinte dólares de sua carteira e as colocou na mesa.

— Eu tenho uma ligação, Ash, uma que esqueci de avisar a Lucy. — Ele forçou um sorriso. — Obrigado por se preocupar comigo. Farei um esforço para agraciar o Cliffs com a minha presença. — Ele ajeitou os ombros. — Sério, estou bem. Feliz que você e Caleb também estão. — Ele levantou. — Preciso ir. Dê o que sobrar para a Shelly e a mantenha longe da minha lista de parasitas.

Henri não esperou por uma resposta antes de ir embora.

14

RAE

Todo mundo no country club estava acelerado. O Memorial Day estava se aproximando, e de acordo com todos os funcionários da cozinha e do salão de jantar, o próximo final de semana era um dos maiores e mais cheios do ano. Sócios extremamente ricos vinham de todos os lados — estado, país, e até do mundo — para participar dos três dias de extravagância.

Carregando uma pilha de pratos para a esteira rolante, notei o modo que o Sr. Kluser estava olhando para seu telefone. Geralmente, ele observava seu domínio como um leão. Não, era mais como uma serpente, cerrando os olhos. Talvez uma cascavel, pronta para dar o bote.

— Watson, acelera o passo — ele disse acima do barulho da cozinha.

Virando nos meus calcanhares, voltei para o salão. Três mesas de sócios foram embora recentemente e três famílias esperavam para sentar. Um momento antes de eu chegar na porta vai e vem, o Sr. Kluser segurou a parte superior do meu braço e me puxou em sua direção. Sua mudança abrupta da minha direção me fez bambear em meus saltos altos. Me equilibrei enquanto olhei para sua expressão, meus batimentos de repente descontrolados.

— Você não é mais uma novata. Se organize.

Respirei fundo, minhas narinas dilatando enquanto trabalhei para segurar minha resposta.

— Dez minutos — ele disse. — Arrume as mesas e volte para meu escritório.

Meus olhos arregalaram.

— Não sei o que você quer. Estou indo tão rápido quanto as outras pessoas.

— Meu escritório. — Ele soltou meu braço.

Rapidamente, voltei para o salão de jantar, sem ter certeza se estava puta, nervosa, chateada, ou os três. Minhas emoções já estavam dispersas. Eu não via Frankie a quase uma semana. Ele me mandou mensagens de texto, mas disse que estava ocupado demais para sair.

Eu não tinha como não imaginar se seu motivo era verdadeiro, ou se ele havia me visto aqui no clube. Eu não queria falar desse assunto por mensagens.

Além disso, minha mãe, seu marido e minha irmã queriam me visitar. Eric tinha a rara oportunidade de folga durante o feriado, mas sabia que com

todas as preparações, teria sorte de ter algumas horas livres durante as manhãs. Enquanto estava tentando fazê-los reconsiderar a data da visita, minha mãe usou Jendy como chantagem.

— Mas, Rae, sua irmã quer te ver. Ela quer que você lhe mostre a praia.

Recentemente, a única praia que frequentava era a praia restrita dentro da propriedade do clube.

Estava começando a acreditar que eu voltava todo dia para a festa pós-trabalho porque gostava da camaradagem. Estar lá me dava um senso de pertencimento, mais do que qualquer outra razão. Na praia era a única hora que todos os funcionários podiam relaxar e conversar. Durante essas conversas, também estava aprendendo alguns pedaços interessantes de informação — ou era fofoca — sobre vários sócios e suas famílias. Até o momento, ninguém havia mencionado os Hamiltons, a família do Frankie.

Talvez isso significasse que eles não eram os encrenqueiros que outros sócios podiam ser.

Depois de limpar a terceira mesa antes de Peter a arrumar para os próximos sócios, depositei os últimos utensílios e copos na cozinha e olhei em volta. O Sr. Kluser não estava em nenhum dos seus lugares usuais, olhando tudo que estava acontecendo. Um rápido olhar confirmou que a porta de seu escritório estava fechada.

Respirando fundo, comecei a andar na direção do escritório do Sr. Kluser. Estive lá no dia que fui contratada, preenchendo formulários para impostos e assinando meu nome em várias páginas de regras, incluindo um termo de sigilo.

Se falar com outros funcionários era parte do acordo, não conhecia ninguém que não tivesse quebrado a regra. Felizmente, onde nos reuníamos toda noite na propriedade estava a salvo de monitoramento de segurança.

Minha pele arrepiou de antecipação quando ajeitei minha saia preta e entrei no pequeno corredor, na direção da porta do escritório do Sr. Kluser.

Beth saiu do banheiro feminino dos funcionários, bloqueando meu caminho a apenas alguns metros da porta. Seus olhos verdes apertaram em questionamento.

— Aonde você está indo?

— O Sr. Kluser me mandou ir para seu escritório.

Beth inspirou e se esticou, ficando o mais alta que seu corpo pequeno permitia.

— Não vá.

Sacudi a cabeça.

— Beth, não posso perder esse emprego. Quando fui contratada, pedi

demissão do outro. Com as gorjetas, já ganhei mais no que teria ganho no dobro de tempo no supermercado.

Ela segurou minha mão e me virou na direção da cozinha.

— Nós temos três novas mesas, e tem reservas até depois das dez horas. Continue trabalhando. Não pare. Se Max falar algo, diga a ele que você estava tão ocupada com o trabalho que esqueceu.

Meu estômago revirou.

— O que está acontecendo?

— Você está aqui tem algumas semanas, certo?

Acenei com a cabeça.

— Três?

— Sim. Por que isso é importante?

— Nós perdemos mais pessoas na primeira semana do que depois, com exceção da terceira semana.

A primeira semana fazia sentido. Woodland Cliffs era um mundo diferente, até mesmo de trabalhar em um restaurante regular.

— Por que a terceira semana? — perguntei com mais receio do que antecipei.

— Vamos tomar uma bebida depois do trabalho.

— Na praia com os outros?

Beth sacudiu a cabeça.

— Não. Sozinhas. Eu deveria ter sido mais aberta. Sinto muito.

Ela me puxou na direção da porta vai e vem. Virei mais uma vez, olhando para a porta fechada do escritório.

— Você tem certeza de que não vou me encrencar?

— Não — Beth respondeu. — Mas como minha amiga, não somente alguém que conheci aqui, quero que você saiba o problema que está te esperando do outro lado daquela porta.

Meus olhos arregalaram.

Um homem que não reconheci passou pela porta vai e vem. Mesmo não o conhecendo, algo sobre sua presença, não somente seu terno caro, mas seu comportamento, dizia que ele era importante. Ele parou, ficando cara a cara comigo e Beth. Seu olhar ficou um pouco em Beth antes de virar para mim.

— Onde está o Sr. Kluser?

— Ele está em seu escritório — respondi.

— Qual seu nome? — ele perguntou.

— Rae. Rae Watson.

— Eles precisam de ajuda na Sala Terçã. Você foi realocada pelo resto da noite.

A expressão da Beth endureceu e sua mandíbula cerrou.

Sem outra palavra, o homem foi na direção da porta fechada do Kluser.

— Por que ele não falou para você ir para lá? — perguntei para Beth. — Você está aqui a mais tempo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Me encontre quando terminar. Precisamos conversar.

— O que está acontecendo?

O homem entrou no escritório do Sr. Kluser sem bater.

— Esse é Bernie Maze. Existem algumas famílias, como os Turners, que tem a maioria das ações do clube. Mas, é o conselho de administração que toma as decisões. Quando se fala no conselho — ela inclinou o queixo — ele é quem está no topo. Diretor Financeiro. — Beth sorriu. — E se estou certa sobre algo mais, Max acabou de ser pego com as calças arriadas.

— Por que ele não estava no salão?

— Não, Cachinhos Dourados. Literalmente.

15

HENRI

Ignorando os outros sócios, fui na direção do bar da sala de cavalheiros do Cliffs e sentei em um banco perto do final do bar brilhante. Por mais que detestasse esse clube, apreciava a sala de cavalheiros, especialmente sem minha família presente. O rico couro vermelho da cadeira não foi notado por mim quando estudei as garrafas enfileiradas na prateleira na frente do largo espelho. Minha escolha de assento para o lado me impedia de olhar diretamente no reflexo.

Eu não estava certo de quem foi a ideia de colocar espelhos atrás de bares, mas achava a prática exaustiva. Era por que os verdadeiros bebedores encontravam suas almas gêmeas naquele reflexo? Ou seria porque dava àqueles sentados nos bancos uma visão do mundo atrás deles?

Talvez tivesse começado no Velho Oeste. Um vaqueiro precisou ficar de olho nos inimigos enquanto bebia seu uísque.

O espelho acima desse bar somente me mostraria grupos de cadeiras, poltronas aconchegantes com encosto alto e cadeiras acolchoadas arrumadas em círculos para o aproveitamento de grupos de pessoas. Eu não era um grupo. Eu era singular, e nesse momento, não precisava ser lembrado.

— Sr. Turner, o que posso fazer para você? — Bette, uma loira descolorida de seios fartos perguntou.

— Quais são minhas opções, Bette?

Seus lábios pintados curvaram.

— Eu nunca poderia te rejeitar, Henri. — Ela inclinou o queixo. — Maze está aqui no momento, entretendo alguns sócios de fora do estado. Não posso me ausentar até mais tarde.

Porra, não estava certo se queria o que ela estava oferecendo, mas por outro lado, poderia ter certeza mais tarde. Era melhor manter minhas opções em aberto.

— Vou tomar um Black Label. Deixe a garrafa bem aqui. — Coloquei a mão no bar. — Prometo, vou pagar.

— Ah — ela disse com um sorriso. — Sei disso.

Alguns minutos depois, tinha em mãos um copo com dois dedos de Black Label e uma garrafa pronta para continuar me servindo.

— Não esperava te ver aqui — meu irmão Harry disse quando sentou no

banco ao meu lado.

— Caralho, Harry, cai fora.

— É sempre bom te ver também, irmão. — Ele baixou a voz. — Sério, o que você está fazendo aqui? Relembrando? É o aniversário? Não um ano, seis meses?

— Vá se foder — disse enquanto levantei o copo para os lábios e engoli o conteúdo inteiro dele.

— Não se sente aqui sozinho, Henri. — Harry levantou o queixo na direção de um dos grupos de cadeira. — Caleb também está aqui. Você escutou a novidade?

Virei na direção das cadeiras, observando os rostos sorridentes e arrogantes, e então virei de volta.

— Pelas expressões deles, ele está celebrando. Ele vai finalmente deixar Ashleigh, ou ela escutou falar das maneiras promíscuas dele e o está jogando de lado?

— Tire a sua cabeça do traseiro.

Sorri e servi outra dose.

— Ashleigh está grávida.

Virei na direção dele.

— Bem, bom para nossa irmã. Quem é o pai sortudo?

— Saiba, Henri, que Caleb gostaria de te socar no rosto por isso. E se ele fizer, não levantaria um dedo para te ajudar.

— Claro que não. Você nunca ajudou.

— Besteira — ele rosnou perto do meu ouvido. — Primeiro de julho, as Indústrias Turner será transferida para mim. Levante sua bunda e parabenize nosso cunhado, ou dia dois de julho, estou te jogando para fora do prédio. — Ele mal pausou. — Mas não se preocupe, o caso da Ellen ficará fechado até a Mãe morrer. Boa notícia, não existe prescrição em assassinatos.

— Eu saí do clube, Harry. Eu não estava aqui.

— Vocês dois brigaram.

— Você está certo — eu disse. — Por que caralho você acha que estou me punindo seis meses depois? Sou culpado de deixar Ellen aqui, nada mais. — Peguei meu copo e levantei, endireitando os ombros. — Vou parabenizar Caleb e então irei embora. Me solte, Harry, e sobre dois de julho, veremos.

Meu irmão mais velho sacudiu a cabeça.

Quando levantei, ele andou ao meu lado. E sempre político, deu um tapinha no meu ombro enquanto anunciou para o grupo de homens.

— Olha quem encontrei.

— Henri — foi dito por todos, exceto Caleb.

Fingi um sorriso.

— Escutei que devo dar os parabéns. Não escutei as novidades até esse momento, mas — levantei meu copo — parabéns. Para meu futuro sobrinho ou sobrinha.

Caleb levantou seu copo junto com os outros e deu um gole.

— Obrigado, Henri.

— Agora, se vocês me derem licença.

Virei na direção do meu banco enquanto uma garçonete que não reconheci andou até o bar. Meus pés pararam quando ela se inclinou, falando com Bette, seu belo traseiro firme empurrado para trás. Eu desci o olhar para suas pernas torneadas e saltos altos pretos.

Ellen costumava dizer que mulheres aqui usavam saltos "foda-me" como anúncio. Se esse era o caso dessa nova beleza, eu era um comprador interessado. Primeiro, precisaria testar o produto.

Por somente um momento, pensei na mulher que pedi em casamento, a que perdi seis meses atrás. Ela não iria aprovar para onde minha atenção foi, mesmo assim, ela não aprovaria também meu brinquedo de foder lá na mansão.

Parecia que eu era uma decepção em todos os níveis.

Retomando meu assento no bar, vi Harry sorrindo em minha visão periférica.

Uma decepção que estava prestes a ficar desempregado.

— Sr. Turner — Bernie Maze falou, chegando ao meu lado no bar. — Você queria falar comigo sobre algo?

Caralho. Queria.

Abaixei a voz.

— Houve algum problema em relação àquele garçom Chad?

— No salão de jantar?

— Sim. — Sacudi a cabeça. — Estou preocupado que ele tem motivações.

— Motivações, Henri, o que você está dizendo? Você observou algo?

— Não fico confortável como ele interage com minha mãe. É amigável demais.

Os olhos do Bernie franziram.

— Claro, você é contra comportamento amigável.

— Quando é sobre minha mãe, sim. E na outra noite, quando ela chegou em casa, não podia encontrar seu bracelete. Ela está certa de que o usou. Acho que foi roubado.

— Do pulso dela?

— Coisinha frágil e velha. Ela nem notaria se alguém arrancasse.

— Vou ver isso. Prometo.

— Obrigado, Bernie.

Minha mãe não era nem frágil e nem estava sem um bracelete. Era a melhor história que pude criar em pouco tempo. Eu estava tão pronto quanto ela para deixar as Indústrias Turner. Verdade seja dita, continuava envolvido na empresa da família por ela. Recentemente, estava adquirindo um interesse em múltiplos investimentos. Além de cripto e artes, estava trabalhando em uma possível parceria com os negócios de uma vinícola. Mitchell Hamilton e eu estávamos no caminho certo, um acordo que deixaria nós dois ricos — ricos além dos nossos sonhos mais loucos. Eu não ligava para o que Harry fizesse com as Indústrias Turner quando ele assumisse o poder. Eu limparia essa merda dos meus sapatos e continuaria. Ele não precisaria esperar até dois de julho. Eu colocaria minha carta de demissão na mesa dele logo cedo no dia primeiro.

Estiquei a mão quando a bela loira passou.

— Ah, perdão — ela disse, desviando do meu toque.

— Qual o seu nome, bela garota?

Um rubor preencheu suas bochechas da maneira mais provocativa.

— Rae. Meu nome é Rae.

— Por que não te vi antes?

Ela se remexeu um pouco.

— Hoje é minha primeira noite na Sala Terçã.

Esse era o verdadeiro nome dado a essa sala de cavalheiros, quando o clube foi fundado.

Tirei minha carteira do bolso da calça e peguei uma nota de cem dólares.

— Aqui, querida, estou indo para aquela mesa vazia. Garanta que ninguém me perturbe e que minha garrafa não esvazie. — Sorri. — E irei dobrar isso no final da noite.

Ela hesitou por um segundo ou mais.

Era adorável para caralho.

Meu pau mexeu.

Talvez fosse exatamente disso que eu precisava, alguém novo em minha vida, alguém para tirar minha mente da tortura diária dos altos e baixos da vida. Sim, essa menininha pode ainda ser inexperiente, mas se eu pudesse, ela ganharia experiência na cama.

Quando me ajeitei na mesa de canto com meu copo, Rae me seguiu com uma garrafa cheia de Black Label. Ela a colocou no centro da mesa.

— Aqui está, Sr. Turner. Me avise se precisar de mais alguma coisa.

Com meu pau endurecendo, repeti:

— Definitivamente avisarei.

16

RAE

Vestindo somente um short macio e uma regata, sequei o cabelo com uma toalha e fui para a sala de estar do meu apartamento. No sofá com uma garrafa quase vazia de vinho rosê estava Beth.

— Sinto muito — eu disse, jogando a toalha na pia pela porta do banheiro quando passei os dedos pelo cabelo. — Estava me sentindo nojenta.

— É, Henri Turner pode fazer isso com uma pessoa. — Ela me olhou com seus olhos verdes. — Quanto ele te deu de gorjeta?

— Cem dólares primeiro e depois mais cem. Depois de compartilhar, só ele me deu mais gorjeta do que ganharia em um dia no supermercado. — Dei de ombros. — Ele disse que havia mais… — Deixei minhas palavras morrerem enquanto afastava as insinuações de sua oferta. Encolhendo as pernas sob mim, me joguei no outro lado do sofá e, me inclinando para a frente, coloquei o resto do vinho em meu copo. Quando sentei, Beth estava me olhando. — Disse a ele que estava ocupada. — Forcei um sorriso. — Saindo com uma amiga.

— Ele perguntou se você tinha um namorado?

Revirei os olhos.

— Depois de averiguar minha mão esquerda.

Ela sacudiu a cabeça.

— Isso não era tudo que ele estava averiguando.

Tremi. Não era tanto a temperatura do apartamento quanto as memórias.

— Não estou a venda. — Depois de tomar um gole, me recostei. — Agora, o que você quer me contar?

Ela deu de ombros.

— Você está, Rae. Sinto muito, mas isso é o que é trabalhar no Cliffs. É um constante toma-lá-dá-cá. Na maior parte das vezes, eles querem tomar.

— Eu estou o quê? O que você quer dizer?

Por um momento, minha amiga mordeu o lábio. Então ela terminou o vinho em seu copo, chegou mais perto da mesa de centro e, usando o saca-rolhas, começou a abrir a segunda garrafa. Com um novo copo cheio, Beth suspirou e recostou novamente no sofá.

— Lembra o que Chad falou, sobre apostas?

— Sim, lembro. Fiz algumas nos novos contratados.

— Sabia que você tinha o que precisava para sobreviver aqui — lá. E

porra, o dinheiro pode ser bom. Eu vi você lutando — financeiramente. Depois que sua colega de apartamento se mudou, sei que você quase perdeu o lugar.

— Agora tenho um quarto só para mim. As camas de solteiro já eram.

— Eu esperava que o Cliffs fosse ajudar.

— E eu aprecio isso. Realmente aprecio. Porra, só as gorjetas de hoje já ajudam. Se eu conseguir ser colocada na Sala mais algumas vezes, poderia ter uma poupança.

Beth olhou em seu copo enquanto ela rodava o pé da taça e o líquido girava. Quando ela levantou a cabeça, seus olhos estavam embaçados.

— O que você está disposta a fazer para ter essa poupança?

— Nada aconteceu hoje à noite. Eu posso aturar alguns babacas abusados por algumas horas.

— Mas e se algo fosse esperado acontecer?

— Isso é sobre o Sr. Kluser, o que você estava dizendo sobre as calças dele estarem arriadas?

Beth acenou com a cabeça.

— Três semanas geralmente é o tempo dele. Nessa altura, a garota já provou que aguenta o trabalho, e ela teve um gostinho do dinheiro. Não o salário, que não é terrível, mas as gorjetas. Nessa altura, ele acha que já te ganhou.

Mesmo sabendo a resposta, queria ouvir.

— Por que ele me queria em seu escritório?

— Provavelmente um boquete.

Quando fechei os olhos, meu peito estava pesado.

— Eca.

Beth sorriu.

— Não me diga que você é uma virgem de sexo oral.

— Não sou. — Não era. — Mas foi com caras que conheço, gosto, ou penso que gosto. Algumas vezes sou uma má juíza do que é bom e o que não é. — Outro pensamento apareceu em minha mente cansada. — Você fez? Com ele?

— Todas as mulheres que estão na cozinha ou no salão de jantar por mais de três anos fizeram.

— McKenzie? June? Gloria?

Com cada nome, Beth acenou com a cabeça.

— Se você quer continuar empregada, você também vai. Acho que não queria que você fosse pega de surpresa como fui.

Sacudi a cabeça.

— Não. Conte para alguém. Aquele cara poderoso, Maze. Se nós formos unidas para o conselho, eles terão que nos escutar.

— Dormir com Maze garantiu seu emprego.

— Não. — Levantei, colocando a taça de vinho na mesa. — Não vou dormir com ele. Eu o vi no salão hoje à noite. Ele usa uma aliança.

— Não você, eu. Mas sim, Max também é casado. Eles não ligam.

Suspirando, sentei novamente no sofá.

— Porra, preciso pedir demissão.

— Sério? Você é tão superior que prefere ficar sem-teto do que fazer um boquete em um cara? Pela minha experiência e histórias, são menos de cinco minutos de degradação. — Ela sorriu. — Pessoalmente, acho que foi perto de dois. Toque suas bolas, e você talvez o faça gozar até mais rápido. Ele não é conhecido por sua resistência. Pelas histórias, ele não durou nem um minuto com Scarlett.

— Histórias?

— Sim, dela. — Beth disse, seu sorriso crescendo enquanto sacudiu a cabeça. — Scarlett era algo diferente. Quer saber o segredo dela?

Sacudi a cabeça e franzi o nariz.

— Não acho que queira.

— Ela lambia o dedo, e quando ele estava na sua boca, ela provocava seu cu.

— Não. Eu não queria saber isso.

Eca. Eu tinha tomado banho, mas agora precisava de uma limpeza no cérebro. As imagens em minha mente eram umas que esperava terem sumido pela manhã. Pegando novamente minha taça, rapidamente bebi o conteúdo antes de encher completamente. Virei para Beth.

— Não sou poderosa, mas isso não é certo. Se todas nós…

— Se *todas* nós — ela interrompeu — nos opormos juntas, nós *todas* somos demitidas. Todo mundo pode ser substituído. Eles sabem disso. Nós também sabemos.

— Então vamos para a mídia. Não sei, mídias sociais, jornais locais.

— Nós assinamos um termo de sigilo.

A confissão de Beth me fez juntar os pontos.

— Então não é só uma vez?

— Não.

Não posso fazer isso.

— Espera — eu disse quando lembrei o que ela acabou de dizer — você dormiu com aquele cara? Maze?

Beth acenou com a cabeça.

— Ah Beth, você não precisava fazer isso para conseguir um emprego para mim.

— Não fiz. Fiz para manter o meu emprego, mas pensei que podia tentar por algo mais. — Ela deu de ombros. — Funcionou. Você está contratada.

— Por que ele não pediu a você para ir para a sala dos cavalheiros hoje à noite?

— Acho que na mente dele, é a minha vez.

— Sua vez? — Perguntei.

— Outra noite em um hotel, ou talvez simplesmente um boquete em seu escritório e eu recebo o serviço novamente. Acho que escolher você comigo de pé ali, foi como uma lembrança de que ele toma as decisões.

— Deus, nunca me senti dessa maneira.

— Que maneira?

— Como se estivesse encurralada.

— Ou — Beth disse — você pode pensar de outra maneira. Não dê o poder a eles. Use o poder. Scarlett me ensinou isso. Faça eles te quererem e então use isso. — Ela deu de ombros. — Se o Bernie tivesse me dado o serviço, poderia significar que ele não me queria novamente. O que ele fez foi sua maneira de dizer que quer.

Suspirando, coloquei minha taça na mesa.

— Isso, tudo isso, vai contra tudo que acredito.

— Eu entendo. Tenho um sofá se você precisar de um lugar para viver por um tempo.

Cruzando os braços sobre o peito, me recostei em meu próprio sofá.

— Porra, isso é difícil.

— Não hoje à noite, mas vai ser.

17

ASHLEIGH TURNER-MAXWELL

— O que você falou para eles, querida? — a Mãe perguntou enquanto se sentou no sofá na varanda da minha casa com o Caleb.

— Não foi nada demais. Eles foram no escritório. — Dei de ombros. — Não sei de nada. Aparentemente o nome dela é Scarlett Barrack, e trabalhava no country club.

Minha mãe sacudiu a cabeça enquanto seus olhos cinza suaves continuaram focados em mim.

— Como investidores significantes do Cliffs, nós precisamos prestar atenção em cada palavra que dizemos.

Sacudi a cabeça e dei de ombros.

— Eu não disse nada. Não sei de nada. Realmente não lembro dela.

A Mãe franziu os lábios e sentou mais reta.

— Muito bem. No futuro, acho que seria melhor se você simplesmente remetesse todas as perguntas para Lloyd.

— Lloyd lida com nossos negócios legais pessoais. Isso não era pessoal.

— Lloyd supervisiona a empresa com todas as nossas representações. Sim, nós mantemos diferentes entidades sob diferentes zonas para fins fiscais e para evitar a aparência de impropriedade, mas se a polícia te contatar novamente, ligue para Lloyd e ele saberá o que fazer.

Respirei fundo, inspirando a brisa do mar fresca enquanto observava a luz do sol dançar nas ondas do oceano. Sem prensar, coloquei a mão na barriga.

— Como você está se sentindo? — minha mãe perguntou.

— Bem. Tenho mais náusea quando acordo pela manhã. Contanto que esteja beliscando algo, fico melhor no passar do dia.

— Beliscando, você não está preocupada com ganho de peso? — a Mãe sacudiu a cabeça. — Você terá quarenta anos quando o bebê nascer. Você acha que isso é sensato?

Meu olhar apertou.

— Desculpa?

— Estou preocupada com você. Se você e Caleb precisam de uma criança para consertar o casamento, ele talvez não devesse ser consertado.

Eu não podia acreditar em meus ouvidos.

Levantando, fui para a grade e direcionei o rosto para o sol, recebendo

sua força e calor, antes de virar para minha mãe.

— Nosso casamento está bem. Nós dois estamos animados sobre começar uma família. Agora não é quarenta anos atrás quando você estava grávida de mim. Meu médico está monitorando tudo.

— Às vezes, é melhor não arriscar.

— Você está falando sobre seu neto.

— Como disse, minha preocupação é você, Ashleigh. Eu esperava que você fosse de maior ajuda para Harrisson quando nós finalizássemos a sucessão. Como você pode ser útil quando está sofrendo com enjoos matinais ou cuidando de uma criança? Espero que você tenha alguns amigos que conheçam uma boa babá, ou melhor ainda, uma *au pair*. — Ela acenou com a cabeça. — Sim, nós procuramos por uma *au pair* quando Henri nasceu.

Minha mente se encheu de várias respostas, coisas que queria dizer sobre prioridades e o fato que a criança dentro de mim era minha e do Caleb, não da minha mãe. Decisões eram nossas. No lugar, inclinei a cabeça e forcei meu melhor sorriso.

— Ah, não precisa se preocupar, Mãe. Sabe, minha data prevista de parto não é até dezembro. Até lá, você estará completamente aposentada da empresa. Caleb e eu gostaríamos de propor uma questão.

Ela sentou mais reta.

— Que questão?

— Já que você terá tempo livre, nós pensamos que talvez você gostaria de vir morar conosco e ser avó em tempo integral.

Precisei de todo meu autocontrole para não cair na gargalhada quando a expressão da minha mãe mudou de choque, para medo e finalmente divertimento.

— Você sabe — ela disse — eu adoraria passar tempo não só com o bebê, mas também com os meninos do Harry. Mas, ao invés de me comprometer com isso, sugiro que você crie uma lista de nome de babás de confiança e um bom serviço de *au pair*. Garanta que elas estejam seguras. Ah, peça para Lloyd fazer uma investigação de antecedentes. E claro, quem quer que você contrate precisará assinar um termo de sigilo.

— Você está simplesmente cheia de conselhos legais hoje.

— Ah, bem, sim. Sem mais detetives, Ashleigh. Não sem representação.

— Ainda não sei o que sua preocupação poderia ser. Essa garota é adulta. Ela se foi a quase seis meses. Talvez tenha conhecido alguém que a levou para um paraíso tropical, ou talvez tenha tido uma overdose e se foi para sempre. O Cliffs não pode ser considerado responsável por cada funcionário.

A Mãe respirou fundo, olhou para o colo, e então novamente para o

oceano brilhante.

— Prefiro que Henri não seja questionado.

Meu estômago revirou enquanto voltei para a cadeira de vime e sentei, segurando os braços.

— Por que isso seria um problema?

Ela ajeitou o pescoço e ombros antes de virar para mim.

— A garota sumiu não muito depois do infeliz acidente da Ellen. Seu irmão está lidando do melhor jeito que ele consegue.

Meus pensamentos passaram pelos últimos seis meses.

— Ele está lidando.

— Sim, mas estou preocupada sobre o futuro.

— Como o desaparecimento dessa mulher se encaixa nas suas preocupações?

A Mãe se levantou.

— Não se encaixa — ela disse definitivamente, movendo os lábios para uma linha reta. — Só faça um favor para nossa família, Ashleigh, e não fale mais com as autoridades sem representação. Também falei meus desejos para seu irmão, mas estou cansada. Abdicar das Indústrias Turner significa exatamente isso, abdicar, não entrar em problemas legais, problemas legais de família.

Meu irmão.

Qual deles?

— Você quis dizer Harry? — perguntei.

— Preciso que você respeite seus desejos e acredite que qualquer uma de suas decisões, não importa se eu concordo, são no melhor interesse das Indústrias Turner e o sonho do seu pai.

Minha mãe era boa nisso, mencionar nosso pai quando ela queria as coisas do jeito dela.

— Esse é o motivo — ela continuou — que espero que Harry será capaz de contar com você. Especialmente se Henri não estiver mais envolvido, não é uma boa hora para você ficar distraída.

Novamente, coloquei a mão na barriga.

Ainda não estava aparecendo. Minhas roupas ainda serviam. Não tinham cosquinhas, ou movimentos como nos livros sobre gravidez. Mesmo assim, sentia uma conexão com a pessoinha dentro de mim e uma forte necessidade de proteger a ele ou ela.

— Tenho certeza de que tudo vai dar certo — eu disse quando levantei com ela.

— Sempre a otimista, — a Mãe virou na direção da abertura, olhando a nossa casa antes de virar de volta. — Ashleigh, não é que não esteja empolgada

com a perspectiva da sua criança. Você é minha filha, e é certo que me preocupe. Também sei, por experiência, que é fácil demais para mulheres serem definidas por suas famílias. — Ela segurou minha mão. — Você já se definiu como uma mulher de negócios forte e competente. Você sabe que estou orgulhosa do que você alcançou, assim como seu pai. Dói pensar que você irá jogar isso fora.

— Não vou jogar nada fora. A não ser que os planos do Harry para mim sejam similares aos para Henri. Irei encontrar uma maneira de dar conta dos dois, a carreira e a família.

Ela acenou com a cabeça.

— Era o que eu precisava ouvir de você.

Eu estava certa de que ela poderia ter feito isso de uma maneira melhor.

— Posso te acompanhar até a saída?

Andamos em silêncio pela sala e descemos o corredor até o saguão. Depois do meu obrigatório beijo na bochecha dela, minha mãe passou pela porta da frente, seu carro e motorista esperando na entrada. Quando a porta fechou, soltei o ar e me apoiei na barreira de madeira dura, meu telefone vibrando em meu bolso.

— Dizem que você aprende bastante sobre educar os filhos com seus pais. — Abri a mão por cima da barriga. — Não se preocupe, pequenino. Sua mamãe pode aprender também o que não fazer. Sua avó é um exemplo brilhante.

Peguei meu telefone e passei o dedo na tela.

Harry.

— Isso vai ser bom — disse para o nada quando apertei o ícone verde. — Alô.

A voz do meu irmão mais velho veio pelo autofalante.

— Ash, você viu as últimas notícias?

18

RAE

— Estou feliz que você conseguiu me encontrar — Frankie disse quando abriu a porta do meu carro.

Saindo do carro, senti a brisa do mar jogar meu cabelo em volta do rosto. Quase que imediatamente, sabia que a calça jeans e blusa que estava vestindo não eram suficientes para me proteger do ar mais frio da manhã. Fiquei com os pelos dos braços arrepiados. Já que acordei com o convite de Frankie, não tive muito tempo para me vestir melhor ou de maneira mais quente.

Ele estava com um carro estacionado na lateral da rodovia e estava vestido em calças arrumadas e uma camisa social, aberta na gola.

— Uau — eu disse, o olhando de cima a baixo. — Você não me disse que essa era uma ocasião para se arrumar.

— Não é. Preciso ir para o escritório.

— É, aquela coisa de trabalhar.

— Odeio que estamos em turnos diferentes. Quando você está de folga eu trabalho, e vice-versa.

Novamente, eu e Frankie estamos na beira da Rodovia 1, a praia do Parque Estadual de Garrapata pouco visível através do nevoeiro matinal. A cena em nossa frente era misteriosa e bela ao mesmo tempo. Raios de sol passavam pela condensação como holofotes do paraíso, só para se perderem novamente nas nuvens baixas.

Ele inclinou a cabeça.

— Você ainda não me contou onde trabalha.

— A verdade é que não estou certa se quero continuar.

Frankie sorriu.

— O que você acha do negócio de vinhos?

— Como um peixe fora d’água.

— Então, onde é esse misterioso local de trabalho?

Olhei para o cascalho perto da lateral da estrada antes de olhar para cima.

— Não estou com vergonha. Acho que eu não sabia que você era rico.

— Não sou rico, Rae. Minha família é.

Apontei para o carro chique, muito mais novo que o meu.

— Isso parece rico.

— É um carro da empresa. Meu pai não quer que eu vá na minha moto para o escritório. — Frankie esticou a mão para mim. — O que a minha família tem a ver com seu trabalho?

Respirei fundo, criando coragem e falando rápido.

— Estou trabalhando no Cliffs. Sou uma garçonete. — Segurei ar em meus pulmões, esperando sua resposta. Antes que ele pudesse responder, falei rápido. — Achei que havia te visto na outra noite. Talvez isso — gesticulei entre nós — não seja uma boa ideia.

Frankie levantou minha mão que estava segurando e inclinou a cabeça.

— Não parece uma má ideia.

Ele estava certo. Mesmo esse sendo o primeiro passo que ele deu, não parecia errado.

Eu conhecia Frankie desde o início do ano passado na universidade, e por todo o tempo, mesmo no nosso piquenique e passeio de moto, mantivemos tudo na amizade. Segurando mãos. Nos apoiando um no outro. Agora, sentindo o calor de seu toque, olhei em seus olhos azuis-claros.

— Hum.

Um sorriso doce e sensual curvou seus lábios e levantou suas bochechas.

— Quantas vezes preciso te trazer em um dos meus lugares favoritos do mundo antes de poder te beijar?

— Tecnicamente, eu me trouxe.

Ele apertou minha mão gentilmente.

— A pergunta permanece.

— Mesmo sabendo que sou uma garçonete? Minha família nunca poderia ser sócia de lá.

— Isso não importa para mim. Porra, Rae, nós somos novos. Eu me recuso a ser definido pela minha família. Sim, vou fazer minha parte para aprender o que posso. Eu os amo. Isso não significa que quero ser igual a eles, ou que não quero. Meus pais na verdade são pessoas decentes. Não sei onde o futuro leva, mas não vou deixar onde nasci, ou de quem nasci, me definir. Não deixe também essas coisas te definirem.

Eu amava tudo que Frankie estava dizendo. Não só o que, mas como, a convicção em sua voz, o calor de sua mão. Sentindo-me tentada, dei um passo mais perto.

Não estava certa sobre o que era minha apreensão. Eu não era inexperiente e nem virgem, e isso era somente um beijo. Talvez meu desconforto fosse que estava pensando sobre tudo que Beth me contou e considerando minha escolha futura. Eu sabia que deveria pedir demissão do Cliffs.

Entrego minha carta de demissão antes de estar em uma situação desconfortável e ilegal baseada nas informações dela, ou espero para o que ela disse ser inevitável ocorrer?

Fiquei acordada a maior parte da noite depois que conversei com Beth, pensando sobre isso. Felizmente, não estava escalada para o clube no dia seguinte ou hoje. Mas, hoje era a quinta-feira antes do grande pico do Memorial Day e, começando amanhã, estava escalada para trabalhar os três dias, dez horas por dia. Nós já estávamos com poucos funcionários.

Todo mundo que trabalhava comigo disse que a chegada de vários sócios de fora do estado significava um grande aumento nas gorjetas. Talvez se pudesse passar por esse final de semana…

Soltando minha mão, Frankie chegou mais perto. O perfume fresco de seu sabonete preencheu meus sentidos. Seu peito chegou a milímetros do meu, tão perto que uma respiração funda nos conectaria. O ar fresco desapareceu quando inclinei o queixo para cima e seus braços deram a volta em minha cintura.

— Isso é um sim? — ele perguntou.

Acenei com a cabeça dando um sorriso.

Era um sim. Eu queria ser beijada por alguém como Frankie.

Ele não era um homem nojento do clube, um que acreditava que ou sua posição de autoridade, ou seu saldo no banco, lhe dava direito ao que quisesse.

Minhas mãos foram para o peito do Frankie quando ele me puxou para mais perto. Esticando meus dedos dos pés, me levantei até nossos lábios se conectarem. O segundo de estranheza desapareceu quando ele moveu a mão mais alto nas minhas costas e o calor de seu beijo passou por mim.

Quanto tempo passou desde que tive um namorado?

Tempo demais era a resposta.

Quando finalmente nos separamos, nós dois sorrimos.

Frankie inclinou a cabeça na direção das escadas de madeira.

— Desce para a praia comigo?

Mordi meu lábio inferior enquanto olhei para o persistente nevoeiro abaixo.

— Não consigo ver a praia.

— Está lá. Prometo.

Eu estava um passo atrás de Frankie, no meio do caminho os degraus estavam completamente imersos no nevoeiro. O som de ondas confirmava a presença do oceano, mas ele ainda não era visível. Havia imagens de filmes contornando minha consciência. Tinha um onde as pessoas estavam cruzando uma velha ponte suspensa quando do nada um pterodátilo apareceu.

Finalmente, chegamos na areia. Mais uma vez, Frankie pegou minha mão.

— Não é legal?

— Se você quer dizer frio, um pouco — respondi com um tremor.

Soltando minha mão, ele colocou o braço em volta de mim, me puxando para perto dele. Juntos, avançamos até a água ficar visível. Era difícil descrever como aconteceu, como se uma lente turva focasse. O nevoeiro estava forte em volta dos altos bancos velando as flores, mas no oceano, a neblina estava dissipando. Raios de sol e pedaços de céu azul apareciam.

— É lindo — eu disse.

Frankie virou na minha direção e segurou meu queixo gentilmente.

— E você também, Rae. Quero outro beijo.

Não precisava de resposta. Eu simplesmente fiz a mesma coisa de antes e fiquei na ponta dos pés. Seus lábios encontraram os meus. Fortes e macios, vigorosos, mas cedendo, me achei perdida quando sua mão encontrou o caminho por baixo de minha blusa. Dedos quentes se abriram na parte de baixo de minhas costas.

— Quando posso te levar em um encontro de verdade? — ele perguntou. — Não no clube, se você não quiser ir lá. Algum lugar para te mostrar que penso que você é especial.

— Essa praia é especial.

— Esse final de semana? Estou de folga os três dias.

Sacudi a cabeça.

— O trabalho deve ser bem intenso com o feriado.

— Meus pais têm várias coisas programadas para o final de semana. Amigos vindo para a cidade e festas. Se não no final de semana, que tal na terça?

Eu não estava certa se teria que trabalhar. A agenda foi postada, só não a olhei ainda. E então lembrei.

— Ah merda. Minha mãe, seu marido e a filha deles devem chegar amanhã. Eu disse a ela que tinha que trabalhar, mas ela disse que eles ficariam até terça.

Frankie sorriu.

— Você acabou de lembrar da sua família?

— E-Eu sabia. Só estou um pouco preocupada.

Frankie segurou meus quadris.

— Também estou, Rae. Fico pensando em você. Na outra noite, pensei que te vi, mas então você sumiu.

Merda. Ele me viu.

— No Cliffs?

Seus olhos arregalaram.

— Era você.

— Era.

Meu telefone vibrou em meu bolso traseiro.

— Acho que o serviço do celular é mais forte que o nevoeiro do mar. — Passei o dedo na tela. Era uma mensagem de texto do Sr. Kluser.

Meus batimentos aceleraram quando me assegurei que era relacionado ao clube.

Todo mundo na cozinha até às onze horas. Emergência.

Olhei da tela para Frankie.

— Lá se vai meu dia de folga.

— O que foi? — Frankie perguntou.

— Algo no trabalho. — Sorri para as roupas dele e seus sapatos de couro na areia. — Você também tem que ir?

— Preciso, mas trabalhar para meus pais tem algumas vantagens.

— Você disse a eles que tinha um encontro secreto?

— Algo assim. — Ele segurou minha mão. — Acho que teremos que sobreviver com mensagens de texto por mais alguns dias.

19

RAE

Dirigindo de volta na direção norte para o country club, me senti mais leve do que me senti em um tempo. Depois que eu e Frankie subimos as escadas, ele me acompanhou até meu carro e nós demos um beijo de despedida. Ele disse que não era despedida porque nos veríamos novamente. Felizmente, acima na estrada, o nevoeiro começou a dissipar.

Eu não gostava de pensar que o cara que eu gostava era de uma família super rica e influente.

Para mim, queria que ele fosse só Frankie.

Mas, gostava que ele não se perturbou com meu emprego. Finalmente confessar foi um peso tirado dos meus ombros que não percebi que estava carregando.

Parando no estacionamento de funcionários, fiquei chocada com todos os carros. O relógio em meu painel marcava 10:53. Consegui chegar com sete minutos de antecedência. Quando abri minha porta, um pequeno Nissan se enfiou na vaga ao meu lado, por pouco não batendo na minha porta. Antes que pudesse comentar, Chad abaixou a janela do carona.

— Desculpa, Cachinhos Dourados. Não vi você abrindo a porta.

Obviamente, era a resposta na ponta da minha língua. Ao invés, sorri e sacudi a cabeça. Meu dia começou bem demais para deixar um quase encontro com a morte me chatear.

— Espera — Chad chamou quando fechou a janela e saiu do carro.

Esperei.

— Onde você estava na outra noite? As pessoas estavam preocupadas. Disseram que você nunca falta.

— Não faltei.

— Você não estava lá.

— Teve uma porcaria de investigação. Eu estava suspenso. — Ele me deu seu sorriso brilhante de cem watts. — Passei, estou de volta. — Seu sorriso sumiu. — Agora, isso. É surreal.

— O quê?

— O motivo pelo qual Kluser pediu essa reunião. Caralho, parece que alguém está tentando atingir o clube.

— O que aconteceu?

Chad abriu os olhos e ofegou.

— Você está brincando, certo?

— Não estou. Do que você está falando?

Ele sacudiu a cabeça quando entramos na entrada dos fundos do clube. Era uma porta só para funcionários, levando para um corredor que dava no vestiário, no escritório do Kluser e na cozinha. Antes de Chad me responder, vozes nos alcançaram. A compreensão veio aos poucos — pequenas dicas ou fragmentos que finalmente pintaram uma figura.

Eu vi a expressão destruída de McKenzie e os olhos inchados de Beth. Pete estava abraçando Gloria. Não foi até eu virar na direção de Chad e ver ele limpando uma lágrima de sua bochecha que entendi que algo trágico aconteceu. Mentalmente, conferi a presença. Nós todos estávamos presentes e contados.

O olhar do Sr. Kluser encontrou o meu antes dele virar.

Nunca precisei dizer para ele que esqueci de ir ao seu escritório. Sr. Maze me mandar para a Sala Terçã era meu álibi. Definitivamente existia uma parte de mim que imaginava se Maze pegou Max com as calças arriadas. Segurei um sorriso, sabendo que não era a atmosfera.

Max Kluser levantou a mão.

— Isso não deve, repito não deve, afetar os convidados desse final de semana ou as festividades. Nós ainda estamos planejando três dias cheios. Nossos refrigeradores estão lotados, e todos vocês estão escalados para trabalhar.

Movi meu olhar de pessoa para pessoa. Cabeças estavam sacudindo e dedos estavam nos lábios de pessoas. Parecia óbvio que eu era a única que não sabia o que estava acontecendo.

— E os planos? Se tiver um funeral…

Sr. Kluser sacudiu a cabeça.

— Não será nesse final de semana. É uma investigação em andamento. E por sinal, a praia está fechada. Nada mais de festas pós-trabalho. A polícia encontrou o isopor e tudo mais. Se fosse do meu jeito, vocês todos perderiam o salário desse final de semana para pagar por qualquer álcool que roubaram do clube.

Pete chegou para frente.

— Nós vamos ser interrogados?

— Pelo roubo de álcool?

— Quis dizer — Pete falou — sobre Scarlett.

Sr. Kluser acenou com a cabeça.

— Suspeito que sim. Scarlett trabalhou aqui por mais de um ano.

Scarlett.

— Primeiro, a Srta. Temple foi encontrada em nossa propriedade, e

agora Scarlett.

— Tem monitoramento — Monica disse.

— Tem, mas como vocês sabem, nossos membros apreciam anonimidade. Eles pagam taxas de adesão generosas para se salvarem de vigilância constante. Scarlett foi encontrada em uma área além do alcance das câmeras. E a maioria de vocês escutou as notícias, ela foi descoberta ontem tarde da noite quando seu corpo apareceu na praia perto de nossa borda sul.

— Ela não necessariamente tinha que estar nessa propriedade — Chad disse. — Ela não poderia ter sido jogada por um barco?

— Estou certo — Sr. Kluser disse — que a polícia está investigando todas as possibilidades.

— A quanto tempo ela está morta? — Beth perguntou.

Sr. Kluser sacudiu a cabeça.

— Não muito tempo. Não posso dizer mais nada. Está tudo sob investigação. — Ele levantou a mão para parar comentários. — Chamei todos vocês aqui para esclarecer isso. Não tem nada que nenhum de vocês possa fazer. Quando as portas se abrirem, nossos sócios não querem ver caras tristes. Eles não pagam para olhar para lágrimas ou carrancas. Coloque essa merda pra fora e siga em frente. Se você acha que não pode fazer isso, ache alguém para te substituir. Nenhuma licença por doença ou luto estão permitidos nesse final de semana. Fui claro?

Tinham sussurros, mas ninguém falou.

Quando o Sr. Kluser andou na direção de seu escritório, peguei meu celular e entrei no aplicativo de notícias locais. Meu estômago revirou quando vi a foto. Nunca conheci Scarlett, mas todas as histórias que escutei dela demonstravam que ela era cheia de vida. Sua foto era bela. Ela possuía brilhantes olhos azuis, cabelos loiros compridos, um corpo magro, mas curvilíneo, e um sorriso contagiante.

Me assustei quando Beth segurou meu braço. Suas bochechas com marcas de lágrimas e seus olhos vermelhos viraram na minha direção.

— Não consigo, Rae. Não hoje. Estou chorando desde que descobri essa manhã. Você pode por favor trabalhar por mim?

Inspirando, afastei meus pensamentos de pedir demissão.

— Que horário?

— Eu deveria trabalhar das três até a hora de fechar.

Eu tinha um milhão de razões para não querer trabalhar, mas Beth era minha amiga e fazer o que não queria para ajudar uma amiga era o que amigos faziam. Fingi um sorriso. Três da tarde me daria um pouco de tempo para receber minha família chegando, mas trabalhar também significava que eu

estaria exausta.

Segurando tudo isso, eu disse:

— Claro, Beth.

20

HENRI

— Por que você está me ligando sobre isso? — perguntei, falando com minha irmã na sexta a tarde.

— Estou preocupada com você. Só acho que isso parece ter várias semelhanças com Ellen… — Ela hesitou. — Estou certa de que está trazendo lembranças. Quero que você saiba que estou aqui para você.

— Não vi as notícias. — Menti. — Outras pessoas se afogaram depois de Ellen. Nem sei quem era essa garota.

— Ela era uma mulher, Henri. Uma mulher jovem, mas uma mulher. Ela foi vista pela última vez seis meses atrás, perto da época da morte da Ellen no Cliffs.

— Você está dizendo que ela está conectada com a morte da Ellen? Você acha que ela tinha alguma relação com isso? Lembre, eu fui embora. Essa *jovem mulher* estava — enfatizei a descrição da minha irmã — perto da Ellen?

— Ela não era sócia — Ash disse. — O nome dela era Scarlett. Ela trabalhava lá.

Me recostei na minha cadeira do escritório quando Ashleigh continuou a descrever Scarlett. Enquanto ela falava, relembrei todas as coisas que minha irmã não sabia, coisas que ninguém sabia, ninguém além de Richard e eu. Lembrei do pânico em seus olhos quando ela percebeu que estava em cativeiro. Primeiro, ela acreditou que era uma piada ou um mal-entendido elaborado.

Ela até riu, até não rir mais.

Ashleigh sabia as informações que as notícias diziam. Eles não sabiam sobre sua marca de nascença com formato de morango na nádega esquerda ou a cicatriz em volta de seu tornozelo direito onde ela ficou acorrentada no primeiro mês de cativeiro. Eles não sabiam do tempo dedicado para tornar Scarlett receptiva aos nossos planos.

Eventualmente, Scarlett caiu em si e, fazendo isso, ganhou a liberdade da corrente, mas não da suíte. Privilégios funcionavam em modo similar a punições. Pavlov descobriu algo.

O legista seria capaz de determinar a causa da cicatriz no tornozelo dela ou das outras?

Richard tinha certeza de que ela teve costelas quebradas após virar nossa hóspede. Nós não tivemos confirmação — ela não foi atendida por um

médico — e com o tempo, elas curaram. Cada passo ao longo do caminho era um mal necessário.

Meus lábios curvaram.

Infelizmente, foi a eventual concordância de Scarlett que me fez perder o interesse.

A luta a abandonou. Seu brilho diminuiu. Sim, Scarlett seguia as regras. Ela ficava de joelhos de bom grado e me chupava ou abria as pernas e me recebia sempre que eu desejava. Mas, nem mesmo o aviso de punição provocava uma resposta visceral.

Eu li uma vez uma história sobre um homem que acorrentava animais do lado de fora, fora do alcance de comida e água. No início, os cachorros latiam. Até não latirem mais, até aceitarem seu destino.

Scarlett atingiu esse ponto.

Ela não mais pedia por alguma coisa ou reclamava de alguma coisa. Até a varanda que antes era seu prêmio, não era mais uma forma de motivação.

Reconheço, o momento do meu descontentamento foi infortúnio, próximo ao final de semana do feriado.

Eu não pensei tanto em me livrar dela. Podia ter passado outra semana, ou mês com meu pau em sua boca — ou feito o que o homem na história fez e parado de a alimentar.

Eu zombei.

Era o que Scarlett havia virado, um animal de estimação que não ganhava mais atenção.

Eu não reconheci a extensão do meu tédio. Dias viraram semanas e semanas viraram meses. Minha percepção veio quando vi a nova loirinha na Sala Terçã.

Rae.

Ela acendeu um interesse profundo dentro de mim.

Sai o velho e entra o novo.

— Henri, você está escutando?

— Desculpa, Ash. Estou e não estou. Tenho uma reunião em quinze minutos. A infeliz morte de alguma garçonete terá que esperar para receber minha atenção. Além disso, qual a importância?

— A importância? Uma pessoa está morta.

— Como eu disse, pessoas se afogam. Acontece.

— Pega mal para o Woodland Cliffs — minha irmã disse. — A mãe está preocupada, assim como as outras famílias do conselho. Dois feriados seguidos.

Zombei.

— Mamãe precisa de um novo passatempo. Se meu calendário está

correto, outros feriados ocorreram entre o Encontro da Colheita e a celebração do Memorial Day. Você deve ter escutado sobre eles. Vamos ver, tem o Dia de Ação de Graças, Natal, Hanukkah, e Kwanzaa, para nomear alguns. A morte da Ellen foi considerada um acidente na propriedade. A Mãe ou mais alguém acredita que… — pausei de propósito — você disse que o nome dela era?

— Scarlett. Scarlett Barrack.

— Sim, bem, ela estava na propriedade?

— Ninguém sabe. Ela pode ter sido jogada de um barco um pouco mais longe. Eles estão trabalhando com a Guarda Costeira e discutindo a maré e correntezas.

— Porra, talvez ela simplesmente tenha ido nadar de uma rocha em Big Sur e flutuou. Não sou um especialista marinho. As correntezas vão para o norte ou para o sul?

Ashleigh ficou em silêncio por um momento.

— Certo, Henri. Esquece que liguei. Você obviamente não está chateado.

— Não sobre essa garota. Eu gostaria de ter escutado da minha irmã que vou ser titio. Julgando pelo encontro no Cliffs, minha ligação ou mensagem de texto se perdeu no cyberespaço.

— Eu ia te contar no almoço, mas você foi embora correndo.

— Parabéns, mana. Para o bem da criança, espero que seja porque você quer filhos e não para trazer vida de volta para um casamento que está morrendo.

— Foi também por isso que não falei nada. Eu sabia que você iria reverter isso.

— Me perdoe por apontar o óbvio — eu disse. — Minha reunião está chegando. Falo com você depois. — Apertei o botão de desligar no meu telefone sem esperar pela resposta dela.

Depois de passar a mão no rosto, sentei-me para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. Pela primeira vez em meses, senti uma nova onda de energia circulando em mim. No momento, Richard estava cuidando da suíte que Scarlett liberou. Disse para ele encomendar tudo novo, até os tapetes e cortinas. Tinha que ser perfeito para minha próxima hóspede.

Sorrindo, imaginei a recepção dela em minha casa, o medo era viciante. Eu queria ver essa emoção novamente, sentir a eletricidade no ar quando o destino dela ficasse claro.

Primeiro, começaria a caçada.

Sentiriam sua falta?

Mudando meu computador para anônimo, acessei uma VPN bem desenvolvida e comecei a digitar.

— Srta. Rae Watson, quem você é?

21

RAE

Meu telefone tocou quando fechei a porta do meu apartamento e fui na direção do meu carro. Passei a maior parte da manhã limpando e lavando roupas — a vida divertida e excitante de uma mulher solteira morando sozinha. Eu não odiava isso, mas pensei que alguma vez no passado, quando planejei meu futuro, havia imagens de glamour, passando meus dias na beira de uma piscina comendo uvas enquanto fazia as mãos e pés. Ou talvez a manicure e pedicure fizessem parte dos meus serviços de spa, uns que claro, incluiriam massagens e tratamentos de pele. No lugar, minhas mãos eram tratadas com detergente enquanto lavava louça, e não estava me alimentando de uvas, e sim do resto de pizza da noite anterior.

Sim, preferia comidas mais saudáveis, mas compras estavam na minha lista de tarefas.

— Alô — atendi, vendo o nome da minha mãe na tela.

— Estamos no aeroporto de Cleveland, Rae. Jendy está tão excitada para voar, e eu mal posso esperar para te ver.

Uma pequena pontada de culpa revirou meu estômago.

— Mãe, também quero te ver, mas te disse que essa é uma semana cheia no trabalho.

— Com certeza, eles não estão te fazendo trabalhar o final de semana todo?

— Tecnicamente, sim — disse enquanto andei na direção do carro. — Ainda peguei um turno para hoje à noite. Estarei livre o dia todo na terça-feira.

— Querida, nós sabemos que você está ocupada. Mas talvez possamos nos encontrar para um café da manhã? Eles não esperam que você trabalhe do nascer ao pôr do sol, esperam?

Seu entendimento trouxe um sorriso para meu rosto.

— Café da manhã seria maravilhoso. Eu poderia receber vocês uma manhã. Jendy ainda ama panquecas?

— Ela as comeria no café da manhã, almoço e jantar se Eric e eu deixássemos.

Fiz uma nota mental para comprar mistura para panqueca.

— Parece ótimo.

— Amanhã de manhã? — Mamãe perguntou.

Uma rápida conferida no relógio do painel me disse que tinha tempo o suficiente para parar no mercado no caminho para o clube. Mesmo que não recebesse o próximo salário até amanhã, tinha o dinheiro das gorjetas que ganhei trabalhando na Sala Terçã.

— Amanhã está ótimo. Eu não tenho que estar no trabalho até uma da tarde. Vocês conseguem chegar aqui às nove?

— Conseguimos. Estaremos hospedados perto. Mal posso esperar para te abraçar — mamãe disse.

— Te amo.

— Também te amo. Mando uma mensagem de texto quando aterrissarmos.

Desligando a ligação, dei ré para sair da vaga, fazendo uma rápida lista de compras na cabeça. Se corresse, teria tempo de trazer as compras de volta para o apartamento e ainda chegar no clube com tempo de sobra para trocar de roupa.

Com minha mente nas compras, quase não vi o Chevy Sonic ou a porta abrindo até a ocupante começar a acenar. Pisei nos freios.

— Merda, Robyn.

Abaixei a janela.

— Robyn, por que você não está em Long Beach?

Ela andou até minha janela. Com cada passo, testemunhei a tristeza em sua expressão ficar mais evidente, assim como o peso em seus ombros.

— Desculpa, Rae. Eu não sabia para onde ir. Subloquei meu apartamento até agosto e, bem. — Suas palavras sumiram quando ela suspirou. — Eu não queria ir para meus pais e admitir que eles estavam certos.

— Certos sobre o que? — perguntei. — Parker?

Ela acenou com a cabeça enquanto lágrimas brilhavam em suas bochechas.

— Se eu puder ficar com você por um tempo até tentar resolver algumas coisas…?

Dirigindo de volta para a vaga, coloquei o carro em ponto morto, o desliguei e saí. Segurando minha amiga, a puxei para um abraço.

— Sim, claro. Aviso, estou trabalhando longas horas. — Nós andamos juntas pela calçada em direção à porta do meu apartamento. — E minha mãe, irmã e marido da minha mãe vêm tomar café amanhã.

Lágrimas encheram os olhos da Robyn.

— Dirigi a noite toda, e não sei aonde mais ir. — Ela fechou os olhos. — Estou realmente cansada. — Quando ela os abriu novamente, vi o quão vermelho eles estavam. — Se eu ficar em um hotel, meu pai vai ver na fatura do

cartão. Se ele vir, vai contar para minha mãe, e então vou receber uma ligação que não quero.

Segurei o braço dela.

— Robyn, você pode ficar comigo o tempo que precisar.

— Pagarei pelo aluguel.

Um sorriso curvou meus lábios. Se Robyn pagar pelo menos uma pequena porção, com o aumento de minhas gorjetas, talvez seja capaz de sair do Cliffs.

Sacudi minha cabeça quando chegamos na porta que acabei de trancar.

— O que você puder contribuir está bom. — Virando a chave, abri a porta, feliz que tirei um tempo para arrumar. Correndo para a cozinha, abri o armário e peguei o chaveiro com uma chave de um gancho interno. — Aqui está uma chave.

— Você é a melhor, Rae.

Virando, olhei o relógio.

— Merda. Eu estava indo para o mercado, mas agora preciso ir para o Cliffs.

— Me deixe uma lista. Faço as compras para você, vou sentir que estou fazendo algo.

— Não posso te pedir isso — eu disse. — Você acabou de dizer que não dormiu.

— Rae. Eu pedi para ficar na sua casa. Você pode me pedir para fazer compras.

Acenando com a cabeça, rapidamente fiz uma lista.

Mistura para panqueca, ovos, bacon de peru, frustas frescas e suco de laranja.

— Compre o que mais você quiser comer — eu disse quando entreguei a lista para ela e peguei dinheiro na bolsa. Tirei uma nota de cem dólares do meu dinheiro e fiz um agradecimento mental para Henri Turner. Ele era estranho, mas dava boas gorjetas.

— Posso pagar pelas compras — Robyn argumentou.

— E o seu pai irá ver o gasto. Além disso, gosto de ter dinheiro extra, e já que geralmente trabalho tardes e noites, minha geladeira está um pouco pelada. Sorri. — OK, é como a antiga canção infantil, você conhece *Mother Hubbard's cupboard*[2]?

— Pelo menos você não é uma velha senhora morando em um sapato.

— Um dia, e será um Jimmy Choo ou Louboutin. Você não acreditaria no que vi no Cliffs. Puta merda, essas mulheres sabem como se vestir.

— Você está segura lá? — Robyn sacudiu a cabeça. — Eu sei, eu sei.

Escuto muitos podcasts sobre crimes, mas no caminho para cá, parei para tomar café da manhã e vi as notícias no restaurante. Eles encontraram outro corpo naquele country club.

— Não sei muito sobre isso, mas ela trabalhava lá. Todo mundo está bem devastado.

Robyn me puxou para um abraço.

— Obrigada.

Quando nos separamos, segurei as mãos dela nas minhas.

— Você é bem-vinda a ficar aqui o tempo que precisar. E preciso mesmo correr, serei toda ouvidos se você precisar conversar.

— Obrigada.

Enquanto estava dirigindo, tinha novas perguntas correndo por minha mente.

O que aconteceu entre Robyn e Parker, e por que ela voltou depois de apenas algumas semanas?

Eu não tinha problemas em recebê-la. Ela era minha amiga. E era isso que amigas faziam.

E se alguém tivesse recebido Scarlett quando ela precisou?

Ela precisou?

Ela contou a algum amigo o que estava acontecendo?

Onde ela esteve pelos últimos seis meses?

Tantas perguntas.

---

[2] Canção infantil da escritora Sarah Catherine Martin.

22

RAE

Ajustando minha saia e saindo do vestiário com uma infinidade de pensamentos revirando em minha cabeça, quase colido com o Sr. Kluser. Meus pés pararam quando lutei para me equilibrar e não bambear nos saltos altos.

— Ah, Sr. Kluser, sinto muito. — Seus olhos apertaram quando ele me olhou de cima a baixo. Ele acenou com a cabeça.

— Obrigado, Watson. É uma boa coisa que temos você e alguns outros que não conheceram Scarlett. Está em suas mãos manter os sócios felizes.

Soltei a respiração, agradecida que ele não mencionou a outra noite e a falta da minha presença em seu escritório.

— Mesmo assim é triste.

— Não fique emocionada agora. Nós temos muito trabalho para fazer.

Inclinei a cabeça.

— Você está chateado, não está?

Ele respirou fundo e se endireitou.

— Ela era uma boa menina. Tenho memórias como todo mundo. Não importa que ninguém pensava dela, Scarlett era jovem demais para terminar boiando na costa do Cliffs. — Seu olhar apertou. — Não lembro de te ver na escala de hoje à noite.

— Beth estava bem chateada. Ela me pediu para cobrir.

— Você não pode cobrir o final de semana todo. Melhor a Beth se recompor. — Ele olhou atrás de mim para a cozinha. — Eles todos precisam. Agora, mantenha um sorriso no rosto, Watson. Sua disposição para ajudar não ficou sem ser notada. Beth deveria ser a garçonete. Eu com certeza não quero você preenchendo esse papel pela primeira vez agora.

— Eu dou conta — disse com confiança. — Fui garçonete por anos no Applebee’s e Texas Roadhouse.

Ele zombou.

— Maçãs e laranjas. Woodland Cliffs não é nem similar a esses estabelecimentos. Esse é um country club cinco estrelas com sócios VIP. — Ele chamou Chad. — Mantenha um olho na Watson. Ela pode começar servindo, mas se ficar atolada, quero que você e McKenzie assumam as mesas dela e ela pode voltar a limpar as mesas.

Chad virou na minha direção e piscou.

— Meus olhos estão em você, Cachinhos Dourados.

— Cachinhos Dourados? — Sr. Kluser repetiu em questionamento.

— Algo que meu pai costumava me chamar. Watson está bem.

Sr. Kluser riu quando virou na direção de seu escritório, murmurando:

— Cachinhos Dourados.

— Muito obrigada — disse quando bati no braço do Chad.

— Desculpa, mas honestamente, todos nós precisamos sorrir.

— Algum conselho para servir aqui? Aparentemente, minha experiência não é nada para o Sr. Kluser. Não acho que ele tenha muita fé.

— Não se preocupe. Ele gosta de pensar que está gerenciando o Taj Mahal ou talvez Key Largo.

— A ilha?

Chad riu.

— Você é inteligente. A maioria das pessoas pensa que é um clube privado na Flórida.

Antes que pudesse responder, nós estávamos olhando a divisão das mesas entre os garçons.

— Você sabe o número das mesas? — Chad perguntou.

— Sim. — Sabia. Depois da primeira noite quando o Sr. Kluser fez disso um grande problema, decidi decorá-los de frente para trás e de trás para frente.

Peguei um dos tablets eletrônicos. Com ele, o garçom — eu — poderia receber pedidos e simultaneamente os enviar para a cozinha e o bar. Certamente, era a melhor tecnologia do que tive quando trabalhei nos outros restaurantes. Eu assumi que esses estabelecimentos fizeram melhorias com o tempo, mas enquanto isso, podia dar conta disso.

— Não consigo logar — disse baixinho, não mais completamente confiante em minha habilidade.

Merda.

Primeira tarefa — falhei.

— É porque você não tem um número para ser garçonete — McKenzie disse, pegando o tablet da minha mão. — Eu te diria o meu, mas se você fizer merda, não quero no meu número.

— Obrigada pela confiança.

Ela sorriu, me devolvendo o tablet.

— Falando a verdade.

É, não sou Scarlett.

Enquanto essas palavras estavam na ponta da minha língua, decidi não as dizer. Eu posso não ser a garçonete que ela era, mas estava viva, então tinha

isso.

McKenzie inclinou a cabeça na direção do corredor.

— Vá falar com Max. Ele pode criar um número para você.

Eu não queria que minha expressão mudasse, mas deve ter mudado. McKenzie ficou na minha frente.

— Diga a ele que as portas estão abertas e suas mesas estão enchendo. — Nenhuma palavra veio à mente quando as histórias da Beth encheram meus pensamentos. McKenzie forçou um sorriso. — Vamos lá, Rae, vou com você.

— Mas suas mesas…?

— Elas serão atendidas assim que Max cadastrar seu número.

Sua ajuda inesperada era bem-vinda, assim como o uso do meu nome.

— Obrigada.

Minha mãe acreditava em karma. Talvez uma boa ação para Robyn me fez ganhar uma boa ação em retorno.

McKenzie bateu na porta do Sr. Kluser.

— Entre — ele gritou lá de dentro.

O escritório era exatamente como eu lembrava, e de nenhuma maneira representava a arrogância que ele tentava retratar. Seu olhar foi de McKenzie para mim e de volta para ela.

McKenzie falou primeiro.

— Rae precisa de um número para entrar no sistema de pedidos.

— Vai lá, McKenzie. As portas estão abertas.

— É, e eu vou ajudar Rae. — Ela pegou novamente o tablet em minha mão e o entregou através da mesa.

Por só um momento, parecia que palavras não ditas estavam voando. Talvez fosse minha imaginação. Passei muito tempo pensando nos avisos de Beth. Eu poderia estar interpretando mal uma simples troca.

Com um suspiro exagerado, o Sr. Kluser pegou o tablet e começou a apertar teclas em seu computador. McKenzie e eu ficamos de pé, ombro a ombro, até que ele abriu o tablet e o devolveu para mim.

— Você é 0419. Não esqueça.

Podia lembrar disso. Acenei com a cabeça, pegando o tablet.

— Por que você daria esse número para ela? — McKenzie perguntou. — Era da Scarlett.

Sr. Kluser acenou com a cabeça para a tela do computador.

— É o aniversário da Srta. Watson — mês e dia. — Suas sobrancelhas franziram. — Coincidência interessante, nascida no mesmo dia que Scarlett. Agora, vão trabalhar.

Meu estômago revirou.

— Obrigada — eu disse quando saímos do escritório dele.

— Essa é uma coincidência bizarra — McKenzie disse e fomos na direção da cozinha. — É realmente seu aniversário?

— É sim. Qual era a idade dela? — Assim que disse, lembrei da história que li. — Vinte e quatro. Lembrei agora. Três anos mais velha que eu.

— Nova demais — McKenzie disse quando passamos pela porta vai e vem.

O barulho dos sócios enchia o salão enquanto o sol brilhava além das largas janelas com vista para o oceano pacífico. Outros garçons estavam por ali, incluindo Chad. Seu olhar encontrou o meu e ele sorriu.

— Você consegue, Rae. Mas se tiver alguma pergunta, fale para algum de nós.

— Obrigada por ser legal — eu disse com um suspiro.

— Você gosta de mim, lembra? — Ele sorriu. — Escuta, não sou legal. Só não quero lidar com porcaria.

— Anotado. — Abri meu tablet. Ao lado dos números estava uma lista de nomes, um tipo de cola. Os nomes eram para parecer que nós conhecíamos cada pessoa que passava pela porta. Talvez fosse porque essas pessoas eram tão importantes — ou pensavam ser importantes — que eles deviam ser identificados pelo nome.

Quando andei na direção da mesa doze, li o nome: Hamilton.

Merda.

Meu olhar foi para a mesa e voltou para a tela. Hamilton: Mitchell. Audrey.

Não era a melhor maneira de conhecer os pais do Frankie, mas tomara que eu possa fazer isso sem derrubar nada neles. Coloquei meu maior sorriso.

— Olá, Sr. e Sra. Hamilton. Sou Rae, e vou cuidar de vocês hoje.

23

BERNIE MAZE

Respirando fundo, abri a porta para a sala de reuniões executivas e fui até a cabeceira da mesa. No momento, as oito cadeiras estavam vazias, mas o bem-vindo silêncio não duraria muito. Assim que escutei as notícias sobre Scarlett Barrack, sabia que chegaria a isso.

Porra, mesmo se ela fosse encontrada morta em outro lugar, possivelmente a centenas de quilômetros daqui, ainda teriam consequências para o clube. Afinal, ela era uma funcionária, e Woodland Cliffs Country Club foi um dos últimos lugares onde ela foi vista.

Ter seu corpo maltratado aparecendo na nossa costa foi como a porra de um sinal luminoso que se recusava a perder energia. Tornando tudo pior, seu corpo apareceu em um dos nossos finais de semanas mais cheios do ano. A porra do sinal tinha uma seta apontando para nós.

Coloquei a pasta com as informações que tinha sobre a Senhorita Barrack na longa mesa de vidro e andei para as janelas. Mesmo com a tempestade surgindo e prestes a encher esse cômodo de raios e trovões, todo o resto estava em ordem para nossa celebração de três dias. O sol brilhava do lado de fora, as temperaturas estavam previstas na casa dos vinte graus. Sem sinais de chuva. As piscinas estavam aquecidas, as quadras de tênis recém pintadas, e o campo de golfe com a grama perfeita. Nós estávamos com o quadro de funcionários quase completo, com orientações severas de que ninguém podia folgar. Os restaurantes e bares estavam completamente abastecidos.

Meu estômago revirou quando minha atenção voltou para o envelope pardo.

— Maze.

Virei a tempo de ver Lowell Holmes e Warren Harris entrarem na sala de reuniões.

— Cavalheiros.

Warren estava sacudindo a cabeça.

— Terrível, só terrível.

— Quantos sócios perdemos? — Lowell perguntou.

— Se sentem, cavalheiros. O resto do conselho está a caminho.

Quando eles sentaram, Wilma Turner e sua filha, Ashleigh Maxwell, entraram. O que quer que seja que elas estavam discutindo entre si mesmas, se

dissipou quando Wilma sentou na cadeira do final da mesa e acenou com a cabeça para o Sr. Holmes e Sr. Harris. Theodore e Amelia Cannon chegaram alguns momentos depois. As últimas pessoas a entrarem foram Jared Oliver e Mitchell Hamilton.

— Minha esposa está esperando lá embaixo — Sr. Hamilton disse.

Acenei com a cabeça. Se ele estava perguntando quanto tempo ia demorar, não tinha uma resposta.

— Os Bowers estão fora da cidade — comecei, ainda de pé. — Falei com Clark no telefone antes de vir para cá. Ele e Anita estão atualizados sobre tudo que está acontecendo.

— Eu não estou — Wilma Turner disse. — E certamente espero que você possa nos contar mais do que as notícias locais. — Ela sacudiu a cabeça. — É tudo uma questão de sensacionalizar a tragédia para eles.

— Uma garota morreu — Ashleigh Maxwell falou bruscamente. — Isso é uma tragédia.

Andei até a porta e nos fechei do lado de dentro.

Falando para a sala, direcionei meu comentário para Sra. Maxwell quando voltei para meu assento.

— Você está certa, Sra. Maxwell. Isso é uma tragédia. — Olhei para Sr. Holmes. — Sobre a sua questão de mais cedo sobre sócios, como você sabe, tivemos duas famílias proeminentes que escolheram não renovar sua inscrição depois do incidente do último outono. — Fiz o meu melhor para não olhar para os Turners quando falei. — E sobre essa situação, ninguém me ligou para nos informar que queria cancelar sua inscrição. — Soltei o ar quando me sentei. — Mas, nós recebemos vários cancelamentos de reservas para esse final de semana, tanto no restaurante quanto em outras atividades.

— Mais do que o normal? — a Sra. Cannon perguntou.

— Eu teria que olhar os últimos finais de semana do Memorial Day e comparar. — Eu passei o dedo pela borda do envelope, debatendo o quanto podia compartilhar. — Falei com o Xerife Strong hoje mais cedo. Ele queria que eu fechasse o clube, dizendo que era uma possível cena do crime.

— Fechar o clube? — Murmúrios cresceram como uma nuvem de cogumelo, ficando mais altos.

Esperei os comentários aquietarem.

— Como vocês viram quando chegaram, estamos abertos e vamos continuar abertos. O Departamento do Xerife de Woodland fez uma busca na noite passada, até essa manhã e determinaram que a Srta. Barrack apareceu na praia. Não existe evidência para suportar a hipótese de que ela morreu em nossa propriedade. Também não existe evidência de que ela foi morta. A morte dela

talvez ainda seja determinada como um acidente.

— Escutei as notícias — Sr. Holmes disse — que o legista ainda está tentando determinar a hora da morte. — Ele deu de ombros. — De primeira, imaginei se ela estava morta desde que foi vista pela última vez, seis meses atrás.

Sacudi a cabeça.

— Não, a Srta. Barrack estava viva recentemente. É por isso que a polícia quer manter as informações limitadas. Eles esperam — eu acredito — conseguir mais fatos em relação a sua localização recente.

— Escutei que ela estava ferida — Sra. Maxwell disse.

— Ela está morta — sua mãe respondeu.

— Escutei que o corpo mostrava sinais de feridas prévias a morte, como ossos quebrados que curaram.

Os olhos da Sra. Cannon arregalaram.

— Você está sugerindo que a pobre menina foi torturada?

— Sra. Maxwell — eu disse — é melhor não especular.

Sr. Harris falou.

— Minha esposa e eu permitimos que nossas crianças vaguem por esse clube. Nossa filha mais velha tem quinze anos. Estamos preocupados que talvez tenha algum tipo de lunático nesse clube que torturou aquela garota e então a matou?

— Minha neta tem dezesseis anos — Sra. Cannon falou.

— A minha tem quinze, e passará o final de semana aqui conosco.

— Talvez elas não devessem vir…

— Não, não — interrompi, levantando a voz. — Por isso que chamei todos vocês juntos. Nós precisamos de uma frente unida. Vocês não são somente membros do conselho administrativo, mas também são representantes desse country club. É imperativo que vocês não alterem seus planos e, se perguntados, minimizem o envolvimento do clube nesse triste incidente. A jovem mulher pode ter caído de um barco, ou infelizmente, ela pode ter decidido tirar a própria vida. Nós não podemos permitir que rumores cruéis sejam perpetuados.

— Você está dizendo que é melhor para nós culpar a vítima do que reconhecer que talvez tenhamos um indivíduo perigoso entre nós? — o Sr. Oliver perguntou.

— Não — eu disse — ninguém está culpando a vítima. Estou dizendo que não temos evidências suficientes.

— Talvez quem tenha empurrado Ellen também fez isso — a Sra. Cannon sugeriu.

— Infelizmente, Ellen Temple caiu. Foi um acidente — a Sra. Turner disse sem rodeios.

— Quantos acidentes precisam acontecer antes de nós encararmos a possibilidade de algo mais nefasto? — o Sr. Harris perguntou antes de se virar para mim. — Tiveram novas contratações, possivelmente na época do Encontro da Colheita? Acho que o clube precisa fazer uma investigação completa de antecedentes em cada pessoa que trabalha aqui.

— Concordo — a Sra. Maxwell disse.

Cabeças acenaram em volta da mesa.

— Garanto para vocês — eu disse — que cada trabalhador recebe uma investigação completa de antecedentes. A polícia tem todas as informações.

— Vou dizer — o Sr. Oliver disse. — E os sócios?

— Você está sugerindo que um sócio é o responsável? — a Sra. Turner perguntou.

— Estou sugerindo que ninguém está além das suspeitas — ele respondeu.

— O melhor cenário para o clube é uma triste leva de acidentes — intervi. — Quando falei com o Sr. e Sra. Bowen mais cedo, a Sra. Bowen sugeriu que fossemos proativos. A Srta. Barrack não possuía família próxima. Uma prima ligou dizendo que não tinha notícias da Scarlett. A prima vive na Carolina do Norte. A Sra. Bowen sugeriu que Woodland Cliffs doasse o dinheiro para os custos do funeral e enterro da Srta. Barrack e também considere algo para relembrá-la, talvez uma bolsa de estudos para os funcionários.

Cabeças em volta da mesa acenaram novamente.

— Posso contar com todo mundo aqui para apoiar essa decisão e o Woodland Cliffs, não só nesse final de semana, mas no futuro?

24

ASHLEIGH TURNER-MAXWELL

— Tenho certeza de que conseguimos uma mesa a essa hora da tarde — disse para a Mãe quando subimos no elevador do country club para o primeiro andar.

Eu normalmente não usaria o elevador para um andar, mas ele estava aqui para sócios como minha mãe e Lowell Holmes.

— Gostaria de se juntar a nós, Sr. Holmes?

— Você é gentil, Ashleigh. Não posso imaginar nada melhor do que fazer um lanche da tarde com duas mulheres amáveis.

Era difícil não notar o jeito que ele olhava para minha mãe. Era meio que fofo, observar um homem na casa dos setenta anos flertar. Lowell Holmes perdeu sua esposa ano passado. Estava claro que ele estava pronto para seguir em frente, ou talvez estivesse solitário. Afinal, seus filhos viviam a milhares de quilômetros de distância. Embora meu pai tivesse falecido há sete anos, pelo jeito que minha mãe franziu os lábios, ela não estava interessada em companhia.

— Ficaríamos felizes em ter sua companhia — eu disse, preenchendo o silêncio desconfortável quando o elevador parou.

— Wilma? — Lowell perguntou.

— Contanto que você não pegue o último pedaço da torta de mousse de chocolate, é bem-vindo a se juntar a nós.

O rosto do Lowell enrubesceu quando sua risada sacudiu a barriga. Ele continuou a conversar enquanto fomos para o estande da recepcionista e pedimos uma mesa.

— Claro, Sra. Maxwell — a recepcionista falou quando olhou para um tablet eletrônico. — Nós temos uma mesa perto da janela.

— Hummm.

Ignorando minha mãe, agradeci a jovem moça e disse que seria ótimo.

Lowell segurou a cadeira para minha mãe. Eu não conseguia decidir o que era mais divertido, vê-lo flertar ou a irritação dela. Os dois eram mais divertidos do que pensar sobre a infeliz moça que morreu. A informação que recebi sobre seus ferimentos veio de segunda mão pelo meu irmão Harrison. Eu não tinha motivo para duvidar de suas fontes, e a premissa me deixa mais do que um pouco preocupada.

E se tivermos um monstro a solta?

Woodland Cliffs era o local de caça?

Nós éramos as presas?

— Chad Jackson está trabalhando? — minha mãe perguntou para a recepcionista, sua questão sufocando a minha. — Ah — ela continuou — suponho que deveria ter perguntado antes de nos sentarmos. Ele pode nos servir.

— Sinto muito, Sra. Turner. Chad não está aqui hoje.

Os olhos da minha mãe encontraram os meus.

— Ficará bem — a tranquilizei.

— Vocês estão na sessão da Rae — a recepcionista disse. — Se preferirem outra pessoa…

— Rae serve perfeitamente — respondi antes que minha mãe pudesse tornar a escolha de garçom em um processo completo de entrevista. Virei para a Mãe. — Estamos fazendo um lanche. Ficará tudo bem.

A recepcionista acenou com a cabeça.

— Informarei a ela que vocês estão aqui.

Li seu crachá.

— Obrigada, Monica.

— Chad é um bom cara — Lowell disse quando pegou seu guardanapo. — Mas me faz pensar.

— Sobre? — a Mãe perguntou.

— Por favor não considere isso uma declaração chauvinista.

Estiquei o pescoço quando os pelinhos da nuca arrepiaram. Avisos desses sempre me fazem ficar eriçada. Era como se alguém estivesse querendo aprovação para sua próxima declaração sexista.

Lowell se inclinou para frente e abaixou a voz.

— Não parece para mim que uma mulher machucaria outra mulher.

— Acontece — eu disse.

— Mas não da maneira que essa Scarlett foi machucada.

Sacudi a cabeça.

— Não sabemos ao certo. Minha informação não foi em primeira mão.

— Nem a minha — ele disse — mas combina. E me faz pensar sobre os funcionários homens, como Chad.

Mamãe sacudiu a cabeça.

— Ridículo. Chad não faria isso. Pobre rapaz. Bernie Maze me ligou falando sobre ele no outro dia. Ridículo. Rumores.

— Que rumores? Como você sabe que ele não faria? — perguntei.

— Olá.

Nós todos viramos para a loira de olhos castanhos suaves, vestindo o emblema do clube.

— Olá — respondi.

— Bem-vindos, Sra. Turner, Sra. Maxwell e Sr. Holmes. Como Monica disse a vocês, meu nome é Rae, e atenderei vocês hoje. Vocês gostariam de uma bebida para começar sua refeição?

— Você é nova? — Lowell perguntou.

Suas bochechas coraram.

— Sou mais nova que a maioria.

— Você conheceu a Srta. Barrack?

— Srta. Barrack? — ela disse, repetindo a pergunta do Lowell. Seus olhos arregalaram. — Você quer dizer Scarlett.

— Ele quis dizer Srta. Barrack, querida — Mamãe disse — É indelicado falar dos mortos com seu primeiro nome.

Rae ficou mais ereta.

— Sinto muito. Não a conheci. Escutei várias coisas boas sobre ela e estou bem triste de ouvir as notícias.

— Café, dois cremes — Mamãe disse.

— Gin e tônica para mim, amada — Lowell disse.

Se era indelicado falar dos mortos de maneira familiar, chamar essa mulher de amada também era.

— Rae — eu disse — Vou querer uma limonada com framboesa e uma água.

Ela acenou com a cabeça.

— Voltarei com três águas e suas bebidas. Mais alguma coisa?

— Não desperdice água. Não quero uma — minha mãe respondeu. — Lowell, você quer?

— Não. — Ele piscou para Rae. — Mas pode continuar trazendo gin e tônica.

— Claro — Rae respondeu. — Uma água para você, Sra. Maxwell, e já voltarei.

25

RAE

— Ah meus Deus — Pete exclamou quando entrei na cozinha pela porta vai e vem. — Você tirou o menor palito. Sinto muito.

Meus olhos arregalaram.

— Como Chad atura essa senhora? Eu nem peguei o pedido dela ainda e ela já me corrigiu uma dúzia de vezes.

Pete riu.

— Ah, dê tempo para ela. Nada estará certo.

— A filha dela parece legal. — Eu estava fazendo como tinha sido instruída e aprendendo os relacionamentos dos diferentes sócios.

— Ela pode ser.

— Watson — Sr. Kluser falou — você tem mais de uma mesa, mas em uma das mesas você tem três membros do conselho administrativo. Não estrague tudo.

Zombei da pressão adicional quando enchi um copo com gelo e água, um copo com café fresco, e coloquei outro copo de limonada com framboesa. O pedido de gin e tônica foi enviado eletronicamente para o bar. Eu o pegaria depois de entregar esses.

Felizmente, quando entreguei as bebidas, os três membros do conselho estavam envolvidos em uma conversa. Quando virei para buscar o gin e tônica do Sr. Holmes, aquela Sra. Turner falou comigo enquanto misturava creme em seu café.

— Querida, isso é descafeinado, certo?

— Não, sinto muito.

Com uma bufada, ela se recostou na cadeira.

— Leve embora. Se eu beber cafeína a essa hora do dia, vou ficar acordada a noite toda. — Ela sacudiu a cabeça quando peguei a xícara e o pires. — Chad está chegando em breve?

— Mãe — Sra. Maxwell disse — você não pediu descafeinado.

Queria abraçá-la. Sra. Maxwell estava certa, sua mãe não pediu descafeinado.

— Não tem problema — disse com um sorriso. — Voltarei rápido com o café descafeinado e sua bebida, Sr. Holmes.

— Eu não deveria ter que pedir. É o trabalho dela — Sra. Turner disse

quando saí, nós duas desejando que Chad se materializasse do nada.

Lembrei de Chad dizendo que recebeu uma larga gorjeta da Sra. Turner. Quinhentos dólares vieram à mente. Não vejo isso em meu futuro.

Num instante, eu tinha minha mesa problemática feliz e o pedido de torta deles enviado para a cozinha. Eu também verifiquei minhas outras mesas e repus alguns cafés, chás gelados, e estava no meu caminho para o bar para pegar uma taça de cabernet.

Com a taça em mão, virei, me encontrando cara-a-cara com a Sra. Maxwell. Rapidamente dei um passo para trás, silenciosamente xingando meus saltos e torcendo para o vinho não derramar em nenhuma de nós.

— Sra. Maxwell, como posso te ajudar?

— Primeiro, peço desculpas por minha mãe. Ela está mais rabugenta que o normal.

Sacudi a cabeça.

— Sem problemas. Todo mundo está tenso depois da Scarlett, quero dizer, Srta. Barrack.

Ela sorriu.

— Pensei se eu poderia falar com você por um momento.

Meu olhar voltou para o salão. Além de entregar o vinho, parecia estar com tudo em ordem no momento.

— Posso entregar isso primeiro?

— Claro, estarei no corredor.

Puxei meu lábio inferior quando comtemplei o corredor. Eu não deveria sair do salão, mas, essa era a Sra. Maxwell — Turner-Maxwell. Quando minhas mãos estavam vazias, fui para a porta lateral, e depois de procurar pelo Sr. Kluser e não o encontrar, entrei no corredor.

— Não vou te segurar por muito tempo — ela disse. — Primeiro, aceite isso como um pedido de desculpas. — Ela me deu uma nota dobrada. Não pude ver o valor.

— Você não precisa…

— Eu insisto.

— Obrigada. — Coloquei a nota dobrada no bolso do meu avental.

— Estou preocupada com o que aconteceu aqui recentemente, e bem, você é nova, então você pode me dizer se teve algum sentimento em relação a algum funcionário ou sócio?

— Sentimento?

— Desconfortável — ela disse inclinando a cabeça. — Descobri que mulheres podem ser intuitivas e sentir coisas. Algum de seus colegas de trabalho te deixou desconfortável? Ou existe algum esquisito que frequente o clube?

Sorri, porque sim, tive essa sensação. Primeiro teve Chad, mas ele acabou sendo um cara bom. Então o Sr. Kluser, mas o mencionar provavelmente acabaria na minha demissão. Tem a história da Beth sobre Sr. Maze e então o cara na Sala Terçã. Ah sim, ele era irmão da Sra. Maxwell. Sacudi a cabeça.

— Não, nada que eu possa pensar. Por quê?

— Como disse, estou preocupada. E como membro do conselho administrativo e porque meus pais ajudaram a fundar esse clube, gostaria de saber que todo mundo, sócios e funcionários, estão seguros aqui.

— Você é boa.

Um sorriso curvou seus lábios.

— Nem sempre, Rae. Eu posso arrasar no escritório, mas também sou uma reparadora, e quando estou com certos membros da minha família, com frequência sinto a necessidade de amaciar suas arestas ásperas. Eu também me preocupo com o Cliffs e quero que ele continue a ser um lugar seguro e agradável para as pessoas trabalharem e se divertirem. — Ela segurou minha mão e colocou um cartão de visitas nela. — Se você pensar em algo, não hesite em ligar.

Olhei para o cartão estampado.

Ashleigh Turner-Maxwell

Indústrias Turner

Vice-Presidente de Relações Internas

— Acho que é isso que você faz?

— Não exatamente, mas me preocupo.

— É realmente bom saber. — Olhei para as portas fechadas. — Preciso voltar para lá. — Levantei o tablet eletrônico do bolso do avental. — Sua torta está pronta.

— Então, por favor.

Não foi até a última mesa esvaziar às 22:40 que tive a chance de tirar meus sapatos. Fiz o que a Beth disse e escrevi meu nome nas solas. Nós limpamos e arrumamos o salão de jantar, pronto para amanhã, e flores frescas em tempo recorde. Mas, Kluser não estava aqui com seu cronômetro.

— Acho que significa sem aperitivos — Pete disse quando as mulheres foram para a pilha de sapatos.

Quando cheguei no vestiário, finalmente olhei meu telefone. As pessoas em volta de mim tiraram seus uniformes, eu li as mensagens de texto da minha mãe. Com cada uma, sentia aquela pontada de culpa crescer, aquela causada por estar trabalhando ao invés de encontrar com minha família no aeroporto. Basicamente, ela, Jendy e Eric estavam no hotel. Eles levaram Jendy para a praia, e ela amou. Eles estavam ansiosos pelo café da manhã.

Eu tinha outra mensagem da Robyn.

Robyn.

Esqueci sobre minha nova colega de apartamento.

> Vou dormir no sofá. Desculpe por te atrapalhar. Algum cara passou aqui e deixou flores na entrada. Nenhum cartão. Estranho, mas um gesto fofo. Te vejo pela manhã. Eu comprei tudo da lista. Seu troco está no balcão da cozinha. Boa noite. Obrigada por ser tão legal.

Flores?

Elas eram do Frankie? Por que ele não deixaria um cartão?

Mas também, Robyn conhecia Frankie das aulas. Ela não o chamaria de algum cara. Talvez o cara fosse um entregador. Enquanto o mistério ganhou meu interesse, eu estava cansada demais para me concentrar nisso. Fechando os olhos, me apoiei no meu armário, fazendo uma nota mental para dizer a Robyn que ela podia dormir na minha cama. Era tamanho king com espaço suficiente para nós duas.

Um olhar rápido na hora me disse que provavelmente era tarde demais para os arranjos para dormir hoje à noite. Robyn provavelmente já estava dormindo. Só por alguns segundos, imaginei se seria possível cair no sono em pé. Como as festas na praia estavam indefinidamente canceladas, talvez dormir no vestiário me faria ganhar tempo.

— Ei Rae, Kluser está te procurando — Monica disse.

Merda.

Agora eu estava acordada.

26

HENRI

— É cedo demais — Richard disse quando abriu a porta da suíte agora vazia. Minhas mãos estavam na parede ao lado da porta de vidro aberta enquanto observava o oceano. — Scarlett amava o oceano. Acho que seu enterro no mar foi apropriado. — Virei de volta para meu homem de confiança. — Não acha, Richard?

— Eu deveria ter conferido melhor a maré e correntezas, senhor. Ela aparecer na praia perto do clube tornou isso pior.

— Venha aqui fora comigo. — Saí na varanda. A brisa ficou mais forte com cada passo na direção do parapeito. Virando, vi Richard no portal. Minha questão foi direta. — Você a fodeu?

Ele deu meio passo para trás e endireitou o pescoço.

— Ela não pertencia a mim.

— Possessão tem nove décimos. — Virei apoiando a bunda no parapeito e cruzando os braços em cima do peito. — Isso deixa um décimo. — Quando ele não respondeu, completei — Suspeitei por um tempo.

Richard cerrou os punhos do seu lado.

— Ela disse algo?

— Que diferença isso faria agora? Ela se foi. — Minha voz não tinha nenhuma emoção pela perda dela. Não era uma armadilha. Scarlett havia se tornado entediante, um cão morrendo não tendo coragem nem de latir para salvar a própria vida. O tempo chegou. Eu estava pronto para seguir em frente.

— Foi ela. — Ele respirou fundo. — Vestindo quase nada, ela tentou me manipular.

Zombei.

— As opções dela de roupa eram limitadas.

— Ela me abordou.

Acenando com a cabeça, disse:

— Sua resposta então é sim. — Quando Richard não respondeu, continuei. — Ela foi a primeira?

Seus olhos apertaram.

— Nunca toquei em Ellen.

A resposta me fez rir.

— Não achei que tivesse. Ellen não era como as outras. Ela deveria ser

mais. — Dei de ombros. Ela, também, era uma decepção. — E se você tivesse, seria você no mar. — Virei na direção do oceano e levantei o rosto para a brisa. — Nós precisamos de um acordo, Richard.

— Senhor?

— Com a nova… nós podíamos treiná-la desde o início para receber nós dois.

Richard agora estava do meu lado.

— Senhor.

— Se você e eu chegarmos a um acordo, a opinião dela será irrelevante. Ela não terá escolha em aceitar.

Observei Richard pelo canto do olho quando ele se inclinou para frente e agarrou o parapeito. Em essência, precisava da ajuda de Richard. Ele cuidara das mulheres quando eu estava fora. Porra, ele cuidava delas mais do que eu. Eu não era um cuidador, e não as adquiria para preencher algum fetiche de príncipe encantado. Não, elas serviam a um propósito.

— Ainda estou no controle — eu disse.

Era isso que mulheres como Scarlett faziam. Elas aceitavam e consentiam com meu poder. Eu estava no final das contas no controle de cada aspecto de suas vidas. Richard talvez traga a comida delas e até forneça algum tipo de conexão. Eu não precisava ou queria isso. Eu queria o que Scarlett havia perdido, aquele limite visível de terror em seus olhos, aquele incompreensível julgamento que só eu poderia conceder a continuação da vida.

Até Ellen possuía aquele olhar — o fogo em seus olhos.

Infelizmente, não foi até seu limite ser literal.

O limite metafórico era o que me deixava duro. Medo era uma emoção tão sedutora. Brilhava como relâmpago nos olhos delas, emanando em um cheiro doce de seus poros, e impulsionava suas ações. Era um estímulo que demandava obediência, uma ameaça que punia desacato, e uma promessa que ficava abaixo da superfície, as mantendo no limite.

Perder aquele limite foi finalmente a ruína de Scarlett.

Richard não disse uma palavra desde minha declaração.

Dando um tapinha em suas costas, sorri.

— Está tudo bem, bom homem. Podemos compartilhar a nova também. Espere até você vê-la.

Richard segurou o parapeito e olhou para as rochas abaixo.

— Ainda penso que é cedo demais. Especialmente se ela trabalha no clube.

— Ninguém sentirá falta dela. Ela é nova. Decidiu seguir em frente. — Sorri. — Essa é a hora, três semanas. É quando a maioria das garotas decide ir

embora ou são ajudadas. Lembra da Debbie? — Ela aceitou trabalhar em uma festa particular. A festa durou seis ou sete meses.

Não conseguia lembrar.

Mudei meu foco para a água.

— Fiz algumas pesquisas sobre Rae. Ela é do Centro-Oeste, se formou no ensino médio em alguma cidade pequena em Ohio. Seu pai morreu quando ela era uma adolescente. Quando sua mãe se casou novamente, Rae se mudou para fazer faculdade e ter uma nova vida.

Richard acenou com a cabeça.

— Sem família perto é bom.

— Ela mora sozinha. — eu disse. — Fui lá hoje.

Richard virou os olhos para mim.

— O quê? Senhor, é arriscado demais.

Meu pau mexeu embaixo de minha cueca boxer. O planejamento em casos assim era um elemento integral do sucesso.

— Queria ver onde ela morava — expliquei. — Deixei uma encomenda do lado de fora de sua porta e a observei pela janela. Estou certo de que ela está trabalhando esse final de semana. O clube detona seus funcionários nesses finais de semana de feriado.

— E você quer voltar na casa dela?

Queria e não queria.

O desejo de diminuir o processo e ir em frente estava crescendo cada vez que eu via os peitos e bunda da Rae no clube. Fiz um pedido, de maneira indireta, para ter Rae na Sala Terçã. Não havia dúvida que sua presença diminuía meu desconforto com o country club. Além do mais, meu sobrenome tinha suas vantagens. Não me importava em usá-las.

Sacudi a cabeça.

— Não quero esperar pelo que fizemos da última vez.

Demoramos mais tempo com Scarlett, tentando algo diferente.

— Lembra das câmeras que tínhamos na casa da Scarlett? — Fechei os olhos e levantei o queixo para a brisa. — Caralho, imaginei Rae da mesma maneira, em sua cama, nua, com suas pernas torneadas abertas e seus dedos se dando prazer. Dessa vez, não será no apartamento dela, mas aqui. Sinto isso, Richard. Você não sente a excitação? — Virei na direção da suíte. — Os novos móveis foram encomendados?

— Sim, senhor. Estará aqui na terça-feira. Sabe, eu penso na Srta. Ellen.

Dei um passo na direção dele.

— Não.

— Ela era… — Richard não terminou a sentença.

— O que? Ela era minha noiva?

— Eu ia dizer que Srta. Ellen era especial. Ela te amava.

— Não, ela amava quem ela pensou que eu era. Ela amava meu nome e o poder e dinheiro que o acompanham. Tentei a introduzir para alguns de meus desejos. — Sacudi a cabeça. — Ela disse que eu precisava de ajuda e ameaçou contar para seu pai ou minha mãe. Porra, a noite que ela escorregou, antes de seu acidente infeliz, ela me disse que ia falar com Harry.

— Você acha que ela falou?

— Não. Sei que ela não falou. Eu nunca a deixei fora do meu alcance naquela noite, não até ela ir além do limite.

Richard engoliu, seu pomo de adão mexendo.

— Menti por você naquela noite.

Dei um tapinha em seu ombro.

— Você é um bom homem, Richard. Você merece ter a sua vez com Rae também. É como se estivéssemos fomentando nosso compromisso em manter esse meu, nosso desejo — corrigi — clandestino.

— Eu gostava da Scarlett.

Seu comentário me fez rir.

— Não se preocupe com isso. Pense nelas como animais de estimação, nem do tipo peludo. Não, mais como peixes dourados. — Olhei em volta no cômodo, vendo as câmeras nos cantos e sabendo que em breve eu teria um novo peixe preso em seu aquário e a minha disposição. — É melhor não se apegar muito. E a boa notícia é que sempre tem um novo para substituir o antigo.

— Continuo pensando no que Scarlett disse quando ela sabia que seu tempo havia acabado.

— Ela falou muito. Não lembro de nada em particular.

Richard passou a mão pelo rosto, antes de seu olhar virar na minha direção.

— Ela pensou que estava grávida.

Isso não era possível.

— Era uma mentira, uma trama por simpatia. Além disso, ela tinha um implante. — Estalei os dedos. — Precisamos descobrir o histórico médico de Rae Watson. Se ela não estiver usando anticoncepcional, tenho um amigo que pode me conseguir pílulas.

— Essas são difíceis de monitorar. Debbie mentiu sobre elas.

Soltei o ar.

— Debbie estava desesperada. Ela sabia que eu estava ficando sério com Ellen, e ela era inteligente, mais inteligente que Scarlett. Debbie viu a escrita na parede. A idiota da Scarlett não entendeu seu destino até a faca estar

em seu pescoço.

— Uma semana, senhor. Espera o feriado passar e as coisas acalmarem sobre Scarlett.

— Não mencione mais o nome dela — eu disse — e nem Debbie, ou Joyce e até Ellen. Você sabe que confio em você, cara.

— Eu sei, senhor.

27

RAE

— Tinham ondas — Jendy disse com a boca cheia de panquecas.

Minha irmãzinha me fez sorrir.

— Tem.

— Vai também, por favor? — Suas frases de menininha faltavam algumas palavras. Mesmo assim, não podia acreditar o quanto ela estava falando desde a última vez que estive em Ohio.

Meu olhar encontrou o da minha mãe quando sacudi a cabeça.

Mamãe passou a mão pelo cabelo claro de Jendy.

— Amor, Rae não pode ir hoje. Mas nós conseguimos vê-la agora para panquecas.

Minha irmãzinha sorriu enquanto espetou outro pedaço de panqueca, a calda escorrendo quando ela a levantou na direção dos lábios. Mamãe pediu que Eric pegasse um papel toalha molhado, e juntos, eles tentaram diminuir a doce bagunça que estava aos poucos cobrindo o rosto e mãos da Jendy.

Era um sentimento estranho, ver minha mãe com outro homem que não era meu pai. Me deixava feliz e triste ao mesmo tempo. Sentia falta do meu pai, mas via mamãe por quem ela era, uma mulher vibrante e amável. Papai não iria querer que ela parasse de viver, e agora, com Eric e Jendy, ela tinha uma segunda chance de felicidade.

Talvez fosse isso o que aconteceu com Scarlett. Era triste, mas também era esclarecedor. Ninguém merecia ser infeliz. Nesse momento, três anos tarde demais, decidi que a felicidade da minha mãe era algo que eu queria.

— Posso ir à praia com vocês na terça antes de vocês irem embora. — Olhei para Mamãe e Eric. — Sinto muito por estar trabalhando tanto. É uma época louca.

Robyn entrou na cozinha vestindo short e camiseta e com uma toalha em volta do cabelo.

— Se sirva de panquecas — eu disse. — Acho que fiz demais.

— Olá, Sr. e Sra. Cole.

Minha mãe sacudiu a cabeça.

— Nos chame de Jill e Eric. É sempre bom te ver, Robyn. Sabe, toda vez que vejo vocês duas juntas, me surpreendo como vocês se parecem.

O olhar de Robyn encontrou o meu e sorrimos.

— Sério? — ela perguntou. — Sou mais alta.

A semelhança não era tão forte do nosso ponto de vista, mas não dava para dizer que não nos divertimos com isso nas festas da faculdade quando compartilhamos um apartamento em nosso primeiro ano.

— E meu cabelo é mais comprido — completei. — Espera! Tem uma confissão que você queira fazer, Mãe? Nós somos gêmeas separadas no nascimento?

Mamãe colocou o braço em volta do ombro da Robyn.

— Eu te reivindicaria em um segundo, mas estou quase certa de que só tive um bebê de cada vez. É difícil esquecer de algo assim.

Ela olhou para o vaso com o arranjo de flores. Sim, elas não eram somente flores como Robyn as chamou, mas rosas vermelhas.

— Quem recebeu as flores? Foi você, Robyn?

— Não. Elas são da Rae.

Os olhos da Mamãe arregalaram.

— Tem alguém que você não mencionou?

— O nome dele é Frankie — Robyn entregou. Eu a atualizei em tudo que Frankie e eu estávamos fazendo. — Ele está em algumas aulas com Rae, e esse verão ele está tomando uma atitude.

— A atitude dele? — Mamãe perguntou, levantando as sobrancelhas.

Sacudi a cabeça.

— Nada, realmente. — Ele é legal. Não tenho certeza de que somos certo um para o outro.

— Rae só está preocupada — Robyn continuou, — porque ele é sócio do country club chique onde ela trabalha.

Quando Mamãe colocou outro copo de café para si mesma, Eric abaixou a voz.

— Rae, nós vimos as notícias no hotel ontem à noite. Eles mencionaram o Cliffs. Não é o nome do country club que você trabalha?

— É sim — eu disse com um suspiro, incerta de que estava agradecida pela mudança de assunto.

Meu padrasto era um policial, um detetive, e quando ele me olhou, vi suas engrenagens de policial rodando em sua cabeça.

— Pesquisei um pouco — ele continuou, — e teve um outro incidente inexplicado no Cliffs no outono passado. Você acha que eles estão procurando por alguma conexão?

Sacudi a cabeça.

— Realmente não tenho ideia do que a polícia está fazendo. Estou ocupada demais com os sócios do clube para pensar muito nisso.

— Querida — Mamãe disse — talvez esse não seja o melhor lugar para trabalhar.

Eu tinha uma lista de motivos de porquê Woodland Cliffs Country Club não era um bom lugar para trabalhar, mas a crescente quantidade de dinheiro das gorjetas tornava difícil de concentrar nos negativos. — Sou só ajudante de verão. Quando as aulas começarem, preciso de uma agenda menos exigente. — Zombei. — Quem achou que eu pensaria que o mercado era menos exigente?

Robyn foi para a mesa com seu café da manhã.

— Estou voltando para a creche. Liguei para eles ontem, e com as escolas de férias, eles poderiam usar minha ajuda. Talvez você possa trabalhar lá?

— Ah — Mamãe disse — você é boa com crianças.

Tomei um longo gole de água e me lembrei que essas pessoas, essas bem aqui, estavam tentando ajudar. A parte engraçada — estranha — era que eles estavam tentando me tirar do clube, e não contei a eles o real motivo de querer pedir demissão.

Não eram os acidentes estranhos e as mortes inexplicadas.

Era o que Beth havia falado.

Isso me lembrou da noite passada, quando me disseram que o Sr. Kluser estava me procurando. Contemplei ir embora sem vê-lo, mas no lugar decidi que precisava encará-lo. Duvidei que com tudo que estava acontecendo e com o fim de semana agitado pela frente, que ele me demitiria na hora.

E então, nada aconteceu.

Não teve nenhuma cena com suas calças em volta dos tornozelos, ou até um confronto desconfortável. Ele queria que soubesse que fui requisitada na Sala Terçã e seria alocada lá na sexta e talvez em dias adicionais.

A única coisa que disse foi *obrigada*.

Não foi até eu estar dirigindo para casa que imaginei quem teria me requisitado. E então pensei sobre as gorjetas. A do Sr. Turner foi a maior, mas o total de uma noite foi maior do que faria em meu contracheque, mesmo com as horas extras.

— Só mantenha os olhos abertos — Eric disse — descobri várias vezes que as pessoas veem ou sentem o perigo antes dele realmente acontecer, antes de ser tarde demais.

— Me preocupo com você — Mamãe disse.

Eric sorriu e tomou seu café.

— Rae é uma garota esperta. Eu sei que ela fará o que ela sente ser o certo.

Levantei minha caneca para os lábios, escondendo minha expressão

incerta.

Eu estava fazendo o que era certo, ou estava me vendendo?

Suponho que só o tempo dirá.

28

RAE

— Você está indo para a Sala Terçã novamente? — Beth perguntou.

Nós duas estávamos no vestiário, colocando nossas saias pretas, blusas brancas e saltos altos estúpidos. Estando perto das quatro, a maior parte do vestiário estava vazio. Os outros já estavam trabalhando, tendo chegado mais cedo. As agendas variavam em uma tentativa de manter cada parte do country clube com a equipe bem distribuída.

Passei meu turno todo no salão de cavalheiros ontem à noite e saí com mais de setecentos dólares em gorjetas. Fiquei ocupada demais para fazer o que Eric recomendou e prestar atenção. O salão estava cheio desde o momento que cheguei. Em alguns momentos, só tinha lugar em pé. Eu vi e falei com sócios que só havia escutado sobre ou visto na televisão ou em revistas.

Saber todos os nomes no salão não era tão fácil quanto quando eles estavam sentados em mesas.

— Tem sido louco — eu disse com um sorriso.

— Hummm.

— Beth, não sei por que eles estão me colocando lá ao invés de você.

Quando ela abotoou sua blusa, seus olhos verdes olharam através dos cílios, vindo na minha direção.

— Você fez, não fez?

— Fiz o quê? — perguntei, minha mente na minha ida para o salão.

Os lábios da Beth se juntaram quando ela inclinou a cabeça.

— Max ou Bernie?

— Espera. O quê? — A realização me atingiu. — Não, Beth, não fiz, e também não se aproximaram de mim. Talvez tenha sido a intenção dele naquele dia que o Sr. Maze veio aqui. — Abaixei a voz. — Talvez Maze o tenha pegado com as calças arriadas. — Franzi o nariz para o visual indesejado em minha cabeça. — E então McKenzie foi comigo na quinta-feira quando ele teve que programar o número em um tablet para eu trabalhar como garçonete. O que ele não achou que eu poderia fazer.

— Ele não achou?

— Não — eu disse — mas consegui. E agora, estou indo de volta lá para cima. — Soltei o ar. — Sério, Beth, sinto muito se você acha que tirei esse serviço de você. Eu não fiz intencionalmente.

Beth sacudiu a cabeça e forçou um sorriso.

— Desculpa, Rae. Estou ficando cansada desse lugar e as porras das políticas. Parece que jogar dentro das regras também não funciona. Olhe para Scarlett. Porra, pediria demissão se pudesse fazer esse tipo de dinheiro em algum outro lugar. — Ela riu. — Pensei sobre um strip club, mas não. Eu talvez me dobre para as regras aqui, mas esse é um passo que não estou disposta a tomar.

As palavras da Beth mais cedo estavam dando voltas em meus pensamentos. *Parece que jogar dentro das regras também não funciona. Olhe para Scarlett.* Eu pensei sobre isso quando subi pelas escadas do fundo. Quando cheguei no patamar e estava prestes a abrir a porta, ela abriu para dentro da escadaria.

— Ah, desculpa — eu disse, não reconhecendo o cavalheiro me encarando. Baseado em suas roupas, ele era um sócio.

— Desculpa — ele disse com um sorriso e inclinando a cabeça.

O modo que seus olhos me observaram fez meu estômago revirar, e não de uma boa maneira.

Eu dei um passo para a direita e um para a esquerda. Nós parecíamos estar em uma dança coreografada que me deixou bloqueada. Dei um passo para trás, ainda segurando a porta.

— Você sabia que os sócios têm uma escadaria separada. — Fingi um sorriso. — Uma muito melhor que essa.

Seu olhar ficou no meu crachá tempo demais, antes de olhar para cima e responder.

— Estou indo para o posto dos motoristas.

— Ah — eu disse, percebendo que esse homem não era um sócio, mas um motorista.

O posto que ele se referia era um prédio separado onde os motoristas podiam esperar e passar o tempo até receberem uma ligação. Sabendo que era apenas quase quatro da tarde, tive um pouco de pena que esse homem poderia ficar esperando por horas.

— Por favor — ele disse, abrindo espaço para mim. — Damas primeiro, Rae.

— Obrigada. — Minha pele arrepiou quando passei, era a sensação desagradável que vinha com a combinação de seu olhar indesejado e o modo que ele disse meu nome.

Quando eu estava livre e fora de seu olhar, meu corpo se tremeu todo, e ajeitei minha saia.

— Esqueça dele — balbuciei.

Quando entrei no lounge, pensei sobre minha conversa mais cedo com

Frankie. Nós só tivemos alguns minutos depois que minha família saiu e antes que precisasse me arrumar para o trabalho. Agora que ele sabia que eu trabalhava no country club onde ele era sócio, descobri que estava mais aberta a conversar sobre isso. Quando mencionei a Sala Terçã, pude ver que ele ficou desconfortável.

— Eles são só um bando de homens velhos — eu disse. Era isso que eu me lembrava quando entrei na porta atrás do bar.

O sorriso brilhante de Bette me recebeu quando entrei.

— Rae, alguns sócios estão perguntando por você.

— Isso é estranho.

— A maioria deles é de fora da cidade, então aproveite as gorjetas enquanto puder.

— A maioria deles? — perguntei, olhando para o largo salão chique. Eu tentei reconhecer rostos. As cadeiras estavam arrumadas em grupos mais íntimos, junto de algumas mesas pequenas, e alguns sócios estavam de pé perto das paredes. As portas para a varanda estavam abertas, e mais sócios estavam do lado de fora, envoltos por uma névoa de fumaça de charutos caros.

Bette me acotovelou e inclinou a cabeça. Sentado sozinho em uma pequena mesa com uma cadeira de encosto alto estava um homem que eu reconhecia, Henri Turner.

— Ele está esperando.

Colocando o avental preto por cima da minha saia, peguei o tablet eletrônico de onde ele estava carregando atrás do bar. Quando peguei, olhei para o homem esperando. Henri Turner não era um homem feio. Além de presumir que ele era mais velho que minha mãe, ele tinha um ar distinto que Max Kluser e o homem na escadaria definitivamente não tinham. Talvez fosse a confiança que acompanhava uma fortuna além da minha compreensão. Ou talvez tenha sido conquistado.

Escutei que ele tinha um cargo alto na empresa de sua família.

A primeira noite que o conheci, Henri Turner foi um pouco assustador. Agora, não podia vê-lo sem lembrar de sua mãe e irmã. Um pensamento rápido de minha mãe veio à mente. Eu fui sortuda. Provavelmente ser criado por aquela mulher venenosa que acreditava que o mundo deveria saber que ela bebe café descafeinado poderia afetar negativamente a mente de uma criança.

Mas então parecia que Ashleigh Maxwell tinha acabado bem.

Psicologia não era minha área de estudo, mas depois de trabalhar no Cliffs, decidi que seria uma boa especialização para acompanhar a minha formação em economia e negócios. Afinal de contas, os homens nesse salão compartilhavam os frutos de sucesso, mas mesmo assim cada um era diferente

do outro.

— Rae — o Sr. Turner disse quando levantou o rosto da tela de seu telefone. — Estava começando a imaginar se você estava escalada para hoje. — Seus lábios curvaram. — Sabia que Bette não iria me enganar.

— Estou aqui pelo resto da noite, Sr. Turner. O que posso pegar para você?

29

BERNIE

Com uma bufada, entrei em meu escritório e tirei o telefone do gancho.

— Fritz, me diga que você não encontrou mais alguém?

— Não encontramos.

— Então, isso pode esperar?

— Provavelmente — o xerife disse — mas pensei que você gostaria de saber alguns progressos feitos pelo médico legista.

— É um progresso que vai ajudar ou prejudicar o Woodland Cliffs?

— Suponho que isso vai depender.

Expirando, sentei atrás da minha mesa, balançando na beira da minha cadeira com os cotovelos apoiados em alguns papéis. Eu tinha várias notas rabiscadas aqui e ali. Eu não vivia na Idade da Pedra. Eu sabia como fazer notas eletrônicas e entradas em calendários. Às vezes, uma caneta ou lápis à moda antiga para rabiscar pensamentos ajudavam uma mente frenética.

Agora, revendo o que escrevi, vi nomes que eram melhores não serem deixados como evidência. Estava na hora de me livrar disso.

A reunião com o conselho administrativo no outro dia me fez pensar. Eu fiz uma lista mental dos sócios homens do clube e também dos funcionários. Suponho que era sexista — uma mulher pode matar mulheres — mas meu instinto dizia que era um homem. Minha cabeça não queria que existisse uma conexão com o clube. Mas a porra do meu instinto não deixava esse pensamento descansar.

Meu problema era juntar Ellen Temple com Scarlett Barrack, ou encontrar uma conexão em comum. Não. Meu problema era tempo. Eu não tinha nenhum, não nesse final de semana.

— Fritz, tenho um clube bem cheio no momento, e preferiria estar no lado de fora, observando e escutando.

— Isso é só para os seus ouvidos.

— Estou escutando — eu disse, me recostando na cadeira enquanto anoitecia do lado de fora.

— O legista deixou escapar hoje que Srta. Barrack estava grávida.

Inclinei para a frente.

— Grávida?

Minha mente fez as contas. Scarlett sumiu perto de seis meses atrás.

Quando foi a última vez que nós…

— De quanto tempo?

— Somente algumas semanas — Fritz disse e segurei um suspiro de alívio. Ele continuou. — Ela talvez nem soubesse.

— Ou sabia, e é por isso que ela está morta.

— Ela não se engravidou — Fritz disse. — Eles estão fazendo teste de DNA.

Levantei com o telefone sem fio em meu ouvido enquanto andava de um lado para o outro perto das janelas.

— Você vai me avisar?

— Me diga que você não está preocupado que é seu.

Parei de andar.

— Porra não. — Se ela estivesse grávida de seis ou sete meses, talvez tivéssemos motivo de preocupação. Sim, eu a fodi. Fodi, mas não nas últimas semanas. — Me diz quando você tiver um nome, se tiver uma conexão.

— Bernie, nós conversamos depois que Ellen foi encontrada. Você sabe tão bem quanto o resto do mundo que existiam problemas no paraíso dela. Nós questionamos pessoas próximas a ela que acreditavam que ela estava prestes a deixar Henri Turner.

— Ele nega isso.

— Ele nega — Fritz disse. — Continuo achando que tem uma conexão com ele, mas como?

— Scarlett trabalhava aqui. Ela o servia. — Sacudi a cabeça. — Não tenho nada mais.

— E sobre Max Kluser? — Fritz perguntou. — Ninguém prestou queixa, mas o nome dele continua aparecendo com alguns de seus funcionários.

Cerrei os dentes. Minhas narinas dilataram quando lembrei de ter pego Max na outra noite. Sua mão estava em seu cinto. Sim, ele me deu uma resposta lógica. Seu escritório tinha um banheiro anexo. Eu o surpreendi. Mas sabia de algumas funcionárias com quem eu dormia de que não estava sozinho em minha afeição pela equipe. Esse pedaço de informação era algo que nenhum de nós dois queria que se tornasse público. — Aparecendo como?

— Talvez seja hora de você limpar a casa, Bernie. Os tempos estão mudando. Se um comportamento inaceitável foi ignorado…

Merda.

— Não é uma boa hora.

— Nunca é. Estamos chamando algumas pessoas de sua equipe para mais algumas perguntas complementares.

— Quanto tempo — perguntei — até o resultado do DNA sair?

— Eles pediram pressa, mas com o feriado, não estou esperando milagres.

— Escuta — eu disse — conheço Max há anos. Falarei com ele, mas não o vejo como uma pessoa que pegaria Scarlett, a sequestraria — pensei nas fotos que Fritz me mostrou, as com as cicatrizes e ossos quebrados e curados — e faria Deus sabe mais o que. Só porque um homem gosta de pular a cerca não significa que ele é algum bastardo doentio.

— Também não o descarta.

— Obrigada por me contar — eu disse quando o ar se encheu com um estouro e cores explodiram pelo céu, refletindo na água.

— O que foi isso? — Fritz perguntou.

— Fogos de artifício. Tradição.

— Algumas tradições precisam acabar. Te ligo quando souber algo mais.

Desligando o telefone, continuei perto da janela, assistindo à exibição colorida. Quanto mais pensava sobre a cadeia de eventos, mais meus pensamentos iam para Henri Turner. Peguei o telefone e disquei um número.

O destinatário atendeu no terceiro toque.

— Mitchell — eu disse. — É o Bernie Maze.

— Está tarde, Bernie. O que posso fazer por você?

— Tenho uma pergunta para você?

— Certo.

Limpei a garganta.

— Escutei que você e Henri Turner estão trabalhando em uma iniciativa conjunta?

— Nós estamos analisando propostas e fazendo contas. Por quê?

— O quão bem você o conhece?

30

RAE

Levantei meu telefone da mesa de cabeceira e tentei focar na tela. Eram 09:15. Podia parecer tarde, mas para alguém que não subiu na cama até depois das duas da manhã pelas últimas quatro noites, nove era cedo demais pela manhã.

A notificação que me acordou era uma mensagem de texto do Frankie.

> Venha à sua porta. Tenho uma surpresa para você.

A parte de mim que desejava dormir mais queria grunhir e se enfiar nas cobertas. A parte de mim que não via Frankie desde quinta pela manhã estava sorrindo. Uma virada rápida para a esquerda e vi Robyn, a maior parte era seu cabelo loiro.

Silenciosamente, levantei da cama. Fiz uma rápida parada no banheiro, onde me aliviei, escovei meus dentes, joguei água no rosto, e passei os dedos pelo meu cabelo antes de prendê-lo em um coque bagunçado. Em meu short e camiseta de dormir, andei descalça pelo corredor até a sala. Mantendo a corrente de segurança presa, abri a porta e olhei para a entrada.

O sorriso de mais cedo cresceu quando fechei a porta, soltei a corrente e abri mais a porta.

Frankie estava de pé com um copo de café de alta qualidade.

— Dois cremes. Um açúcar.

— Você lembrou. É você minha surpresa, ou é o café?

— Ambos — ele disse, dando um passo para a frente e me oferecendo um beijo. — Senti falta de te ver.

— Você podia ir até o clube. — Abri a porta. — Você quer entrar?

— Esse é um grande passo, Rae. — Seus olhos azuis brilharam no sol. — Me convide para entrar, e em seguida, deixarei uma escova de dentes.

— Calma. Você está indo rápido demais. — Quando Frankie me seguiu, abaixei a voz. — Robyn está aqui. Ela está dormindo.

— Por que ela está aqui? — ele perguntou.

Dei de ombros.

— Não é da minha conta. Não tentei arrancar dela, mas acho que os

planos de verão dela com Parker não saíram do jeito que ela planejou.

— Bem, a cama ficará aglomerada com nós três, mas acho que posso dar conta.

Sacudindo a cabeça, levei Frankie para a cozinha.

— Você quer compartilhar? — Levantei o copo.

— Eu estava falando sobre compartilhar.

— Não — respondi categoricamente. — Estou falando do café.

— Tenho um copo no carro. Pensei que talvez você quisesse ir tomar café da manhã comigo.

Olhei para o que usei para dormir.

— Não estou vestida para sair em público.

As bochechas de Frankie subiram com um sorriso.

— Gosto do jeito que você está vestida.

— Tenho comida aqui. Minha família veio tomar café da manhã no sábado. Eu poderia fazer ovos para nós, e ainda tenho frutas.

— Esqueci que eles estavam aqui visitando. Eles ainda estão na cidade?

— Sim, até terça.

Frankie sacudiu a cabeça.

— Você tem estado ocupada. Não precisa cozinhar para mim.

— Você sabe cozinhar?

— Pra falar a verdade, sei. Deixe-me pegar meu café, e voltarei.

Antes que pudesse protestar, ou dizer alguma coisa, Frankie estava do lado de fora e rapidamente de volta. Com um sorriso, ele passou por mim na cozinha e abriu a geladeira. Em seguida, ele começou a abrir armários e a despensa.

— Sinta-se em casa — eu disse com uma risada quando coloquei uma perna embaixo de mim e me sentei à mesa da cozinha.

— Me dê dez minutos — ele disse — e você terá o especial do Frankie.

Mexi as sobrancelhas.

— Parece impressionante. — Inclinei a cabeça. — E rápido.

Frankie andou até mim e segurou meu queixo, o levantando até meus lábios encontrarem os dele. Quando ele se distanciou, fui recebida com um sorriso contagiante.

— Impressionante, sim. E quando *isso* acontecer, velocidade não será minha meta.

— Seguro de si mesmo.

Ele piscou.

— Um passo de cada vez, Rae. Deixe-me ver o que você tem aqui.

Robyn comprou alimentos que geralmente não tenho. Quando Frankie

retirou itens frescos da geladeira, pensei em impedi-lo, mas isso significaria que não teria meu especial do Frankie. No lugar, decidi relaxar e assistir. Quando tiver a chance de fazer compras, reponho o que ele usar.

Fiquei maravilhada enquanto Frankie fatiava e picava.

Me sentindo um pouco inútil, fiz mais café.

Pimentões e cebolas chiavam em uma frigideira.

Rapidamente, a cozinha tinha um aroma maravilhoso.

Assim que o especial estava pronto, Frankie colocou nossos pratos na mesa.

— Ta-da. — Ele inclinou a cabeça na direção das flores. — Elas são bonitas. Sua mãe e padrasto as trouxeram?

A omelete de vegetais derreteu em minha boca quando dei minha primeira mordida e sorri. Quando engoli, comecei com um elogio.

— Ah meu Deus, Frankie, essa omelete é deliciosa. Onde você aprendeu a cozinhar assim?

— Minha mãe.

— Obrigada pelas flores. Você sabe que elas não são dos meus pais. — Parecia estranho me referir a mamãe e Eric no plural, mas era mais fácil.

Ele sentou.

— Não são. De quem elas são?

— Presumi que de você. Mandei uma mensagem de texto agradecendo.

Sua expressão ficou intrigada.

— Recebi a mensagem, mas não estava certo sobre o que você estava me agradecendo. Assumi que era pelo nosso tempo na praia.

A omelete de repente ficou pesada em meu estômago.

— Você está falando sério, você não enviou as flores?

— Gostaria de receber o crédito, mas não.

Minha pele gelou quando olhei para as rosas. De uma só vez, levantei, peguei as rosas e abri o armário para a lixeira, as joguei no cesto. Quando virei, os olhos azuis de Frankie estavam arregalados.

— O que foi isso?

— Não sei — disse, sacudindo a cabeça. — Pensei que as rosas eram um pouco demais para você, mas achei que você podia pagar… — Respirei fundo, me dizendo para não ser boba. Eu virei para o olhar azul-claro de Frankie. — Não sei de quem elas são, e se você me perguntar, isso é bizarro.

— E elas estavam endereçadas a você? Talvez fosse Parker mandando um buquê pedindo desculpas?

— Não, elas eram para Rae — Robyn disse, em pé no portal. — Olá, Frankie.

— Ei. — Ele se levantou. — Você quer uma omelete? Posso fazer uma para você.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Passo, mas sinto cheiro de café.

Perto de meio-dia, levei Frankie até a porta.

— Obrigada por vir até aqui. — Minhas bochechas levantaram quando meu sorriso cresceu. — Era fofo, e meu Deus, as omeletes estavam fantásticas.

— Existem algumas vantagens por ainda morar com meus pais, as comidas da Mamãe.

— Você não tem um chef ou algo do gênero?

Ele segurou minhas mãos.

— Adoraria que você fosse jantar uma noite e conhecesse meus pais.

Olhei para baixo e para cima.

— Eu os conheci no clube.

— Conheceu?

— Bem, eles só me conhecem como a garçonete deles. Eu não disse exatamente, aqui está sua taça de vinho, Sra. Hamilton, e acho que gosto do seu filho.

Frankie sorriu.

— Você *acha* que gosta de mim?

— Talvez um pouco.

Ele chegou mais perto com mais facilidade do que no outro dia e colocou seus lábios nos meus. Quando o beijo terminou, ele disse:

— Acho que gosto de você também. — Ele segurou minha mão. — Você trabalha hoje à noite?

— Sim. Será meu último turno por um tempo. Estou de folga até quinta-feira. — Lembrei da minha família. — Prometi para minha mãe e irmã de ficar com elas amanhã até antes delas irem embora.

— Volto a trabalhar na terça, mas garanta que a noite de terça e quarta estejam reservadas para mim.

— Combinado.

31

RAE

— Ei — Beth disse, chegando por trás de mim.

Virei e olhei o rosto sorridente de minha amiga.

— Você está aqui em cima hoje à noite? — Sendo aqui a Sala Terçã.

— Sim — ela disse dando de ombros. — Metade dos membros de fora da cidade foi embora, mas ainda estamos ocupados.

Segurei sua mão.

— Estou tão feliz que você também está aqui. — Eu queria perguntar quem a mandou e se ela fez alguma coisa para conseguir esse serviço, mas não perguntei. Talvez não quisesse saber a verdade, ou talvez não quisesse que ela perdesse seu sorriso.

— Rae, Henri está de volta — Bette sussurrou.

Beth e eu viramos para ver o Sr. Turner sentado na mesma mesa que ele esteve pelas últimas quatro noites.

— Estou pronta para uma noite de folga — disse enquanto peguei a garrafa de uísque Black Label e um copo.

Os olhos do Sr. Turner estavam em mim desde o momento que saí de trás do bar.

— Rae, que surpresa boa.

Sua voz era suave, como xarope. Isso sem sombra de dúvidas o ajudava no que quer que ele fizesse profissionalmente, mas eu a achava enervante, como se ele estivesse encobrindo algo mais sinistro com uma distração adocicada.

— Sr. Turner, é bom te ver.

— Você também vai trabalhar amanhã?

— Não, ainda bem.

— Não me diga que você está infeliz aqui no Cliffs?

— Não exatamente infeliz — eu disse — só pronta para um descanso.

A mesma coisa que ele fez nas últimas quatro noites, o Sr. Turner colocou uma nota de cem dólares na mesa.

— Para seu incômodo.

— Não é incômodo — eu disse e enfiei a nota no bolso do meu avental.

Quando voltei para o bar, a expressão da Beth havia mudado.

— Juro, ele é um esquisito.

Acenei com a cabeça.

— Nenhum argumento aqui, mas ele dá boas gorjetas.

— Era o que Scarlett dizia.

— O quê?

— Nada, foi só algo que lembrei.

— Bem, pare — eu disse. — Você acabou de torná-lo ainda mais esquisito.

— Isso é possível? — Beth perguntou, seu sorriso de volta no lugar.

Diferente das noites anteriores, perto das nove horas, outro homem se juntou ao Sr. Turner. Não precisava de um sexto sentido para ver que a discussão deles era tensa.

— Devo ir lá pegar o pedido dele? — perguntei para Bette sobre o homem com o Sr. Turner.

Seus lábios formaram uma linha reta quando ela acenou com a cabeça.

— Vai e volta.

— Quem é o outro cara?

— Aquele é Harrison Turner, irmão mais velho do Henri. Você se acostumará a ver os dois. Vamos só dizer, não tem amor perdido entre esses dois.

Quando me aproximei, Harrison estava inclinado para frente, e sua voz estava baixa, me lembrando de um rosnado como um aviso de um cão.

— Ellen contou para Marley.

Foi tudo que escutei antes que eles me notassem.

— Olá, Sr. Turner, posso trazer algo para você?

— Não, Rae — Henri Turner disse — ele está indo embora. — Seu olhar voltou para o irmão. — Nós podemos conversar sobre suas ideias mirabolantes em privado, irmão.

Harrison Turner virou para mim.

— Rae, é isso? Meu irmão está equivocado, como ele geralmente está. Tomarei dois dedos de Pappy puro. — Ele olhou para o irmão e de volta para mim. — Ah, e peça para Bette colocar na conta de Henri.

— Você está delirando — Henri disse quando fui embora.

— Dois dedos de Pappy, puro — disse para Bette.

— Dez pratas que um deles começa uma briga.

— Eles são realmente tão ruins?

— Sempre foram — ela disse. — Não sei quando começou, mas cara, eles são como óleo e água.

Quando ela me entregou a bebida, eu disse:

— Conheci a irmã deles, Ashleigh Maxwell. Ela me pareceu legal.

— Provavelmente a melhor do grupo, se você me perguntar. — Bette abaixou a voz. — A mãe é um verdadeiro tesouro.

— Ah, eu tive o prazer.

— Sinto muito — ela falou quando andei de volta para a mesa dos homens. Minha presença parou a conversa que estavam tendo. Senti os pelos de meus braços arrepiarem em atenção quando me aproximei. Tinha tanta eletricidade crepitando ao redor deles como se uma tempestade estivesse se aproximando. Depois de colocar o guardanapo quadrado, coloquei o copo na mesa.

— Por favor, me avisem se algum de vocês precisar de mais alguma coisa.

Beth estava certa de que essa última noite do final de semana era a menos movimentada. Quando os fogos de artifício explodiram sobre o oceano, o salão estava quase vazio. Em algum momento o Turner mais velho foi embora — nenhuma briga iniciada — deixando seu irmão sozinho com a garrafa. Um rápido olhar para o uísque restante e sabia que Henri Turner bebeu mais do que em qualquer outra noite.

— Sr. Turner — perguntei — você está bem?

— Não, mas as coisas melhorarão em breve.

— Você precisa que chamemos seu motorista?

Ele sacudiu a cabeça antes de um sorriso curvar seus lábios devagar.

— Rae, você pode me levar para casa.

Seu comentário não era o que eu estava esperando. Mesmo assim, mantive meu sorriso de garçonete no lugar.

— Acredito que isso é contra as regras do clube. Não me incomodo de ligar para alguém.

Henri Turner colocou uma segunda nota de cem dólares na mesa.

— Obrigado pelo serviço, Rae. — Sua mão ainda estava na nota. — Eu seria ainda mais generoso com uma carona. Minha casa não é longe.

— Tenho certeza de que seria. — Seu fator esquisitice estava crescendo exponencialmente com cada palavra dessa conversa. Não era somente o que ele disse, mas como ele disse, como seus olhos apertaram quando descaradamente olhou para meus seios e de volta vagarosamente para meus olhos. — Por favor, me avise se quiser que eu faça a ligação.

— Eu mesmo vou dirigir. — Ele tirou a mão da nota. — Não se preocupe. Já bebi mais que isso e cheguei em casa sem problemas.

Acenando com a cabeça, voltei para o bar para Bette e Beth.

— Estou preocupada com ele dirigindo.

— Richard Reynolds provavelmente está no estacionamento esperando — Bette disse.

— Quem é Richard Reynolds?

— Ele trabalha pro Henri. — Bette deu de ombros. — Ele estava aqui em cima outro dia, mas acho que foi antes de você chegar.

— Ele teria usado a escada dos funcionários? — perguntei lembrando do encontro estranho.

— Provavelmente.

— Cara alto, cabelo curto, estranho?

— Você acabou de descrever metade dos sócios e seus motoristas — Beth disse, colocando a mão no avental e tirando suas gorjetas. Ela olhou para cima e sorriu. — Melhor que no andar de baixo mesmo em uma noite lenta.

O Sr. Turner se levantou e acenou com a cabeça em nossa direção.

— Tenham uma boa noite, meninas.

— Você também — Bette disse.

— Meninas — repeti baixinho com desgosto.

— O bom com o ruim — Bette disse enquanto olhava para as gorjetas de Beth.

32

RAE

— Tem certeza de que estou bem? — perguntei ao Frankie quando alisei a saia de meu vestido e ajustei o cardigã amarelo combinando.

— Pare de se preocupar. Eu conheci sua mãe hoje, e nem estava planejando.

Me arrumei no banco do carona no carro de trabalho de Frankie e olhei para meu Honda ao lado do carro de Robyn. Eu precisava avisar ao meu condomínio se Robyn fosse ficar. Daqui a pouco alguém reclamaria do carro extra.

— Terra chamando Rae.

Virando para Frankie, sorri.

— Desculpa. É que foi um final de semana corrido, e estou feliz que você conheceu minha mãe e Eric.

— Eu não sabia que ele era um policial.

— Ele gosta de falar isso para as pessoas. Tenho pena da Jendy quando ela for mais velha. Ele provavelmente vai vestir seu uniforme para abrir a porta. — Sacudi a cabeça quando olhei pela janela enquanto Frankie começou a dirigir. — Como detetive, Eric não usa uniforme com frequência, mas ele estava usando na primeira vez que Mamãe o conheceu. Acho que foi o primeiro passo para o que eles têm hoje.

— Ah, sua mãe gosta de um homem de uniforme?

Acenei com a cabeça.

— E você?

Olhei Frankie desde seus cabelos castanhos claros, sua blusa social com as mangas dobradas até os cotovelos, até sua bermuda cáqui e seus sapatos de couro.

— Você fica bem quando se veste para o trabalho.

— Está me dizendo que não estou bem agora?

— Está. — Segurei o braço dele. — É assim que estou acostumada com você. — E era. Era como ele se vestia para as aulas a maior parte do tempo. — Estou um pouco decepcionada que você não me pegou em sua moto.

Frankie sorriu.

— Meus pais nunca aprovariam. Além disso, você está bonita demais nesse vestido para estar na garupa de uma moto.

— Estou me acostumando com ela.

— Bom.

Minha expressão fechou.

— Falando nos seus pais, o que eu devo dizer a eles sobre o que faço?

— Minha mãe sabe. Eu disse a ela que você contou que os serviu. — Ele sorriu. — Ela disse que lembrava de você.

Meu estômago revirou.

— Isso é bom ou ruim?

— Depende. — Ele inclinou a cabeça e sorriu. — Foi você que derrubou vinho na blusa branca nova dela?

— O que? Não!

Frankie colocou a mão no meu joelho.

— Estou brincando. É bom. Por que você está tão nervosa?

— Porque trabalhar no Cliffs me faz pensar que existem dois grupos de pessoas, e nós não estamos no mesmo grupo.

— Nem todas as pessoas que pertencem ao Cliffs são babacas, arrogantes e metidos.

— Alguns são.

Frankie riu.

— Você está certa.

O cenário mudou quando Frankie nos dirigiu mais alto nas montanhas. Parecia que estávamos acima das nuvens quando Frankie apertou um botão ao lado de um portão. O largo portão de ferro moveu silenciosamente para um lado nos permitindo a entrada. Meus olhos arregalaram quando vi o lar dos Hamiltons. Com cada minuto que passava, estava certa de que era um erro. Eu não pertencia aqui.

Quando Frankie abriu minha porta e me ofereceu sua mão, me senti um pouco mais leve.

— Tem certeza? — perguntei.

— Vamos lá, Rae. Meus pais não mordem.

Com minha mão na dele, Frankie me levou para subir os degraus, e a porta abriu. Eu reconheci sua mãe do Cliffs, mas dessa vez, ela estava vestindo uma blusa simples e calças jeans. Seu sorriso era contagiante quando abriu os braços e me ofereceu um abraço.

— Rae, é bom finalmente te conhecer formalmente.

— Sra. Hamilton.

— Ah, pare. Eu sou Audrey, e o pai do Frankie é Mitch. Estou tão feliz que você pode se juntar a nós. Entre. — Olhei por cima do ombro, sorrindo para Frankie enquanto sua mãe nos levou por uma bela sala de estar e na direção dos

fundos da casa para uma cozinha que parecia ter sido retirada das páginas de uma revista de decoração.

— Isso é lindo. — Inspirei. — E algo está com um cheiro delicioso.

— Espero que você goste de lasanha. Fiz sem carne. Não estava certa.

— Gosto. Lasanha parece ótimo, mas sim, comeria com carne também.

— Essa é a Rae?

Nós todos viramos para a entrada e a saudação ruidosa do Sr. Hamilton.

— Sim, Pai — Frankie disse — essa é Rae.

— Bem, você deveria ter nos contado que você era *a* Rae quando estávamos no Cliffs.

A Rae.

Calor preencheu minhas bochechas.

— Você é tão bela quanto Frankie disse.

Olhei para Frankie.

— Você realmente contou a eles sobre mim?

— Só pelo último ano, Rae — Audrey disse com um sorriso. — Estou tão feliz que ele finalmente te convidou para um encontro.

— E você disse sim — seu pai completou.

Eu estava um pouco surpresa — de uma boa maneira — com a atmosfera leve e tranquila. Quando Audrey tirou a lasanha do forno e um pote de salada da geladeira, ofereci para ajudar.

— Besteira. Hoje, você relaxa e nós te servimos.

Não foi até irmos embora, andando para o carro do Frankie, que ele finalmente segurou minha mão e deu um aperto.

— Viu, eles não foram assustadores.

— Eles realmente não foram. É louco o quão diferente as pessoas são. Eu estava errada em agrupar todos os sócios em um grupo. — Olhei para as estrelas. — Também foi bom passar um tempo sem pensar sobre Scarlett.

— É uma situação triste, mas você não é ela. Sem agrupar.

— Gosto disso. Sem agrupar.

Ele abriu minha porta e quando eu estava sentada, ele a fechou e deu a volta para o outro lado. — Você deve estar cansada, Rae, mas que tal uma caminhada na praia?

— Garrapata?

Ele acenou com a cabeça.

— Eu gostaria disso.

As estrelas brilhavam enquanto ele dirigia pela Rodovia 1.

Depois que Frankie colocou o carro no cascalho, deu a volta e abriu minha porta. Sim, eu podia abrir minha própria porta, mas ele fazendo isso, e

então segurando minha mão, parecia… especial.

Nós ficamos de mãos dadas enquanto descemos as escadas de madeira. Quando nossos pés encontraram areia, Frankie me puxou para mais perto e me beijou.

— Minha mãe não estava mentindo, Rae. Tenho falado de você desde que nos conhecemos. Tem algo sobre você. Me senti no limite, como se eu não pudesse falar com você, mas queria estar com você. Era um sentimento diferente. Tentei ignorar, mas aí você sorria para algo que eu dizia, ou você nos maravilhava com seu entendimento de o que quer seja que estávamos sendo ensinados. — Ele sacudiu a cabeça. — Estou falando tudo errado.

— Não, Frankie, você está falando exatamente certo.

— Amanhã à noite, que tal um piquenique aqui?

— Está marcado.

33

RAE

Como ele fez no nosso primeiro encontro, Frankie me pegou em sua moto. Quando ele chegou na porta vestido de calça jeans, eu sabia que sim. Meu sorriso cresceu ao vê-lo. O que eu disse para ele na noite passada estava correto. Eu gostava do jeito que ele se vestia para o trabalho e do homem mais casual que conheci na faculdade. O observando desde seus cabelos, passando por suas órbitas azuis brilhantes, descendo por seus ombros largos, tronco muscular, e longas pernas, eu gostava desse Frankie também.

Seu sorriso encontrou o meu.

— Você está vestindo jeans e botas.

— Estava esperando pela moto.

Dando um passo para frente, ele me beijou suavemente na porta de entrada.

— Sua carruagem a espera.

— Entre enquanto pego minha bolsa, e tenho uma surpresa.

As sobrancelhas de Frankie dançaram.

— Gosto de surpresas. — Seu olhar logo encontrou minha nova colega de apartamento. — Oi, Robyn.

— Desculpe ser a vela.

— Ofereceria para você se juntar a nós — Frankie disse — mas não acho que caberíamos em minha moto.

— Está de brincadeira? Rae passou o dia todo excitada por essa moto. Eu não pensaria em me intrometer.

— Outra noite — ele disse.

Com uma pequena bolsa para guardar meu telefone, tirei uma caixa branca da geladeira.

— O que é isso? — Frankie perguntou.

— É a surpresa.

Ele sorriu maliciosamente.

— Não era o que eu estava esperando.

— Você não sabe o que tem ali dentro.

— Tudo que quero é você.

— Vão — Robyn disse, acenando com a mão. — Estou ficando enjoada.

— Não voltaremos tarde — disse quando Frankie abriu a porta. Quando vi o modo que ele estava me olhando, algo dentro de mim mexeu. — Ou talvez voltemos.

A risada da Robyn abafou quando fechamos a porta.

— Isso vai caber na bolsa lateral? — perguntei.

— Ela te contou o que aconteceu?

Sacudi a cabeça enquanto andamos para a moto do Frankie.

— Não perguntei. Eu não quero me meter. Desde que ela voltou para a creche, está melhor.

— Parker parecia… — Frankie sacudiu a cabeça. — Eu sei que ele gostava da Robyn. Não posso imaginar ele terminando com ela assim. — Ele pegou a caixa da minha mão e a levantou, dando uma leve sacudida.

— Pare, você vai estragar.

— Caixa de confeitaria. Tem cheiro doce. Algo com cobertura?

— Você precisa esperar. — eu disse depois que a caixa estava guardada e nós colocamos nossos capacetes.

Frankie subiu na moto primeiro, e logo, eu estava atrás dele, meus braços em volta de seu tronco.

Os capacetes não eram do tipo chique com microfones. Então, ao invés de conversar, me apoiei em suas costas e observei os campos de Monterey que passavam acelerados. O sol estava em sua descida enquanto cruzávamos a Rodovia 1.

Frankie carregou as outras bolsas enquanto carreguei a caixa descendo os degraus de madeira.

Quando chegamos embaixo, virei em todas as direções.

— É estranho que um lugar tão bonito esteja sempre vazio.

— É porque é o nosso lugar, Rae.

Nos ajeitamos na toalha de piquenique, tirando as botas e meias. Dobrei a bainha da minha calça e Frankie abriu uma garrafa de vinho. Depois de servir uma taça, ele me entregou.

— Obrigado por ir em minha casa. Posso ser patético, mas gosto dos meus pais.

— Não é patético. Acho que nesse último final de semana, percebi, que também gosto dos meus. É estranho pensar no Eric como meu pai, mas ele é ótimo com Jendy e faz minha mãe feliz. — Virei o pé da taça vendo o líquido rosê revirar. Quando olhei para cima, completei: — Seus pais são boas pessoas. Você deveria gostar deles. — Calor preencheu minhas bochechas. — Não posso acreditar que você falou para eles sobre mim.

Deitando na toalha, Frankie segurou a cabeça com o cotovelo apoiado

no chão.

— Minha mãe é. — Ele deu de ombros. — Fácil de conversar. Antes dela se envolver com a vinícola e os vinhedos, ela era uma conselheira. Acho que ela usou essas coisas de psicologia em seus filhos. Susan, minha irmã mais velha, e eu sempre fomos capazes de conversar sobre tudo.

Sentando com minhas pernas cruzadas, virei até estarmos de frente um para o outro.

— Lembra o que você disse sobre agrupar?

Frankie acenou com a cabeça colocando sua taça na areia.

— Nós todos fazemos isso. Quando somos mais novos, nós agrupamos nossos pais em um grupo que inclui todo mundo. Quando meu pai ficou doente — respirei fundo.

Frankie sentou e colocou a mão no meu joelho.

— Não fale sobre algo que você não queira.

Sacudi a cabeça.

— Quero. Se você não se incomodar de escutar.

Levantando, ele limpou a areia de sua calça jeans e me ofereceu a mão. Colocando minha taça na areia macia, coloquei minha palma na dele.

— O sol está prestes a se pôr — Frankie disse. — Vamos andar na praia.

Com minha mão na dele, olhei nosso piquenique.

— Acho que não tem ninguém aqui para pegar nossa comida.

— Ursos ficam para o interior.

Sacudi a cabeça.

— Você está brincando.

Com nossos pés descalços, andamos na direção do mar. O sol brilhava, transformando o horizonte com tons de laranja e vermelho enquanto brilhava como diamantes na água.

— Quando ele ficou doente, minha atitude mudou. Você sabe, você sempre pensa que tem para sempre. Quando percebi que não tinha, parei de ser uma adolescente. Cresci, mais rápido que alguns. Eu tive que encaixar cinquenta anos com o meu pai em dezessete. Eu havia sido distante, e tinha pouco tempo para compensar isso.

Frankie parou de andar e segurou minha outra mão. Segurando as duas, ele sorriu para mim. As cores do céu refletiam em seu olhar azul-claro.

— Você o amava.

Não era uma pergunta, mas acenei com a cabeça, segurando as lágrimas.

A verdade era, não havia conversado sobre isso com ninguém em anos. Robyn era minha colega de quarto no primeiro ano, e tudo estava fresco demais. Ela sabia a história, mas não disso. Beth também sabia algumas partes. Esses

sentimentos mantive para mim mesma.

Ele apertou minhas mãos.

— Aposto que ele sabia.

— Espero que sim. Também acho que vendo Mamãe e Eric no final de semana passado me lembrou que preciso ser melhor com minha mãe. Já perdi um pai, quero manter ela e Eric.

Soltando minhas mãos, Frankie colocou as suas no meu rosto e segurou meu olhar com o seu.

— Eu não acho que gosto de você, Rae. — Antes que pudesse responder, sua voz ficou rouca. — Eu sei que gosto. Eu me importo com meus pais, mas como disse, quero viver minha própria vida. A boa notícia é que eles dois te amaram. Mamãe mal podia esperar para conversar depois que te levei para casa.

Meus olhos fecharam, e quando eles abriram, ele ainda estava ali, segurando meu rosto.

— Também gostei deles.

— Gostaria de dar tempo para nós dois.

Acenei com a cabeça.

— Não estou certo do que eu deveria perguntar, mas gostaria que nós fossemos exclusivos.

Um sorriso levantou minhas bochechas.

— Eu também.

Quando seus lábios encontraram os meus, me apoiei nele. Meus seios se achataram contra seu peito enquanto colocou os braços em volta de mim e me puxou ainda mais para perto. Por um momento, um momento mágico, só nós existíamos. Com um pôr do sol ardente e ondas batendo em nossos pés, o mundo parecia certo.

O céu escureceu enquanto voltamos para nosso piquenique.

— Fale sobre a minha surpresa — ele disse quando nós dois sentamos e completamos nossas taças de vinho.

— Um pedaço grande de bolo red velvet com cobertura de cream cheese.

A mão de Frankie foi para seu peito.

— Meu favorito. Como você sabia?

— Você acreditaria que vi você comendo na confeitaria da faculdade?

— Você estava me observando?

Calor preencheu minhas bochechas.

— Sim.

34

RAE

— Tive um excelente dia — eu disse enquanto Frankie andou comigo na direção da porta do meu apartamento depois de nosso piquenique. Minha declaração não era falsa. Estar com ele fazia algo comigo de uma maneira nova, uma maneira que não senti, bem, nunca. Nós não éramos crianças, como eu era no ensino médio. A vida era diferente.

Isso significava que eu achava que Frankie era o meu para sempre?

Eu não podia responder isso. Eu podia dizer que gostava que ele era meu agora.

— Você quer entrar? — perguntei.

— Se a Robyn não achar ruim.

— Ela está bem.

O apartamento estava mais escuro do que esperei quando abri a porta e a empurrei para dentro.

— Ela já deve estar dormindo.

Frankie olhou seu relógio.

— Não são nem onze horas.

Levantei meu dedo para os lábios quando acendi a luz.

— Vou fechar a porta do quarto.

Andei silenciosamente pelo corredor, meus pensamentos estavam na praia, no vinho, na comida e Frankie. Enquanto sentia que estávamos levando tudo devagar, também sentia que cada movimento que fazíamos era monumental. Era como se nós dois quiséssemos ir em frente, mas erámos tímidos demais para isso.

Segurei a maçaneta. A luz do corredor iluminava o chão e a cama. As cobertas estavam mexidas, mas a cama estava vazia.

— Robyn? — chamei, entrando no quarto.

Depois de checar o banheiro e o armário, desci novamente o corredor.

— Robyn?

Frankie saiu da cozinha com uma garrafa de água.

— Ela não está na cama?

— Não — eu disse, meus lábios franzindo. — É estranho. — Fui para a porta da frente e a abri. — O Chevy dela estava exatamente no mesmo lugar. — Meu carro não está aqui.

— O que? — Frankie perguntou. — Por que ela usaria o seu carro?

Eu corri pelo corredor e abri a gaveta que sabia que Robyn usava para guardar sua bolsa.

— A bolsa dela está aqui.

— Ela usa seu carro sempre?

— Não. Nunca. Bem, nunca até agora.

— Por que você não tenta ligar para ela?

Acenando com a cabeça, peguei meu telefone em minha bolsa e selecionei o nome dela. Escutei três toques e sua mensagem de voz. Tentei novamente. Mesmo resultado. — Meu olhar encontrou o do Frankie.

— É estranho.

— Você tem que trabalhar amanhã. Você tem as chaves do carro dela? Posso te pegar.

— Não, tenho que estar lá até às três. Você estará na vinícola. — Corri para o quarto e olhei na bolsa de Robyn. Quando olhei, senti um pouco como se estivesse invadindo a privacidade dela, mas novamente, ela pegou meu carro… — Encontrei as chaves dela, eu disse, levantando o controle remoto.

— Onde estavam suas chaves?

— Penduradas em um gancho na cozinha. Talvez ela só tenha precisado sair correndo para alguma coisa. — Levantei a aba de sua bolsa. — O telefone dela está aqui.

— Isso é estranho.

Me abracei e sacudi a cabeça.

— Isso não é normal para Robyn. Sei que ela está passando por algo, mas ela não desaparece. E por que levar meu carro?

Frankie pegou o telefone no bolso de sua calça jeans.

— Você tem o telefone do Parker?

— Aposto que tem no telefone da Robyn.

Alguns minutos depois, desliguei a ligação.

— Você está certo. Ele não terminou com ela. Ele não falou com ela desde que ela veio embora. Ele disse que mandou mensagens, mas ela não as respondeu.

— Ele disse o que aconteceu entre eles?

Sacudi a cabeça.

— Só que ele não sabe por que ela veio embora.

— Vou ficar com você.

— Frankie…

Ele segurou minha mão.

— Não assim, Rae. Gosto da Robyn, e você está chateada. Vou só ficar

aqui, e quando ela chegar, vou para casa.

Frankie estava certo, estava chateada. Não fazia sentido, nada disso.

— Você podia ligar para a polícia, — Frankie disse quando colocamos um filme antigo que vi provavelmente 25 vezes. — E comunicar uma pessoa desaparecida.

— Posso? — perguntei. — Ela não deve estar desaparecida a mais tempo?

— Um carro também desapareceu. Você poderia comunicar isso.

Me recostei no sofá ao lado de Frankie, pensando o quão ridículo era que podia comunicar um carro antes de uma pessoa.

— Não quero que ela se encrenque. Tenho certeza de que tem uma explicação lógica.

Meus pensamentos estavam mais em Robyn do que no filme que começou.

Quando meus olhos abriram, Frankie e eu éramos um emaranhado no chão da sala e o sol estava entrando pelas portas da varanda.

— Merda.

Ele acordou no susto, se sentando.

— Eu te disse que o filme era chato.

A excitação de acordar ao lado dele foi imediatamente coberta pela preocupação.

— Ainda nada da Robyn.

Frankie passou a mão no rosto e levantou.

— Você liga se eu fizer café?

— Por favor. Preciso fazer algumas coisas.

Ele sorriu.

— Eu também. Vou fazer café primeiro.

Andando pelo corredor, perguntas reviravam em meus pensamentos. Eu não podia entender o que estava acontecendo. Robyn deixou Parker sem motivo. Ela faria o mesmo comigo?

Acho que não.

Não acho que ela deixaria. Ela também não iria embora com meu carro.

Foi quando saí do banheiro que vi o alarme no rosto do Frankie.

— O que foi?

Ele levantou o rosto do telefone.

— Teve um avanço no caso da Scarlett Barrack. Meu pai disse para encontrá-lo no escritório. Falou que você também deveria ir.

— Como seu pai sabe sobre isso?

— Aparentemente o conselho administrativo do Cliffs foi notificado.

— O que isso significa?

— Não sei — Frankie admitiu.

Meu telefone tocou. Na tela estava escrito Departamento de Xerife de Woodland.

Virei a tela na direção de Frankie, deixando-o ler as palavras antes de atender.

— Alô — eu disse com um pouco de trepidação.

— É a Rae Watson?

— Sim, sou Rae.

— Srta. Watson, nós precisamos que você venha até a delegacia.

Minhas mãos começaram a tremer.

— E-eu não estou com meu carro.

— Nós podemos mandar um policial para seu endereço. — Cobri o telefone. — Eles querem que eu vá até a delegacia. Você me leva?

— Sim — ele disse. — Vou mandar uma mensagem de texto para meu pai.

— Tenho um amigo que pode me levar. Está tudo bem?

— Por favor, venha rápido.

— Talvez você devesse ligar para Eric? — Frankie recomendou quando saímos do meu apartamento.

— E falar o quê?

Frankie sacudiu a cabeça.

— Não sei, mas meu pai vai nos encontrar na delegacia.

— Não entendo o que está acontecendo.

Olhei para baixo quando meu telefone começou a vibrar. Eu tinha ligações perdidas de Beth e uma de Chad. Meu telefone vibrou novamente. Era McKenzie.

— O que está acontecendo? — Frankie perguntou.

— Três ligações seguidas de pessoas do trabalho.

— Talvez você deva ligar para eles de volta?

— Se eles querem que eu chegue mais cedo, posso dizer, ah, depois do departamento do xerife.

A cidade de Woodland estava ganhando vida enquanto o dia começava. Pessoas andavam nas calçadas, entrando e saindo de cafeterias, e carros se moviam pelas ruas como se não tivessem nuvens pesadas no céu prestes a chover. Meu estômago roncou quando entramos no estacionamento da delegacia.

Para o quão cedo era, fiquei um pouco surpresa de ver pessoas aglomeradas perto da porta. Uma das mulheres entrou na minha frente.

— Senhorita, você está aqui por causa do sequestro?

Frankie segurou minha mão e me puxou na direção das portas antes que eu pudesse computar a pergunta.

Sequestro?

Paramos na recepção e falamos com uma mulher de uniforme.

— Olá, sou Rae Watson. Recebi uma ligação…

Ela me interrompeu e levantou.

— Por favor, venha comigo.

Olhei para Frankie e de volta para a policial.

— Meu amigo pode ir comigo também?

— Não, sinto muito. Ele precisará esperar aqui fora.

— Licença. — Uma voz alta veio da entrada. Virei e vi o Sr. Hamilton. Ele não estava sozinho. Tinha uma mulher bem-vestida ao seu lado, uma que eu não reconhecia.

— Policial, essa é Ruth Hamersley.

Eu já escutei esse nome.

Foi no country club?

Não conseguia pensar.

Sr. Hamilton continuou:

— A Sra. Hamersley é advogada da Srta. Watson.

— Minha advogada?

— Você não pode interrogar minha cliente — Sra. Hamersley disse, dando um passo para frente — sem representação.

A policial levantou as mãos.

— A Srta. Watson não está sendo interrogada.

— E-Eu ainda a quero comigo — eu disse, mais do que feliz em aceitar a ajuda que Sr. Hamilton achou que eu precisava.

Nervosamente, olhei para minha nova advogada quando segui a policial. Até aquele momento, não considerei porque estava aqui. Quando a policial abriu a porta, eu estava completamente despreparada para o que vi.

Enrolada em um cobertor, com seu cabelo uma bagunça, hematomas no rosto e curativos em seus pulsos e tornozelos, estava minha amiga.

— Ah meu Deus, Robyn — eu disse quando corri na direção dela.

— Rae. — Lágrimas escorriam por suas bochechas. — Ele pensou que eu era você. Ele ficava me chamando de Rae.

— Quem?

35

RAE

Três meses depois – Final de semana do Dia do Trabalho

— Como estão as aulas, Rae? — Audrey perguntou enquanto a ajudava a carregar tigelas de comida para a mesa do lado de fora.

O quintal era belo, com a piscina brilhando na luz do sol, as mesas arrumadas, e o oceano como perfeito pano de fundo.

— Elas acabaram de começar, mas você sabe, são aulas — disse com um sorriso. — Estou animada por este ser meu último ano.

— Frankie também está.

Acenei com a cabeça. Sabia o que Frankie estava pensando. Desde o início de junho, ficamos mais próximos. Na verdade, ele agora estava morando comigo, escova de dentes e tudo.

— Você realmente faz esse piquenique todo ano? — perguntei.

— Gosto de receber as pessoas.

— É tanta comida.

Seus olhos azuis brilharam.

— Bem, tenho um segredo, se você prometer não contar.

— Amo segredos… Bem, costumava amar.

— Esse é benigno — ela sussurrou. — Embora você saiba que amo cozinhar, não fui eu que fiz essa comida. Encomendei tudo.

— Nunca vou contar.

Nos últimos três meses, conheci melhor os pais de Frankie, e com cada encontro — incluindo o do anúncio de Frankie sobre sua mudança de endereço — eu gostava mais deles. Audrey realmente era uma bela mulher, por dentro e por fora. Não só ela era uma excelente cozinheira e uma mãe maravilhosa para Frankie e sua irmã mais velha, ela ia além para todo mundo.

Era natural para ela.

Susan, irmã de Frankie, estava aqui para a festa. Ela morava em Napa. Três anos mais velha que Frankie, ela já havia entrado no mundo da Hamilton Vinícola e Vinhedo.

Audrey interveio como amiga e conselheira aposentada depois do sequestro. Ela até convidou Robyn para ficar na casa deles. Mesmo Audrey não clinicando mais como terapeuta licenciada, ela conseguiu dar a Robyn um lugar seguro, um onde Robyn pudesse trabalhar além dos limites de sua experiência.

Era como Audrey chamava — *o limite*.

De acordo com ela, o limite era o precipício onde a pessoa tem que tomar uma decisão — dar um passo para trás ou se jogar. Não era como se todos os precipícios fossem como os a beira mar perto de Woodland. A maneira que ela descrevia, o limite era feito para ser rompido. Foi isso que Audrey ajudou Robyn a fazer, a seguir em frente.

Ela também me ajudou.

Eu me sentia culpada, sabendo que eu era o alvo.

Minha piada contínua com Robyn sobre sermos gêmeas definitivamente perdeu sua graça.

Um homem chamado Richard Reynolds foi preso pela morte de Scarlett Barrack. Seu caso ainda não foi julgado, tem vários advogados famosos envolvidos. Foi o avanço no caso da Scarlett que salvou Robyn. Depois que ela foi arrancada da minha cama em meu apartamento e meu carro foi levado — a polícia acreditava que o carro foi levado para criar a farsa de que fui embora da cidade — Richard a levou para sua casa.

Tecnicamente, a casa pertencia a Henri Turner.

Quando os assistentes do xerife chegaram na residência para levar Richard para ser questionado no caso da Scarlett, eles também tinham um mandado permitindo que eles revistassem a casa. O que eles encontraram era como um show criminal doentio. Richard havia acorrentado Robyn em um largo trinco na suíte mais distante do resto da casa. Era por isso que seus tornozelos estavam tão machucados.

De acordo com os relatórios, mais ninguém na casa estava ciente das atividades do Richard. Acontece que sua derrocada foi uma pequena evidência que ele deixou intencionalmente com Scarlett antes de matá-la — o bebê que ela carregava possuía o DNA do Richard.

— Audrey, tem mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? — Robyn perguntou.

— Não, Robyn, por favor, descanse.

— Estou bem.

— Posso ajudar também — Parker disse quando veio atrás da Robyn, colocando os braços em volta de sua cintura. — Você deveria escutar a Sra. Hamilton — ele sussurrou quando colocou a mão na barriga dela.

Ao contrário da situação com Scarlett, esse bebê estava ficando mais forte a cada dia. Descobrir que estava grávida foi o que fez Robyn fugir de Long Beach. Quando Parker soube o que aconteceu e sobre o bebê, ele ficou ao lado de Robyn. Olhar para eles dois me fazia sorrir.

Frankie deu um passo pra frente e puxou minha mão até dar um beijo

rápido em meus lábios.

— Você não é uma garçonete, Rae. Você também pode relaxar.

Eu não era uma garçonete.

Depois do que aconteceu com Robyn, entreguei minha carta de demissão, com efeito imediato, e não coloquei mais os pés no Cliffs. Aceitei o conselho de Robyn e aceitei um trabalho de meio período na creche. Guardei a maior parte do dinheiro das gorjetas, e com meu novo colega de apartamento, estava tranquila pelo resto do ano.

A Sra. Maxwell me contatou algumas semanas atrás e perguntou sobre a minha formação. Negócios e economia na Cal State chamou a atenção dela. Ela confessou que o conselho administrativo estava interessado em fazer mudanças significativas e propôs que deveria ligar para ela no início da primavera. Ela disse que durante nossa breve conversa, ela enxergou o tipo de executiva que poderia ajudar a modernizar o Woodland Cliffs. Enquanto Bernie Maze ainda era diretor financeiro, Max Kluser não era mais funcionário.

Eu não achava que aceitaria a oferta, mas a ideia de ser uma parte efetiva de uma mudança positiva era atraente. Também havia a possibilidade de um emprego com a Vinícola Hamilton em meu futuro. Eu não estava pronta para tomar essa decisão. O maior obstáculo era o novo parceiro de Mitch.

Falando dele, ele estava andando na nossa direção, com sua nova namorada em seu braço. Depois que Richard foi preso, a vida de Henri Turner deu uma virada, ou como Audrey diria, ultrapassou o limite. Ele vendeu sua casa, concordou com uma divisão equitativa em relação à sua participação nas Indústrias Turner, conheceu uma nova mulher, e anunciou sua parceria com a Vinícola Hamilton.

— Rae, é bom te ver — Henri Turner disse com um aceno de cabeça.

— Sr. Turner.

Depois de um momento de conversa formal, Frankie pegou minha mão e me levou na direção da casa.

— Você não gosta dele, não é?

— Ele tem uma energia.

— É por causa de tudo que ele passou. É triste que as pessoas pensem o pior. Papai disse que Henri estava tão destroçado quanto todo mundo ao saber do que estava ocorrendo em sua casa.

— Não entendo como o deixaram de fora.

Frankie deu de ombros quando entramos na cozinha. Sua voz baixa.

— Reynolds confessou. Foi Reynolds também que engravidou Scarlett.

— E não podiam os dois estarem envolvidos?

— E você diz que Robyn assiste muitos programas criminais.

— Prefiro podcasts.

Me prensando contra o balcão, Frankie segurou na borda, me prendendo entre seus braços fortes.

— A água salgada degradou a evidência, exceto pelo bebê. Reynolds também encomendou móveis para o quarto, e funcionários da casa lembraram dele pegando comida. Eles só nunca questionaram.

— Os móveis eram pra mim — eu disse com o estômago revirando.

Ele chegou mais perto, seu corpo como meu escudo. Sua voz declarou minha segurança como ele fez desde que Robyn foi levada.

— Reynolds está na cadeia, Rae. Todas as evidências apontam para ele. Você e Robyn estão seguras. — Ele olhou para o quintal. — Mamãe disse que ela espera que dê certo para Sarah e Henri. Ela pensa que Sarah será boa para Henri. Quem sabe, ela também o ajudará a seguir em frente.

— Se você me perguntar, Sarah deveria estar com medo.

— Henri não é assim. Na verdade, ele não tem emoção. Eu o conheço há um bom tempo.

Não tem emoção.

Não escutei isso sobre assassinos em série?

Talvez estivesse escutando muitos podcasts.

De volta ao quintal, parei de mãos dadas com Frankie e observei os convidados interagindo. Me concentrando nas coisas positivas da vida, absorvi a vista estonteante, meu olhar indo para o oceano e voltando. Mais uma vez, estava maravilhada por ser uma convidada aqui no lar dos Hamiltons, bem-vinda e amada.

— Lembra quando você disse que nem todos os sócios do Cliffs eram babacas.

O sorriso do Frankie brilhou na minha direção.

— Acho que disse babacas *arrogantes*, mas sim.

— Henri Turner é um deles. Você o conhece como um igual. Ele tem uma coisa com superioridade. Eu o servi o suficiente no Cliffs para poder dizer com certeza. Não sei o que Sarah vê nele. — Dei de ombros. — Talvez filhos. Eles não estão ficando mais jovens.

— Filhos, não — Frankie disse quando descemos para o tapete de grama verde.

— Como você sabe disso?

— Escutei meus pais conversando. Henri Turner não pode ter filhos, algo sobre febre escarlate na infância.

Scarlett?

Um tremor desceu pela minha coluna.

36

RAE

Seis semanas depois

— Não posso acreditar que estou de volta aqui — disse, olhando em volta do salão de jantar do Cliffs.

Frankie colocou a mão em volta da minha cintura, me puxando para seu lado.

— Agora você é uma convidada.

Eu era.

Depois de decidir aceitar o convite dos Hamiltons para participar do Evento da Colheita desse ano no Woodland Cliffs, Audrey insistiu que me juntasse a ela para fazer compras. O passeio daquela tarde resultou no vestido e sapatos que estava usando agora. Enquanto eles eram muito mais confortáveis do que o que as garçonetes usavam, eram tão altos quanto.

— Henri Turner estará aqui? — perguntei em um sussurro quando a recepcionista que não reconhecia nos levava para nossa mesa.

Os lábios de Frankie sorriram, mas seus olhos se encheram de preocupação. Aquela emoção era por mim. Ele sabia como me sentia sobre o novo parceiro de negócios de seu pai.

— Ele não está. Papai disse que ele e Sarah estão no barco deles.

Barco.

Henri e Sarah Turner se casaram recentemente, e o barco deles era na verdade um iate. Com uma equipe e tudo mais.

Ele não estará aqui.

Soltei o ar quando o peso do possível encontro saiu dos meus ombros.

— Relaxa. — Frankie beijou minha bochecha antes de puxar uma cadeira para mim.

Depois que estávamos todos sentados, a recepcionista informou que Beth seria nossa garçonete.

Minha testa franziu quando virei para Frankie.

— Beth? Ela me mandou uma mensagem de texto dizendo que estava se mudando.

— Talvez seja outra Beth.

— Rae — Audrey disse, mudando meu foco. — Estamos tão felizes que você concordou em se juntar a nós. O Evento da Colheita é um dos maiores

eventos aqui no Cliffs.

— Quando Frankie era pequeno, ele só queria saber da competição de escultura em abóboras — Mitch disse.

— Ganhei dois anos seguidos — Frankie disse com um sorriso.

— Dois anos? — questionei. — Como você escondeu esse segredo de mim?

Audrey se inclinou para a frente.

— Venha conversar comigo qualquer hora. Vou te contar tudo. Até tenho fotos.

— E vídeos caseiros — Frankie completou. — Recomendo você evitar as horas das minhas performances no coral.

— Sr. e Sra. Hamilton — Beth disse segundos antes de seus olhos encontrarem os meus. — Rae.

— Achei que você tivesse se mudado.

— Me mudei. Mas estou de volta. — Ela sacudiu a cabeça. — Sinto muito. Sou a Beth — ela disse novamente para a mesa toda. — Estou aqui para servi-los hoje à noite. Podemos começar com as bebidas?

Algo estava estranho com minha amiga. Quando a observei falando, vi que perdeu peso e estava mais pálida do que antes.

Onde ela foi?

— Rae, você gostaria de uma bebida?

O uso do meu nome me tirou de meus pensamentos.

— Uma taça de Chardonnay. Me liga.

Com um sorriso, Beth acenou com a cabeça e foi embora.

— Vocês duas se conhecem? — Audrey perguntou.

— Ela é a amiga que me conseguiu o emprego aqui. Nós nos conhecemos na faculdade comunitária e nos transferimos para Cal State juntas. Mas logo depois que as aulas começaram, Beth disse que estava se mudando. — Dei de ombros. — Ela mandou uma mensagem de texto de que estava se mudando. Foi estranho.

A expressão de Audrey estava confusa.

— Ela deve ter mudado de ideia.

— Não sei o que é, mas ela parece diferente.

— Talvez ela esteja desconfortável em te servir, uma amiga dela — Frankie sugeriu.

— Você, provavelmente, está certo.

Quando a noite progrediu, vi mais pessoas que costumava trabalhar junto. Chad veio na mesa. O apresentei para Frankie. Até McKenzie parou para dizer oi. Os vendo me fez me sentir mal sobre quando saí do trabalho, também

perdi contato com meus colegas de trabalho e amigos.

Em um certo momento, Mitch e Audrey foram na mesa dos Turners para parabenizar a Sra. Turner por sua nova nora. Foi então que notei que Sra. Turner-Maxwell estava obviamente grávida. Pensando em sua boa oferta para trabalhar aqui depois de me formar e o quão amigável ela foi comigo, estava feliz que ela e seu marido estavam esperando uma criança.

— Posso te trazer uma sobremesa? — Beth perguntou quando as louças do jantar foram removidas.

Sacudi a cabeça.

Em todo o tempo que trabalhei aqui, nunca comi a comida, nada mais que uma beliscada. Nosso jantar estava delicioso. Depois que Mitch disse a Beth que terminamos pela noite, ele sorriu para Frankie e para mim.

— Vocês gostariam de tomar um aperitivo após o jantar lá fora no pátio? — O sorriso dele cresceu. — Escutei que as abóboras desse ano estão espetaculares. — Ele abaixou a voz. — Eles usam moldes e estênceis. Nada como quando você foi campeão.

Frankie olhou para mim e inclinou a cabeça.

— Você gostaria de ver as esculturas desse ano?

Sabendo que não viraria uma esquina e daria de cara com Henri Turner, tornou mais fácil aceitar.

— Como posso negar a oportunidade de ser vista com um bicampeão de esculturas em abóboras?

A brisa de outono agitava as luzes brancas e laranjas nas árvores quando nós quatro fomos para o pátio lateral. A linha de esculturas de abóboras era inacreditável. Os entalhes eram elaborados e pareciam feitos profissionalmente, não criados pelos filhos dos sócios. Algumas abóboras tinham rostos, enquanto outras eram personagens da Marvel e da DC.

Com um fogo flamejando na mesa em nossa frente, nós quatro nos sentamos em sofás macios.

— Sempre amei esse pátio — Audrey disse.

Cheguei mais perto de Frankie e olhei em volta nos aglomerados de sofás e mesas com fogueiras. Além do parapeito, as ondas batiam nos penhascos rochosos.

— Nunca vim aqui fora antes.

— Sério? — Frankie perguntou.

— Não nesse pátio. Eu só trabalhei no clube por mais ou menos um mês. Eu estava no salão de jantar ou na Sala Terçã.

Mitch sacudiu a cabeça.

— Veja, se eu soubesse que você era a Rae do Frankie…

Eu sorri para o belo homem com seu braço em volta de mim, pensando em como era estranho que gostava de ser referida como a Rae do Frankie.

— … como um membro do conselho, teria lhe aconselhado contra a Sala Terçã.

— As gorjetas eram fantásticas.

— Bem, querida — Audrey disse — quando você comandar esse lugar, poderá diminuir a testosterona naquela sala.

Eu ri.

— Não acho que eu vá comandar o Woodland Cliffs.

— Ashleigh Maxwell está de olho em você — Mitch disse. — Aquela mulher pode ser tenaz. — Ele abaixou a voz — Como a mãe dela.

— Falando nessa família — Audrey disse — aquela não é Sarah com Ashleigh?

Nós todos viramos quando os pelos do meu braço levantaram.

Era Sarah, Sarah Turner. Ela parecia animada já que suas mãos se moviam enquanto ela falava.

— Eu pensei que você disse que eles estavam no barco? — questionei.

Frankie e eu olhamos para Mitch, que deu de ombros.

— Acho que os planos deles mudaram. — Ele tirou o telefone do bolso. — Vou mandar uma mensagem para Henri e ver onde ele está.

Segurei a mão do Frankie.

— Mãe, Pai — Frankie disse — estamos indo embora.

— Sei que Henri te deixa desconfortável, Rae — Mitch disse — mas trabalhando com ele, posso dizer que tem uma ótima mente para negócios, e que só fala sobre Sarah.

Frankie e eu levantamos.

— Está tudo certo — Frankie disse. — Vemos vocês no domingo. — Ele se inclinou e ofereceu a sua mãe um beijo na bochecha. — Obrigado pelo jantar.

Depois de nossas despedidas, Frankie e eu andamos na direção do estacionamento. Por um momento, parei e olhei para a trilha, uma que estava mais cheia de mato do que na minha primeira noite no Cliffs.

— O que você está pensando? — Frankie perguntou.

— Está vendo aquela trilha ali?

— Sim.

— Ela leva para um caminho bem inclinado para a praia. Os trabalhadores costumavam ir para lá depois de fechar para relaxar.

— Foi de lá que Ellen pulou?

Sacudi a cabeça.

— Não, porque se fosse, as pessoas trabalhando ali — apontei com o queixo na direção do clube — a teriam visto. Eles não viram.

Com minha mão na de Frankie, nós andamos para longe da trilha e na direção de seu carro.

Na manhã de domingo, acordei com os braços de Frankie em volta de mim e ele me puxou para mais perto. Virando até estarmos cara a cara, sorri.

— Bom dia.

— Bom dia.

Meu corpo derreteu contra o dele quando nos beijamos.

O quarto encheu com som de notificações vindo do telefone de Frankie. Com uma risada, me distanciei.

— Alguém está tentando falar com você.

Ele sacudiu a cabeça

— Prefiro te segurar.

— OK, espera aí. Você pode checar seu telefone, e eu volto em um minuto.

Frankie suspirou.

— Está bem.

Quando voltei do banheiro, Frankie estava de pé, telefone no ouvido.

— Você não sabe de mais nada? — Frankie disse e sacudiu a cabeça. — Quando ele se virou para mim, seus olhos azuis-claros estavam redondos e arregalados.

Sentando na beira da cama, esperei ele terminar de falar. Quando terminou, perguntei:

— O que está acontecendo?

— Henri Turner nunca respondeu à mensagem do meu pai.

Dei de ombros.

— E?

— Bernie Maze ligou para meu pai hoje de manhã cedo.

Meus batimentos aumentavam com cada frase.

— Sobre?

Frankie sacudiu a cabeça.

— Eles encontraram o corpo de Henri Turner, na praia, ao sul do Cliffs.

Levantei.

— O quê? Ele está morto?

Frankie acenou com a cabeça enquanto sua testa franziu.

— Sarah parecia chateada ontem à noite no pátio.

As pontas dos meus dedos estavam nos meus lábios enquanto andei de um lado para o outro.

— Depois do Encontro da Colheita. Foi quando Ellen foi encontrada um ano atrás. — Virei para Frankie. — Ela estava noiva de Henri e agora foi Henri que eles encontraram.

— O conselho está tendo uma reunião de emergência.

— A Sra. Turner não está no conselho?

— Papai disse que ele irá ligar depois da reunião.

37

ASHLEIGH TURNER-MAXWELL

Um mês depois

— Obrigada por me encontrar aqui, Sarah.

Minha cunhada acenou com a cabeça.

— Eu não deveria ter vindo aqui naquela noite.

— Você estava chateada. Fez a coisa certa em vir falar conosco. Você estava preocupada.

Sarah olhou em volta do salão de jantar do Cliffs e abaixou a voz.

— Não consigo acreditar que ele se foi.

Me recostei enquanto meu filho se mexia dentro de mim.

— Sarah, sinto muito. Eu sempre estava preocupada com meu irmão. Eu sempre temi que ele faria algo. Eu nunca imaginei que ele tiraria a própria vida. Está sendo difícil para toda a família, estou certa, especialmente para você. Vocês dois ainda estavam se conhecendo.

Sarah apertou os lábios antes de responder.

— Seu irmão era… — Ela respirou fundo. — Quanto mais eu aprendia, menos eu sentia que o conhecia. A equipe disse que Henri estava bebendo. Continuo esperando que tenha sido um acidente, que ele simplesmente caiu do barco.

— Sra. Maxwell, Sra. Turner.

Virei para a bela ruiva.

— Olá.

— Meu nome é Beth. Estou aqui para servir vocês. Vocês gostariam de uma bebida?

Coloquei a mão sobre minha barriga estendida.

— Limonada.

— Estou feliz que você está de volta — Sarah disse para Beth.

Os lábios da garçonete curvaram em um sorriso.

— Estou muito feliz de estar de volta.

— Seu tempo fora foi o que você esperava?

— Não, Sra. Turner, mas tudo acabou bem. — Seu olhar ficou por um momento em Sarah. — Sinto muito pelo acidente do seu marido.

Sarah sentou mais reta.

— Obrigada, Beth. Vou tomar uma taça de Cabernet.

Beth acenou com a cabeça e foi embora.

— Você a conhece? — perguntei.

— Não realmente. Nós nos ajudamos uma vez. — Sarah sacudiu a cabeça. — Fico feliz que você me convidou aqui. Henri me contou que o Cliffs queria criar uma bolsa de estudo para os funcionários no nome de Scarlett Barrack.

— Sim, nós conversamos sobre isso.

— Eu gostaria de oferecer uma porção do seguro de vida de Henri para começar essa bolsa de estudos.

— Sarah, você não…

— Não estou aberta à discussões sobre isso. Acho que é a coisa certa a fazer. — Sarah sorriu. — Henri iria querer isso.



Obrigada por ler NO LIMITE.

SOBRE A AUTORA

Aleatha Romig é uma autora *best-seller* do *New York Times*, *Wall Street Journal* e *USA Today* que vive em Indiana, EUA. Ela cresceu em Mishawaka, se formou na *Indiana University*, e no momento vive ao sul de Indianápolis, mas também passa parte do ano em Braderton, Flórida, EUA. Antes de se tornar autora em tempo integral, trabalhava durante o dia como dentista e passava as noites escrevendo. Agora, quando não está imaginando surpreendentes voltas e reviravoltas, gosta de passar o seu tempo com amigos e familiares, incluindo seus adorados netos.

Aleatha lançou seu primeiro livro, *Consequences*, em agosto de 2011. *Consequences* se tornou uma série best-seller com cinco livros e mais dois no mesmo universo, lançados entre 2011 e 2015. A épica e envolvente história de Anthony e Claire Rawlings agraciou mais de meio milhão de leitores digitais. Sua próxima série, *Infidelity*, que não é sobre traição, entrou nas listas de mais vendidos do *New York Times*, *Wall Street Journal* e *USA Today*. Aleatha desde então lançou mais de trinta e cinco livros em vários gêneros: romance dark, suspense romântico, thriller e comédia romântica. Ela voltou às suas raízes sombrias com a nova trilogia *Sparrow Webs*, que conta com *Web of Sin*, *Tangled Web* e *Web of Desire*, além do e a série *Devil's Duet*, com *Devil's Deal* e *Angel's Promise*.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @GiftBoxEditora

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui: https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9

Sumário

1. Início
2. Capítulo 1
3. Capítulo 2
4. Capítulo 3
5. Capítulo 4
6. Capítulo 5
7. Capítulo 6
8. Capítulo 7
9. Capítulo 8
10. Capítulo 9
11. Capítulo 10
12. Capítulo 11
13. Capítulo 12
14. Capítulo 13
15. Capítulo 14
16. Capítulo 15
17. Capítulo 16
18. Capítulo 17
19. Capítulo 18
20. Capítulo 19
21. Capítulo 20
22. Capítulo 21
23. Capítulo 22
24. Capítulo 23
25. Capítulo 24
26. Capítulo 25
27. Capítulo 26
28. Capítulo 27
29. Capítulo 28
30. Capítulo 29
31. Capítulo 30
32. Capítulo 31

33. Capítulo 32
34. Capítulo 33
35. Capítulo 34
36. Capítulo 35
37. Capítulo 36
38. Capítulo 37
39. Sobre a autora
40. Sobre a The Gift Box